

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Curso de Dança Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

Chagas Abertas:

O corpo nos rituais de Umbanda

Jéssica Oliveira de Carvalho

Pelotas – RS

2018

Jéssica Oliveira de Carvalho

**Chagas Abertas:
O corpo nos rituais de Umbanda**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus

Pelotas, 2018.

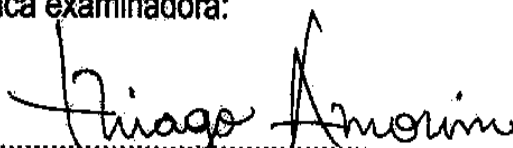
JÉSSICA OLIVEIRA DE CARVALHO

Chagas Abertas:
O corpo nos rituais de Umbanda


Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciada em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 01 de março de 2018

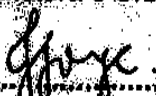
Banca examinadora:



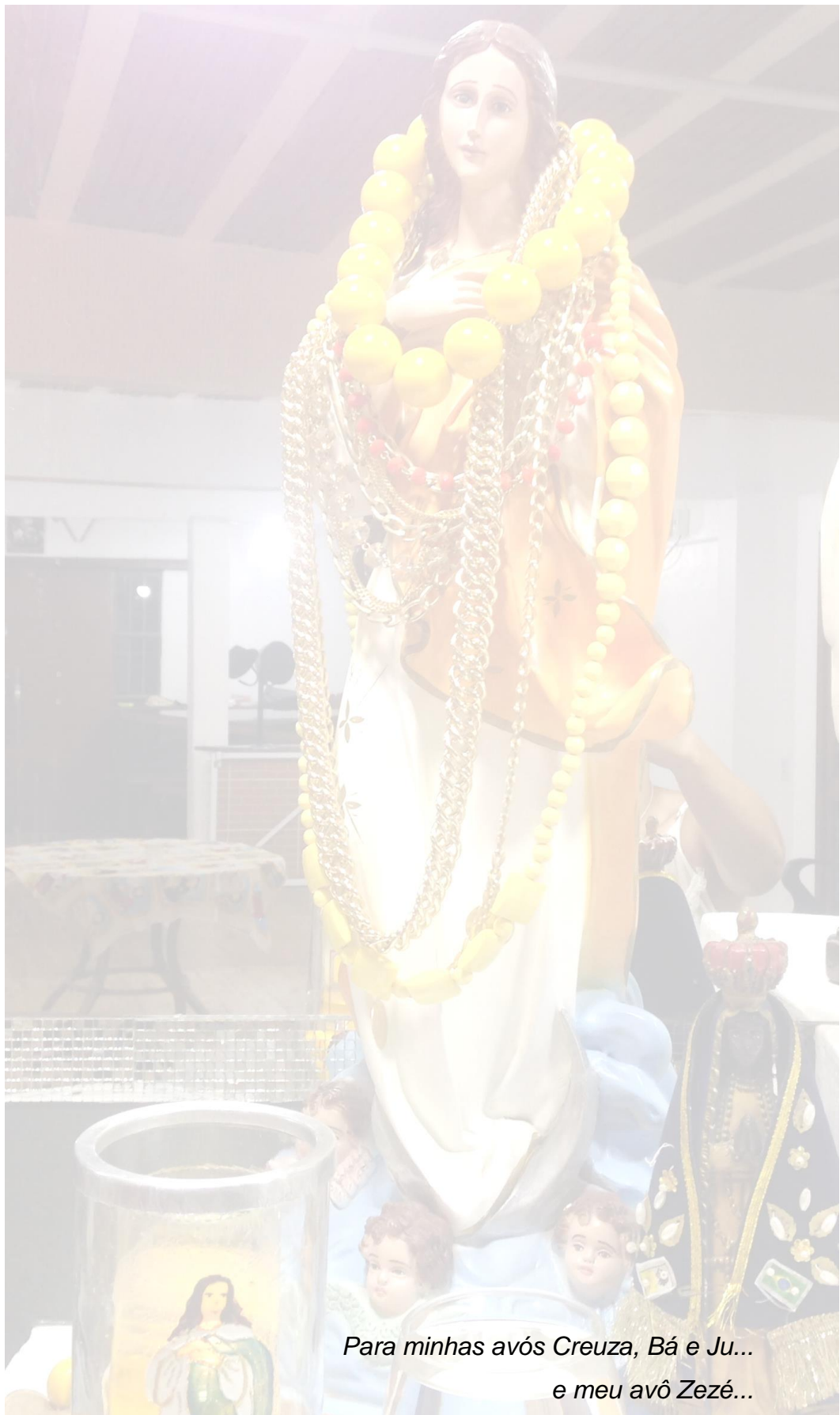
Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus (Orientador)
Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina



Prof.^a M.Sc. Débora Souto Allemann (Avaliadora)
Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas



Prof.^a Esp. Jaciara Jorge (Avaliadora)
Especialista em Educação e Estudos Culturais pela Universidade Luterana do Brasil



*Para minhas avós Creuza, Bá e Ju...
e meu avô Zezé...*

Agradecimentos

- A Deus pela minha vida e pelas conquistas e todo o Povo Espiritual (de Oxalá à Bara) por me ampararem, por me darem colo quando foi preciso, por me mostrarem o melhor caminho a percorrer, por nunca desistirem de mim e por me protegerem.

- Ao meu “papis” Cicero Carvalho e a minha “mamis” Maria das Neves por absolutamente tudo. Por me incentivarem a não desistir, por botarem os meus sonhos antes dos de vocês, por abdicarem da minha presença em prol do meu futuro, por me apoiarem mesmo sem entender o futuro e me ensinarem que nós podemos tudo que nós queremos bastar ter fé, força de vontade e carácter. Os amo, incondicionalmente!

- Ao Gordo, meu irmão Allan Oliveira, que desde minha infância sempre foi meu grande incentivador e modelo de ser humano. Por você nunca ter deixado eu desistir do meu sonho e ter me feito fazer aquela prova do curso técnico em dança. Como te amo!

- A Família Ogum Sete Espadas por me acolherem e mostrarem que nunca estive sozinha, obrigada pelos ensinamentos diários e disponibilidade.

- Aos meus Caciques pela confiança, disponibilidade, apoio e incentivo. Obrigada pelo acolhimento, por me fazerem ter uma família e me permitirem um pequeno registro da história que vocês estão construindo, a qual tenho muito orgulho de fazer parte. Meu eterno agradecimento!

- Ao meu amor, companheiro, amigo e namorado Mateus Pucinelli por entender minhas ausências e mesmo assim me ajudar em cada gesto, cuidado, me acompanhando nas madrugadas de estudo, e, principalmente me respondendo prontamente a cada dúvida. Obrigada por ser quem é, te amo, vi!

- A minha “Grande família” e a minha Família por cada abraço dado, pelas despedidas, pelos incentivos e me fazerem voltar a Pelotas cada vez mais forte.

- A Obra Social André Marcel por ter me feito um ser humano melhor e ter me constituído tanto. Carrego cada aprendizado, cada pessoa, por toda minha vida, vocês plantaram uma semente e hoje ela está germinando. Tia Aline, és uma peça

muito importante desse xadrez, me ensinou tanto sobre a dança e principalmente me confiou um dos trabalhos mais lindos da minha vida, do qual me orgulho até hoje. Muito obrigada!

- Aos “migleses” que costumo dizer que quanto mais longe, mais sei que são dos meus: Gordinho, Japa, Nana, Nego e Nagel. Pela amizade e confiança de sempre, vocês são parte disso e parte de mim.

- Aos amigos que aqui cruzaram meu caminho na terra do doce e fizeram dessa caminhada mais leve, mais estimulante, mais verdadeira e mais dançante: Nine (“Vó” e mãe Carmen), Jana, Lari, Duda, Carol, Beliza, Lud, Sabrina e Naiane vocês são parte disso.

- Ao orientador Thiago Amorim por ter aceitado essa empreitada e ter encontrado ferramentas para que pudéssemos tratar de algo tão delicado com tanto rigor e clareza. Obrigada por cada ensinamento.

- Ao Victor Oehlschlaeger, José Resende e Sabrina Manzke por ter colocado o cuidado de vocês no meu trabalho e ajudado a construir ele.

- A Dança por me constituir e ter me ajudado a ver a vida de uma forma mais humana, mais artística, mais feliz, mais movimentada. Obrigada pelas viagens e pelo privilégio de ter conhecido tantas pessoas importantes. Que eu siga te honrando mesmo que as coisas continuem assim meio difíceis.

“Às vezes me atrapalho; às vezes sou divertido; às vezes sou mal humorado; Tenho humor ácido (característica muito forte em mim); Opinião alheia, nunca fez diferença pra mim e nunca fará. Sou sarcástico, dom natural. Não necessito provar nada pra absolutamente ninguém; nunca precisei. Minha consciência é tranquila. Às vezes choro, assim como posso rir das minhas próprias atrapalhões. Sou a contradição, sou a paz, sou guerra, sou amor, sou a confusão, sou tudo num só, porém muito verdadeiro! Sou filho de Xangô e não poderia ser filho de outro Orixá. Sou exatamente o que ele é, amor incondicional ao meu Pai”.

Guardião

Resumo

CARVALHO, Jéssica Oliveira de. **Chagas Abertas: O corpo no ritual de Umbanda**. 2018. 145f. Trabalho de Conclusão de Curso (Dança Licenciatura) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O presente trabalho tem como tema propulsor o corpo na Umbanda. Isso acontece, pois a pesquisadora tem envolvimento pessoal com essa religião o que aproxima a percepção sobre o objeto desse estudo: o corpo. Tem como objetivo principal (re)conhecer e refletir acerca do comportamento dos corpos dos participantes de/em rituais religiosos do Centro Espírita de Umbanda Ogum Sete Espadas. O contexto foi selecionado devido a pesquisadora ser frequentadora desse espaço, tornando-se agente de pesquisa no seu espaço de prática religiosa. Seu processo metodológico perpassa pela autoetnografia, sendo de característica qualitativa com recursos audiovisuais e entrevistas, no olhar de observadora-participante. Os objetivos específicos são: estudar características específicas de rituais umbandistas das Linhas de “Preto-velho” e “Povo de Rua”; descrever rituais pré-liminares, liminares e pós-liminares associados a estas Linhas; identificar e comparar o comportamento do corpo nestes rituais e perceber o olhar sobre os conceitos de dança e de movimento presentes no referido contexto. Os Pretos-velhos são entidades cultuadas na Umbanda assim como o Povo de Rua. As características dos “vôs” – como são conhecidos os Pretos-velhos – são de um arquétipo de uma pessoa idosa e que carrega consigo marcas da escravidão. Já o chamado “Povo de Rua” contempla entidades espirituais como os Exus, Zés Pilintras e Pombas-gira, que são o Povo da noite. São senhores e senhoras que carregam a marca dos antigos cabarés. Tem como um dos rituais pré-liminares a troca de velas e bebidas do conga e assentamento: As velas são retiradas e substituídas por novas, assim como, as bebidas. Iniciando pelos Orixás e seguindo para os outros Povos. As velas são de 7 dias especificamente para cada Orixá e para cada povo. São servidas bebidas como: água, guaraná, vinho, champanhe e cachaça. Os Pretos-velhos utilizam majoritariamente o plano médio ou baixo e sua movimentação é vagarosa, de pouca potência, já o Povo de Rua usa o nível alto e sua movimentação é ágil e com muita energia. Foi constatado que a dança é utilizada como meio de manifestação das entidades estudadas e considerada conceitualmente no contexto em que foi vista, com um papel principal em ritual de limpeza do ambiente e do aparelho no terreiro.

Palavras-chaves: Umbanda; Antropologia da Dança; Ritual; Corpo.

Abstract

CARVALHO, Jéssica Oliveira de. **Open Sores: The body in the Umbanda religious rituals**. 2018. 145 p. Monography (Dance Course – Major Degree), Arts Center, Federal University Of Pelotas, 2018.

The following paper has as its main theme of study the role of the human body inside the Umbanda religion. Its justifies itself because the author-researcher has personal involvement with the referred religion, what closes up the perception over the current subject of study: the body. This paper has as its main objective to know, reknow and reflect on how the human body of those who take part in the religious rituals performed at the *Centro Espírita de Umbanda Ogum Sete Espadas* react. The context was selected due to the fact of the author-researcher being a member of the quoted group, becoming, in due of this, an agent of research on its own space of religious *praxis*. Its methodological process goes through (own) ethnography, using interviews and audiovisual resources of qualitative characteristics, by the eyes of the observer-participant. Its specific objectives are to study the characteristics of the Umbanda religious rituals at the “Preto-velho” and “Povo da Rua” segments, describing the rituals taken before, during and after those segments, besides identifying and comparing the behaviour of the human body inside those rituals, taking a glimpse over dancing and moving inside this context. The Pretos-velhos are worshiped deities inside the Umbanda religion, as well as the Povo de Rua. The “Grandparents” – as the Pretos-velhos are called inside the Umbanda religion – characteristics are the archetype of an elder person who carries with it self the marks of those who were enslaven. The Povo de Rua, on its turn, contemplate the *Exus*, *Zé Pelintras* and *Pomba-Giras* deities, better known inside the Umbanda religion as “The People Of The Night”. They are lords and mistresses that carry with them the marks from the ancient cabarets. They have as one of its preliminary rituals the exchange of candels and drinks once served on the “conga” and on the “assentamento” – altars in the Umbanda religion. The once burned candles are replaced by new ones, as so as the drinks, beginning by the *Orixás* (Umbanda’s higher deities) and going on to the other deities. The candles have a seven-day long burning, and are lightened one for each specific Orixá and following deity. Drinks served in these rituals include water, *guaraná*, wine, champagne and sugarcane liquor. The *Pretos-velhos* use mostly the medium or the low plane of acting, and its moving is slow and of low force; the *Povo da Rua*, on its turn, use a high plane of acting, and its moving is agile, with high force. It was stated that dancing was used as a way of manifestation of the studied deities, considered conceptually in the seen context. Dancing, by the way, takes a main part inside the cleansing ritual of the environment and of the participant of the Umbanda religious rituals inside the *terreiro* – name given to the place where these rituals take place.

Key-words: umbanda; dancing anthropology; rituals; body.

Lista de Figuras

Figura 1	Orixá Oxalá.....	27
Figura 2	Orixá Iemanjá.....	27
Figura 3	Orixá Oxum.....	27
Figura 4	Orixá Iansã.....	28
Figura 5	Orixá Ogum.....	28
Figura 6	Orixá Xangô.....	28
Figura 7	Orixá Oxóssi.....	28
Figura 8	Orixá Xapanã.....	29
Figura 9	CEU Ogum Sete Espadas na antiga sede da Rua Major Cícero.....	32
Figura 10	Terreno antes de ser construído o terreiro no endereço atual.....	34
Figura 11	Dois filhos de CEU Ogum construindo o novo terreiro.....	35
Figura 12	Conga de CEU Ogum Sete Espadas.....	35
Figura 13	Assentamento de CEU Ogum Sete Espadas.....	36
Figura 14	Fachada da terreira CEU Ogum Sete Espadas.....	40
Figura 15	Primeiros registros de trabalho abertos ao público.....	42
Figura 16	Abertura do trabalho de Preto-velho.....	59
Figura 17	Momento do passe na Linha de Preto-velho.....	61
Figura 18	Gira de desenvolvimento na Linha de Preto-velho.....	62
Figura 19	Vestimenta usada pelo Povo de Rua no trabalho de CEU Ogum Sete Espadas.....	63
Figura 20	Exu Tiriri ao centro da roda iniciando os trabalhos espirituais	65
Figura 21	Momento do passe na Linha do Povo da Rua	65
Figura 21	Pomba-gira Rainha Cigana conduzindo a gira de desenvolvimento da corrente.....	67
Figura 22	Preta-velha Rita dando suas últimas palavras para os médiuns incorporados, corrente e assistência.....	71

Figura 23	O modo de andar dos Pretos-velhos.....	81
Figura 24	Pomba-gira Cigana Rainha das Sete Encruzilhadas mostrando seu virtuosismo em cambré segurando uma taça de champanhe	82
Figura 25	Exu Tiriri utilizando da capa para a projeção do movimento na gira	83
Figura 26	Dança coletiva dos Exus com os corpos dispostos em frente ao tambor	84
Figura 27	Exu Maré e Maria Padilha das Almas dançando a dois	84

Lista de Tabelas

Tabela 1	Tabela dos Orixás cultuados no contexto da pesquisa.....	27
Tabela 2	Sujeitos pertencentes ao CEU Ogum Sete Espadas.....	38
Tabela 3	Rituais Pré-liminares.....	72
Tabela 4	Rituais Liminares.....	75
Tabela 5	Rituais Pós-liminares.....	79

GLOSSÁRIO

Por se tratar de um tema específico trago esse glossário para elucidar alguns conceitos que envolvem o contexto de terreiro de Umbanda. Através dele você pode acessar alguns significados de expressões ou palavras muito utilizadas em terreiros e até mesmo do lugar pesquisado. As referências utilizadas para completar esse espaço, estão contempladas no final deste trabalho, além das considerações da própria pesquisadora.

Aparelho: Designação frequentemente atribuída aos indivíduos, pelos Espíritos desencarnados, quando se referem aos corpos pelos quais se manifestam. Podem ser chamados de cavalos, também.

Assentamento: Assentamento é o local onde são colocados alguns elementos com poderes mágicos, com a finalidade de criar um ponto de proteção, defesa, descarga e irradiação. Bem como o lugar onde ficam imagens que representam as entidades dos Exus e Pombas-gira.

Assistência: Conjunto de pessoas que assistem a um evento público, neste caso, sessão espírita.

Banho de descarga: É feito o cozimento de ervas para limpar o fluido pesado que adere ao corpo, como um suor invisível. Similarmente conhecido como banho de descarrego.

Baralho Cigano: Esse baralho tem a função de ler o passado da pessoa, ver o presente e enxergar o futuro e somente pessoas com mediunidade consegue interpretar as cartas e fazer o jogo.

Bater cabeça: É o ato de submissão no sentido de que você está reconhecendo a hierarquia do terreiro e está disposto a obedecer às doutrinas daquele templo. Além

de ser um gesto que significa pedir licença para iniciar os trabalhos espirituais dentro de um terreiro.

Cacique: Orientador(a) espiritual de um terreiro que trabalha incorporado ou não. Igualmente identificado como Pai/Mãe de Santo.

Cambono: Auxiliar de Médiuns de Incorporação, quem tem a incumbência de auxiliar o culto.

Conga: A palavra gongá é de origem banto e é utilizada no ritual de Umbanda para denominar o “altar sagrado” existente dentro do terreiro. Este altar, Congá ou gongá, como é chamado, é composto de imagens de santos católicos, Caboclos, Pretos-velhos e etc.

Corrente mediúnica: Quem pertence ao nicho do ritual umbandista. Conjunto que engloba os Cambonos, quanto Médiuns e Ogãs.

Defumador: Atua pelas vibrações do fogo e do aroma, pela fumaça e pelo movimento. Atrai entidades benéficas, afasta as indesejáveis, exercendo uma influência purificadora sobre organismo.

Egum: Nome genérico dos espíritos dos mortos. Associados, normalmente, a espíritos de pouca luz sem desenvolvimento espiritual.

Entidade: São os espíritos que enviam mensagens para a terra através de um corpo.

Enviação: Estes influenciarão as características psíquicas da pessoa. No entanto esses Orixás só guiarão e orientar a pessoa durante o encarne que ela vive no momento. Sinônimo de Filiação e Orixá de frente/cabeça.

Falange: O mesmo que legião, conjunto de seres espirituais que trabalham dentro de uma mesma corrente (linha). Subdivisão das linhas de umbanda, cada uma com suas funções definidas e dirigidas por um “chefe” – espírito superior.

Família de religião: O coletivo de pessoas que pertencem ao terreiro e se entende como família. Tendo os Caciques como pais e os outros médiuns como filhos, caracterizando os membros de uma família.

Filho de Fé: Designação do médium iniciante ou não.

Gira: Sessão religiosa, com cânticos e danças para cultuar as entidades espirituais.

Guia Espiritual: Entidade espiritual, espírito superior. Alguns são o guia protetor do templo, outros do médium. Geralmente o guia do terreiro incorpora no dirigente espiritual do templo. Considerados guias as linhas que trabalham na Umbanda.

Guia: É um colar de contas de cor(es) simbólica(s) de uma ou mais linhas. Fica em ligação fluídica com as entidades espirituais das linhas que representa. Desvia, neutraliza ou enfraquece os fluidos menos apreciáveis.

Ibejada: Conjunto dos Guias Espirituais chamados de Ibejis e Cosmes, pois são regidos por Cosme e Damião (irmãos que foram médicos cuidadores de crianças). Crianças essas que desencarnaram e hoje faz o trabalho espiritual representando esse povo.

Lei de Umbanda: Doutrina, preceitos e ensinamentos da religião Umbanda.

Linha: Linhas energéticas da Umbanda (seria as linhas de trabalho espiritual): Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Iemanjá, Iansã, Oxum. Cada uma delas, dessa forma representaria, no mínimo, uma cor, e uma vertente de energia natural e espiritual, como: céu, terra, água, fogo, mar, mata e almas. As linhas se convergem, por muitas

vezes, para o autor as linhas da Umbanda são as sete vibrações de Deus(a), as sete formas de representação divina.

Médium: Pessoa que tem a faculdade especial de servir de intermediário entre o mundo físico e espiritual. Termo do espiritismo, adotado pela Umbanda.

Mediunidade: Existem três tipos de mediunidade no momento de incorporação e a diferença está na característica de cada médium.

Médium consciente: Quando durante o fenômeno de possessão tem consciência plena do que está ocorrendo.

Médium inconsciente: Em que o espírito deixa completamente inconsciente o aparelho, com tomada integral de todas as faculdades biopsicomotoras.

Médium semiconsciente: Fenômeno pelo qual os espíritos agem conjuntamente com a psique, podendo apagar certas lembranças, portanto, o aparelho tem consciência de quase tudo que acontece no trabalho.

Ogã: São naturalmente e normalmente os homens aptos a tocarem o atabaque/tambor.

Orixá: Divindades da religião iorubana, intermediárias entre os devotos e a suprema divindade. (...) Simbolizam forças naturais, e é lógico que suas atribuições sejam confundidas no entusiasmo dos fiéis.

Passe: Através do médium incorporado, as entidades emitem vibrações que anulem as más influências sofridas pelos fiéis, através de feitiço, olho gordo, inveja, etc. e abrem os caminhos para a prosperidade.

Pemba: Instrumento utilizado para realizar o Ponto Riscado, tem proximidade com bloco de giz.

Plano espiritual: Vulgarmente conhecido como céu é o nome dado pelos estudiosos e seguidores da Doutrina espírita para a realidade extra-física onde os espíritos se encontram.

Ponto cantado: Vibrações dos sons vocalizados, acompanhados normalmente com tambor, servem de chamada para os seres espirituais. Os pontos cantados são como “chaves vibratórias” que influem no tom vibratório do ambiente e das pessoas que nele se encontram.

Ponto riscado: Desenho emblemático ou simbólico. Atrai, com a concentração que determina para ser traçado, as entidades ou falanges a que se refere. Tem sempre uma significação e exprime, às vezes, muitas coisas, em poucos traços pelo instrumento de escrita a Pemba (bloco de giz).

Povo Baiano: Guia Espiritual que caracteriza os padrões dos baianos mandingueiros, feiticeiros, calmos e malemolentes.

Povo Cigano: Guia Espiritual que simboliza o povo nômade vindo do oriente com o poder de ler o futuro. Cultua a figura de Santa Sara Kali.

Povo de Caboclo: Guia Espiritual que leva o esteriótipo dos nativos brasileiros, sendo os espíritos mais próximos aos Orixá, carregando grande luz e evolução espiritual.

Povo de Exu: Guia Espiritual representando a falange do homem das encruzilhadas, porque onde há encruzamento de estradas, ou de ruas, lá esta Exu. Pertence ao conjunto Povo de Rua, chamados de Donos/Senhores da Rua.

Povo de Pomba-gira: Guia Espiritual chamada de Senhora da Noite. Elucidam o modelo de mulheres que foram prostitutas ou sofreram um tipo de violência e vem

junto ao Povo de Rua e encontra-se nos mesmos lugares e trabalha espiritualmente junto ao Exu.

Povo de Preto-velho: Guia espiritual que carrega o arquétipo do negro africano escravizado pelos portugueses no Brasil. Aqueles que no tempo da escravidão eram pais e mães de santo, até mesmo fiéis e retornaram através dessa figura de avós e avôs da Umbanda.

Terreira/Terreiro/Centro: Casa religiosa de cura espiritual que pratica o bem e o amor ao próximo, com referência Olorum (Deus) e sua manifestação dos Orixás através dos guias de luz.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
INTRODUÇÃO	22
1 LEVANDO AO MUNDO INTEIRO A BANDEIRA DE OXALÁ.....	25
2 EU TENHO SETE ESPADAS PARA ME DEFENDER	37
3 PEGO A PEMBA, PONHO A GUIA, BATO CABEÇA	50
4 PENSA NUMA ESTRADA LONGA, ZIFIO: PERCURSO METODOLÓGICO.....	58
5 ANTES DE FAZER AS SUAS DANÇAS, IAM FAZER OS SEUS AGRADOS.....	62
5.1 Caracterização e organização dos rituais do CEU Ogum Sete Espadas.....	63
5.2 O antes, durante e depois do corpo	72
5.3 Corpo nos rituais de Umbanda.....	85
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
APÊNDICES	102
ANEXOS	107

APRESENTAÇÃO

Hoje está um céu azul imenso, quase me abraçando, como costuma ser no verão, só não está tão quente e me passa um filme na cabeça de como tudo aconteceu. Há quatro anos sai da minha metrópole, mais conhecida como Terra da Garoa e vim parar no extremo sul do país.

Olhando para esse céu percebo que tudo aconteceu da forma que deveria ser, cada coisa no seu lugar, cada momento no seu tempo e sou muito grata a tudo que me ocorreu desde o início do ano de 2014 até agora.

Esqueci de dizer o motivo que me fez chegar aqui. Na verdade, foram vários. O propulsor foi minha vontade de fazer uma faculdade pública de dança, independente do lugar, mas de preferência em um lugar novo e diferente do que eu estava acostumada.

Eu não sabia que existia uma federal no sul do país que tinha curso de dança, mas no último dia do SISU minha mãe me ligou, contou que encontrou essa faculdade, e que inclusive, eu passaria direto e não ficaria em suplência como estava na Federal da Bahia. Naquele momento pensei: “para quem iria para a UFBA ir para UFPEL não mudaria muita coisa”.

Realmente mudei a opção da faculdade e acabei passando em 2º lugar no curso de dança da UFPEL. Agora estou aqui, quase me formando no tão sonhado curso e percebendo a trajetória que a Terra do Doce me proporcionou. Nitidamente o curso de dança me constituiu de forma a me transformar dentro dele, principalmente quando se diz brasilidade, pertencimento, cultura, ancestralidade, dança, corpos, apropriação... folclore.

Isso aconteceu, mais precisamente, durante as aulas de História e Teoria da Dança IV e Laboratório de Danças Folclóricas. Culminaram em meus estágios obrigatórios, onde meu primeiro estágio aconteceu baseado na história em quadrinhos elaborada em HTDIV sobre a dança folclórica Engenho de Maromba e os demais estágios aconteceram com a mesma temática, sem me dar por conta.

Minhas escolhas e desejos também colaboraram com a construção dessa trajetória tanto como bolsista de extensão e ensino vinculadas ao Núcleo de Folclore da Universidade Federal de Pelotas, quanto bailarina por 2 anos e meio da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras.

Concomitantemente a cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul tem uma cultura que é fomentada e experienciada diariamente. Seja em festivais, em grãos, em palestras, em eventos, em apresentações, em arquitetura, em diversos modos. O que me marcou desde minha chegada na cidade é a cultura negra (in)existente nessa cidade.

Pensar sobre a cultura negra e suas consequências na atualidade eu sempre pensei, porém reflexiva e atenta ao meu redor, foi Pelotas que me despertou. Tudo começou com um registro em 2014/1 onde assisti a uma palestra do coletivo Frente Negra contando alguns acontecimentos da história, da escravização, de alguns pontos turísticos, das consequências desse passado na cidade de Pelotas e a atual negação cultural. Apesar dessa Pelotas negra ser invisível, por onde eu circulei, os casarões que vi e as pessoas que me rodearam não me deixaram esquecer.

Como estudante de outra cidade, tive que fazer algumas mudanças de residências onde, por diversos motivos, a última delas em 08 de agosto de 2015 é a culpada por esse trabalho acontecer. Mudei-me para um lugar que as pessoas costumavam dizer que era muito violento (região portuária), entretanto, nessa casa conheci uma pessoa muito especial.

Desde o começo nossa relação era de irmãos e ela me disse no dia 10 de agosto, que era praticante de Umbanda, e me questionou se eu teria algum problema com isso. Rapidamente respondi que não teria problema, pois eu tinha essa mesma fé, mesmo não frequentando lugares específicos em Pelotas de culto umbandista.

Os dias foram passando e me lembro de não andar muito contente com algumas situações. Cansada, triste, enrolada, resolvi falar com esse amigo que morava comigo para me levar na terreira onde praticava sua fé. Prontamente ele atendeu ao meu pedido e minha primeira ida a esse centro de Umbanda foi dia 31 de outubro de 2015 numa linha de Exu.

Senti-me renovada, como sempre, afinal era ali que minha fé se alimentava. Na semana seguinte acabei não indo, por não estar me sentindo bem. Então na outra semana eu fui tomar outro passe, cheia de fé, cheia de expectativa, pois descobri que ali eu estava bem, me sentindo confortada. Acabei não saindo mais lá.

Foi um mês e meio frequentando a assistência, tomando passe, sem grandes pretensões. Depois de algumas semanas, na Linha de Cigano uma cigana me disse:

Só está faltando você aqui e apontou para dentro do terreiro. Por um momento achei que tinha entendido errado. Como assim eu? Nunca tinha pensado nisso. Desde quando sou médium?

O tempo passou e no meio de dezembro do mesmo ano resolvi conversar com a Cacique do terreiro e saber se ela me liberaria para começar a fazer parte da corrente mediúnica. A única exigência era de que eu deveria iniciar no outro ano para começar com tudo novo. Assim se efetivou. Em 27 de fevereiro de 2016 tornei-me filha do CEU Ogum Sete Espadas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho inicia com o desejo de estudar e entrar no mundo da antropologia da dança, esse universo que ainda está em processo de descoberta. Por me interessar em corpos, por observar corpos e me atentar para a maneira com a qual lidam com o mundo é que embarco nessa pesquisa, mesmo sem saber onde chegaria.

Ela começou efetivamente depois de alguns desdobramentos que não deram certo. Inicialmente a pesquisa falaria sobre corpos indígenas, mas com a dificuldade de encontrar as lideranças e uma posição de não querer me envolver com determinados interesses políticos, resolvi modificar.

Por eu ser praticante da religião de Umbanda, tornei esse meu contexto motivador da pesquisa, começando então a perceber o comportamento do corpo nos rituais de Umbanda, o que se tornou meu tema propulsor.

Quero registrar que a escolha do título se deu de tal forma pois é assim que se iniciam os rituais dentro do terreiro estudado, através da prece que segue na epígrafe e a mesma é “puxada” (entoada) com a referida expressão: “Chagas Abertas”. Por Chagas, entendem-se os polos de energia existentes no corpo humano; e Aberto significa que está trocando energia com o espaço/universo. Aproveito para indicar que ao longo do texto terei a liberdade de escrever na primeira pessoa, por vezes no singular e por vezes no plural, por me contemplar e me entender pertencente ao grupo que estou pesquisando.

Ao decorrer deste trabalho, vou tentar responder a seguinte pergunta: Como se comportam corporalmente os praticantes da Umbanda nos rituais das Linhas de Preto-velho e Povo de Rua no Centro Espírita de Umbanda Ogum Sete Espadas? A integração desse estudo foi feita na Linha de pesquisa do curso de dança chamado: Processos históricos, culturais e políticos, que visa refletir a cultura/história na formação de uma específica dança, assim como já começou a ser explicado.

Este estudo tem como objetivo principal (re)conhecer e refletir acerca do comportamento dos corpos dos participantes de/em rituais religiosos do Centro Espírita de Umbanda Ogum Sete Espadas. Para auxiliar na pesquisa os objetivos específicos são: - estudar características específicas de rituais umbandistas das

linhas de “Preto-velho” e “Povo de Rua”¹; - descrever rituais preliminares, liminares e pós-liminares associados a estas linhas; - identificar e comparar o comportamento do corpo nestes rituais; e, - perceber o olhar sobre os conceitos de dança e de movimento presentes no referido contexto.

Reconheço a hipótese de que o corpo é fundamental para as práticas religiosas no contexto estudado, além de ser fundamental para a funcionalidade da religião de Umbanda. Também acredito na existência e relevância das movimentações corpóreas dos rituais nesse terreiro.

Justifico meu estudo pelo envolvimento pessoal de ser umbandista num local que no contexto da religião enxerga a dança e a necessidade do movimento de algum modo. Como pesquisadora, pretendo legitimar e entender esta condição de corpo/dança nesse contexto marginal (por exemplo, as religiões de matriz ou referência afrodescendente) e também contribuir com esta temática, visto que existem poucos trabalhos que se debruçam diante do corpo nesse lugar. Sendo uma religião relativamente nova – se comparada com outras – logo, ainda pouco desbravada.

Esse registro contém no primeiro capítulo intitulado **Levando ao mundo inteiro a Bandeira de Oxalá** algumas reflexões sobre a antropologia da religião, fé e desemboca na explanação sobre a religião Umbanda, mostrando seus fundamentos gerais. **Eu tenho Sete Espadas pra me defender** é o segundo capítulo, que traz um panorama sobre a história do Centro Espírita de Umbanda Ogum Sete Espadas e seu funcionamento, assim como o modo que a Umbanda é praticada no respectivo local.

O terceiro capítulo **Pego a pomba, ponho a guia, bato cabeça** é o suporte conceitual principal dessa pesquisa, trazendo definições importantes para o desenvolvimento do trabalho como: ritual, rito e corpo e a maneira com que esses elementos se tornam afins. O quarto capítulo **Pensa numa estrada longa, zifio** compreende a abordagem metodológica desse estudo, que se caracteriza enquanto uma pesquisa qualitativa, de caráter autoetnográfico, debruçando-se num estudo de caso que será analítico e descritivo. Os dados foram recolhidos por meio de

¹ Nos capítulos a seguir será abrangido com mais detalhes essas Linhas mencionadas, portanto, mais informações a seguir.

entrevistas com Cacicques do Terreiro e registros audiovisuais no segundo semestre letivo de 2017.

No último capítulo, **Antes de fazer as suas danças, iam fazer os seus agrados**, trago alguns dados que foram possíveis analisar e refletir acerca do que foi apreendido. Esse capítulo é dividido nas seguintes categorias de análise: Caracterização e organização dos rituais; Rituais Preliminares, Pré-liminares e Pós-liminares; e o Corpo nos rituais de Umbanda.

Em respeito à ética, foi utilizado um termo de compromisso explicando que este é um trabalho de caráter acadêmico e, por opção dos entrevistados, não será divulgada a identidade dos mesmos; assim, os nomes serão substituídos e o termo está assinado conforme as necessidades da pesquisa, disponível no Apêndice I, ao final deste trabalho.

Por fim, cabe mencionar que foi criada neste trabalho de conclusão a seção **Glossário** (antes do campo do sumário), a qual visa facilitar a leitura e interpretação da pesquisa, uma vez que o texto utiliza diversos termos e expressões que tem significado e uso bastante contextual e, assim, poderão ser melhor compreendidos.

Boa leitura!

1 LEVANDO AO MUNDO INTEIRO A BANDEIRA DE OXALÁ

Estamos longe de desvendar os mistérios que perpassam esta existência humana, mas procuramos, com esta busca incansável, ficar mais próximos de uma verdade que está para além de nossa compreensão total.

(JUNIOR, 2007, p. 12)

Abro com uma frase emblemática do hino da Umbanda que será tratado mais detalhadamente durante esse capítulo, o qual tecerá brevemente sobre a antropologia da religião, a fé e finaliza na explicação geral sobre a religião da Umbanda, considerada uma religião genuinamente brasileira.

Quando falamos dos brasileiros, pensamos em um povo religioso notoriamente em sua cultura, seu folclore, observando a vasta referência religiosa que existe dentro de suas manifestações, como no Maracatu, Jongo e entre outros.

Ou seja, o brasileiro é marcadamente religioso e isso se reflete em sua vida cotidiana, na capacidade de expressão de múltiplas formas de fé religiosa, de modo que suas condutas e crenças religiosas constituem parte fundamental do ethos da cultura brasileira (ANDRADE, 2009, p. 107).

Começo relatando neste capítulo que embarco no estudo da antropologia, pois acredito no potencial dela e no complemento que ela traz para as pesquisas de corpo na dança e conceitos relacionados a religião.

Dessa forma vislumbro que ora é trabalhoso estudar algo subjetivo, ora não podemos estudar religião pensando na racionalidade íntegra e científica, apesar do esforço plausível para esse acontecimento.

Começamos a dialogar sobre os conceitos necessários para se entender a antropologia da religião. Mary (2014) compreende que o primeiro antropólogo a falar sobre a relação com a religião foi Clifford Geertz que teve o cuidado de não determinar a religião, mas situá-la.

Depois dele outros autores tiveram sua relevância no cenário religioso antropológico e aqui para traçar um panorama da antropologia da religião, uso

Júnior (2007). Ele elenca três palavras como base para compreensão da totalidade desse fenômeno:

Mito, rito e magia são, na verdade, três referências que utilizamos para frequentar um universo altamente complexo: o religioso. Espaço de ligação entre dois mundos que compõe a existência humana e que ganham várias definições nas diversas concepções teóricas e culturais que este mesmo Ser produz em sua história. (2007, p. 11)

Para desvendar esses termos, temos que entender o que significa tais conceitos. Afirmo de antemão que os três fazem parte da religião de Umbanda, arriscando dizer que na inexistência desses elementos, não se constituiria essa prática, podendo mais adiante aprofundar mais sobre esse assunto.

Rubem Alves (1988) dizia que o ser humano e o meio não se desprendem no mito, pelo contrário, havia interdependência entre eles. Tolovi (2011) completa que religião e mito existem pelo mesmo motivo. Além de terem a mesma sistemática: estimula o abandono da desordem, necessita de locutor, fala metafórica, consentimento comunitário, divindade, requer sacrifícios e, existem rituais para a manutenção da lembrança sagrada.

A relação que posso traçar do mito com a Umbanda é diretamente nas histórias que são contadas para que se entenda ou aprenda algo. Como exemplo trago um mito que envolve duas grandes deusas da Umbanda:

lansã tinha muitas joias, que usava com orgulho. Uma ocasião resolveu sair de casa, mas foi interpelada por seus pais. Disseram que era perigoso sair com tantas joias e a impediram de satisfazer seu desejo. Oiá, furiosa, entregou suas joias a Oxum e fugiu voando, rápida, pelo teto da casa, arrasando tudo o que atravessasse seu caminho. Oiá tinha se transformado em vento. (FREITAS, 2012, p. 10)

Explica-se então nesse mito onde se localiza a energia concentrada de cada Orixá descrito, seja lansã no vento ou Oxum no mar. Pode perceber também as características de cada Orixá nesse mito que é o caso da vaidade de Oxum e a força de lansã. Sendo assim é que vão sucedendo o entendimento dos elementos.

Entramos no segundo ponto que é a significação de ritual/rito que serão tratados igualmente nesse texto. De acordo com Silva e Lüdorf (2012) “a ideia dos ritos, regidos pela decisão coletiva e dotados de um tempo e de um espaço, se

caracteriza, portanto, pela necessidade do indivíduo, de transformar o mundo e a si mesmo com o intuito de viver em sociedade” (p. 1109).

Completo com as ideias de Jesus (2013) que compreende como:

modo de existir da linguagem que, por ser fundamentalmente social, constrói uma forma peculiar de abordar os temas da vida de determinado contexto, articulando hábitos, demarcando crenças, simbolizando transições e papéis, momentos ou mesmo posições políticas, enfim, comunicando de modo verbal ou não-verbal (ou ambos simultaneamente) os princípios e acontecimentos que regem e/ou norteiam os grupos sociais e seus ambientes (p.44).

Pensando a religião da Umbanda que é ritualística os praticantes precisam participar de dados momentos (ritos) para que possam pertencer àquele espaço ou até mesmo atingir um grau maior de respeito na religião. Como por exemplo, o ritual de lavar a cabeça do praticante com ervas como uma maneira de “entregar” sua cabeça aos Orixás e poderem efetivamente se entregar e pertencer aos cultos da casa, como uma espécie de batizado.

Para encerrar, trago novamente Júnior (2007) para definir através de Malinovsky – um dos pensadores desse assunto – o último conceito que precisamos compreender: o conceito da magia. Para isso,

poderíamos ressaltar a condição essencialmente humana deste fenômeno; a impressão é que a mesma é uma dimensão constitutiva do Ser Humano, mas, esta seria a dimensão que imputa ao Ser Humano um poder sobre a natureza e sobre o próprio destino que lhe aguarda (p.11).

Como exemplo de magia na Umbanda, temos as magias sobrenaturais das ervas utilizadas para banhos de limpeza dos corpos. No entanto, as pessoas devem saber manusear e utilizar corretamente para os devidos fins.

Colocado essa maneira de pensar o estudo da religião, verso sobre esse tema compartilhando agora ideia de Saraceni (2007), pioneiro na pesquisa e religioso da lei de Umbanda, que desvenda a diferença de religião para religiosidade, que acredito ser necessário elucidar para essa pesquisa. Pensando sobre a religiosidade ela

refreia os instintos e desperta nas pessoas a reflexão, pois as induz a pensar nas consequências de seus atos antes de cometê-los. Com isso, o comportamento tempestuoso e instintivo é refreado e a razão se impõe sobre a emoção (idem, 2007, p. 18).

Já a religião para Saraceni (2007) é o apoio central de um sistema que designa o ser humano e reuni na volta de uma divindade protetora, amável e difusora das características de Deus, tendo a influência de isentar o ser que se conduzir segundo sua palavra, pois esse é o propósito do Pai Maior. Com isso, religiosidade corresponde a doutrina, ensinamento, código, maneira de como se comportar diante do mundo. Já a religião é o sistema maior, que indica como seguir a vida com o propósito de estar junto de Deus.

Carregando a religião e religiosidade umbandista, vou redigir mais especificamente sobre a Lei de Umbanda, que muitos dizem ser a religião genuinamente brasileira. Antes disso precisamos traçar um panorama sobre a existência de algumas religiões no Brasil que influenciaram para o surgimento da Umbanda. O motivo disso é a explicação do sincretismo religioso² existente nessa prática que acarreta na formação e constituição dela.

A religião a qual vamos tratar aqui começou a ser traçada desde os nativos das terras brasileiras. Digo isso, pois a Umbanda (de maneira geral) tem seu sincretismo nas Pajelanças e se funde com o Catolicismo dos portugueses, o Candomblé dos negros escravizados e na doutrina Kardecista vinda com os europeus.

Antes de o Brasil ser encontrado pelos portugueses, havia nativos nessas terras, que eram os indígenas. Esse povo sofreu forte represaria diante dos portugueses que os queriam escravizar. Como não efetivou essa escravização de maneira passiva, eles os exterminaram. Porém a história foi recontada em um outro momento, quando se deu a religião “genuinamente brasileira”:

De sua raiz indígena a Umbanda recebe o amor à natureza e a influência do xamanismo³ Caboclo e da pajelança, bem como o uso do fumo que é considerado erva sagrada para os índios. Um culto irmão da *Umbanda*, o *Catimbó*, *Jurema* ou *Linha dos Mestres da Jurema*, também realiza trabalhos com entidades espirituais de forma muito parecida com esta, sob influência direta do Toré que é uma prática essencialmente indígena. Toré e

² O CEUPJA não é africanista. Não há, por exemplo, babalaôs ou babalorixás; pais ou mães de santo. No início e durante as sessões se ouvem canções católicas e Jesus Cristo é considerado Mestre. Embora a imagem de Cristo no altar represente o Orixá Oxalá e quem lá frequente possa repertoriar palavras bantas através dos cânticos – e se procurar, certamente encontraria outros elementos– isto sinaliza mais para o sincretismo, isto é, a correspondência entre o Orixá e a imagem do santo católico, que se torna assim o símbolo de uma concepção de Orixá (BRITO, 2012, p. 31).

³ “Encaixando-se o xamanismo na discussão sobre mitologia, os etnólogos definem o xamanismo como ‘sistema cosmológico’, ‘sistema social’, ‘complexo xamânico’” (ROSA, 2011,p. 98).

Jurema são vivos ainda hoje nas tribos Kariri-Xocó, consideradas os guardiões da Jurema. Em conversa com um amigo de uma dessas tribos, o índio Tkainã, o mesmo me esclareceu que Aruanda é a terra da Luz para sua cultura, falada na língua Macrogeu, “coincidentemente”, Aruanda é uma região do Mundo Astral para os umbandistas. Muitas vezes na Umbanda se usa o termo Jurema para identificar um local do mundo espiritual de onde provêm os Caboclos (CULMINO, 2015, p. 32, grifos do autor)

Podemos observar certas características similares de alguns elementos da prática religiosa da Umbanda com os indígenas. Acredita-se que os indígenas têm conhecimento e crença na espiritualidade, pois tem os chamados Pajés. O qual é responsável pela palavra, conhecimento, equilíbrio e medicina voltada a (espíritos da) comunidade (NOLETO, 2012). O que não deixa de ser outra relação encontrada com esses dois nichos, podendo colocar nesse meio a utilização da titulação “Cacique” que para os indígenas é o detentor das regras e ensinamentos da aldeia, assim como dentro do terreiro de Umbanda que também é utilizado esse termo para designar o título do/a dono/a do terreiro.

Começamos a pensar agora no Brasil-colônia, meados de 1500, que tinha como um dos objetivos a proliferação do cristianismo através do catolicismo, pois a partir dele os portugueses conseguiriam fazer o acultramento e por consequência o adestramento dos corpos escravizados. A religiosidade era propagada pelos Jesuítas, através da catequese imposta aos indígenas escravizados e posterior a eles aos africanos escravizados, sem deixar de ressaltar que o tempo de escravidão no Brasil durou cerca de 300 anos.

O cristianismo é a filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental. Há 2 mil anos permeia a história, a literatura, a filosofia, a arte e a arquitetura da Europa. Assim, conhecer o cristianismo é pré-requisito para compreender a sociedade e a cultura em que vivemos. A bíblia é o livro mais lido do mundo, hoje em toda a história humana. (GAARDEN, HELLERN e NOTAKER, 2000, p. 137)

Deixando sua influência perceptível até os dias de hoje, como por exemplo, os feriados voltados às práticas católicas e seus fiéis serem maioria no território brasileiro⁴, as contribuições do catolicismo à prática da Umbanda são as utilizações das imagens de santos católicos, assim como, certos rituais como: o batismo e o casamento.

⁴ Notícia dada no Blog da Revista Veja (AZEVEDO, 2017)

Devido à vinda dos negros africanos escravizados para terras brasileiras, juntamente com eles vieram suas crenças. Com o acultramento⁵ sofrido e religiões impostas, os africanos escravizados, que eram de diversas etnias (Nagô, Jejê, Ijexá, Banto, entre outros), encontraram algumas maneiras de cultuar seus santos, que não eram os mesmos de seus senhores.

Essa fusão de etnias e cultos foram se caracterizando e formando uma espécie de prática religiosa desses negros, que em seus diversos desdobramentos, o mais próximo àquela realidade, é o Candomblé Baiano. “Para a maioria dos estudiosos de Palmares a religião aí existente era formada por um sincretismo no qual entram o catolicismo popular e as crenças africanas, principalmente bantos.” (MOURA, 1993, p. 53)

Existia uma casinha e ali estava arriado São Sebastião e embaixo de São Sebastião tinha uma casinha. E cada um de nós que fazíamos a dança pra os brancos que faziam as rezas, nós fazíamos os pedidos e colocávamos embaixo de São Sebastião, que é Oxóssi, para aqueles que não conhece (informação verbal)⁶.

Um tempo depois em aproximadamente 1800, Allan Kardec, francês, lança seu primeiro livro que se intitula “O evangelho segundo o espiritismo” que traz a crença nos guias espirituais.

Houve aceitação no Brasil a partir de 1884, quando inaugura a Federação Espírita Brasileira (FEB) que traz o reconhecimento da prática e sistematiza a doutrina arraigada. Uma figura importante para o kardecismo no Brasil foi Francisco Cândido Xavier, popularmente conhecido como Chico Xavier. A Umbanda carrega dessa crença, o modo de compreender os espíritos e de acreditar que eles tem ligação com o plano espiritual e podem conduzir a vida do ser humano, respeitando o livre arbítrio.

Depois da explanação do surgimento de três práticas religiosas no Brasil, começamos a falar da Umbanda. Bebendo de outras religiões, influenciada pelos rituais destas, encontrou um jeito de explorar o que mais lhe convinha pra trazer a religião à tona. “Os rituais são múltiplos e em cada um, há uma diversidade cultural, ou seja, cada culto religioso sofre e bebe influências de outras culturas.” (FREITAS, 2012, p. 28)

⁵ A noção de aculturação associava-se também à de difusão, ou seja, a aquisição e a adoção, por uma sociedade, de um fato cultural característico de outra (Panoff & Perrin, 1973, p. 55 *apud* SANTOS e BARRETO, 2006, p. 246)

⁶ Informação dada à pesquisadora no registro audiovisual realizada em 16 de setembro de 2017

A Umbanda como qualquer outra religião, desde seu surgimento, vem sofrendo desdobramentos, como registrado por Flávio Costa apud Cumino (2015): Umbanda de Mesa, Umbanda de Salão, Umbanda de Terreiro e Umbanda Africanista. Para Cumino (2015) existe: Umbanda Branca, Umbanda Pura, Umbanda Popular, Umbanda Tradicional, Umbanda Esotérica ou Iniciática, Umbanda Traçada, Mista e Omolocô, Umbanda de Caboclo, Umbanda de Jurema, Umbandaime, Umbanda Eclética, Umbanda Sagrada ou Umbanda Natural e Umbanda Cristã. Todas elas sofrem as influências das doutrinas citadas anteriormente, mas a diferença entre elas é a predominância e relevância dessas outras religiões nos rituais da Umbanda.

Como pode ser percebido existem diversas Umbanda(s), mas vou me deter a escrever sobre a Umbanda de uma maneira geral, trazendo suas doutrinas e ensinamento que tendem a permear todas essas denominações. Seu marco principal e registro foi realizado no dia 15 de novembro de 1908 por intermédio do até então desconhecido médium Zélio Fernandino de Moraes pelo espírito identificado Caboclo das Sete Encruzilhadas:

(...) me chamou, para sentar a sua cabeceira, que ela tinha uma ordem, fora jesuíta até aquele momento, chamava-se Gabriel Malagrida. Daquele instante ele ia criar a lei de Umbanda aonde o Preto e o Caboclo pudesse manifestar. Porque ele não estava de acordo com a federação kardecista que não recebia pretos, nem Caboclos, pois se o Brasil... o que existia no Brasil? Era Caboclos, eram nativos e no Brasil quem veio explorar Brasil? Trouxe para trabalhar, para engrandecer esse país? Era os pretos da costa d'áfrica. Como é que uma federação espírita não se recebia nem Caboclo, nem preto? Então disse eu, disse o espírito: amanhã na casa do meu aparelho, na rua floriano peixoto, 30 será inaugurado uma tenda espírita com o nome de Nossa Senhora da Piedade, que se chamará tenda de umbanda aonde o preto e Caboclo pudesse trabalhar... (TENSP, 1971, <https://www.tensp.org/audio>)

Isso ocorreu porque a maior distinção da Umbanda para com as outras religiões de matriz africana é a incorporação e culto às entidades enviadas dos Orixás que carregam arquétipos específicos da formação do povo e país brasileiro. Arquétipos esses reconhecidos como nativos indígenas e dos negros africanos que construíram o Brasil abaixo de escravismo.

“A gente respeita as crenças de todas as pessoas, mas a religião, ela começa pelos Pretos-velhos, então ele é o início de todas as coisas” (informação verbal⁷).

⁷ Informação dada à pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017.




Esta consideração da Cacique Ana afirma que foram os negros escravizados (Pretos-velhos) que invocaram a força dos Orixás para serem regidos e cultuados do outro lado do continente africano, o continente sul-americano e a partir deles é que se tem a invocação das entidades que pertencem a essa religião.





Essas entidades seriam enviadas de 7 Orixás do panteão africano, incorporado na religião: Oxalá, Iemanjá, Oxum, Iansã, Ogum, Xângo e Oxóssi que tem seu sincretismo nos santos católicos, que podem sofrer alterações, mas em sua maioria são Jesus Cristo, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição ou Nossa Senhora Aparecida, Santa Barbara, São Jorge, São Jerônimo e São Sebastião, respectivamente.


Os orixás são deuses africanos que correspondem a pontos de força da Natureza e os seus arquétipos estão relacionados às manifestações dessas forças. As características de cada Orixá aproxima-os dos seres humanos, pois eles manifestam-se através de emoções como nós (O CANDOMBLE, s/d).

Agora vou explicar sobre algumas características dos Orixás que pertencem ao culto da Umbanda de uma maneira geral, pois existem lugares que cultuam outros Orixás do panteão africano, para além desses setes. Porém, na simbologia da lei da Umbanda, são sete Orixás principais a serem cultuados, para isso Hellern, Notaker e Gaarder (2000), irá auxiliar:

Tabela 1 – Tabela dos Orixás cultuados no contexto da pesquisa

Orixá	Saudação	Descrição	Imagem
Oxalá	<i>Epa Babá!</i>	O maior dos orixás, entidade andrógina.	 <p><i>Figura 1: Orixá Oxalá</i> <i>Fonte: CARVALHO, 2018</i></p>
Iemanjá	<i>Odoya!</i>	Orixá marítimo, a mais prestigiosa entidade feminina.	 <p><i>Figura 2: Orixá Iemanjá</i> <i>Fonte: CARVALHO, 2018</i></p>
Oxum	<i>Ora ye ye ô!</i>	Orixá dos rios e das fontes, (...) égide das águas doces.	 <p><i>Figura 3: Orixá Oxum</i> <i>Fonte: Carvalho, 2018</i></p>

Iansã	<i>Eparrey!</i>	Orixá sudanês dos ventos e da tempestade.	 <p data-bbox="1050 600 1362 680"><i>Figura 4: Orixá Iansã</i> <i>Fonte: CARVALHO, 2018</i></p>
Ogum	<i>Ogunhê!</i>	Orixá do ferro e da guerra, das lutas, dos embates, das vias de fato.	 <p data-bbox="1050 1016 1362 1097"><i>Figura 5: Orixá Ogum</i> <i>Fonte: CARVALHO, 2018</i></p>
Xângô	<i>Kaô</i> <i>Kabecile!</i>	Divindade das tempestades, raios, trovoadas, descargas da eletricidade atmosférica.	 <p data-bbox="1050 1435 1362 1516"><i>Figura 6: Orixá Xangô</i> <i>Fonte: CARVALHO, 2018</i></p>
Oxóssi	<i>Okê Arô!</i>	Orixá da caça e dos caçadores.	 <p data-bbox="1050 1886 1362 1966"><i>Figura 7: Orixá Oxóssi</i> <i>Fonte: CARVALHO, 2018</i></p>

Xapanã	Abau!	Orixá da varíola. Omolu velho ou Obaluaê moço.	 <p data-bbox="1053 537 1361 627"><i>Figura 8: Orixá Xapanã</i> <i>Fonte: CARVALHO, 2018</i></p>
--------	-------	--	---

Legenda: Imagens das estátuas dos Orixás que integram o CEU

Na lei da Umbanda, os Orixás não são incorporados, pois se acredita que são espíritos de muita luz, logo, com uma força que o corpo humano não teria como conectar-se com tal energia. Por isso eles mandam seus enviados (entidades) que trabalham segundo o Orixá regente. Os Orixás atuam exatamente como discípulos e ajudantes de Deus, também chamado na religião de Zambi.

As entidades enviadas dos Orixás podem ser: Caboclos(as), Pretos(as)-velhos(as), Ciganos(as), Baianos(as), Ibejis/Cosmes, Boiadeiros, Marinheiros, Linha D'água e entre outros, mais detalhes poderemos acompanhar no capítulo 2.

Com suas diversas manutenções a Umbanda também vem cultuando as entidades que são consideradas o Povo da rua, mais conhecido como linha da Quimbanda, onde se encontra Exus e Pombas-gira podendo juntamente cultuar Obaluaê/Omolu e Bará que no candomblé são considerados Orixás.

[...]Senhor Omolu [...] que também caracterizado, pode-se chamar ele também de Orixá, porque pelo lado de Nação ele é Xapanã, então sendo assim. [...] Um senhor, né? Uma entidade muito evoluída e começasse por ele, ele é o dono, na realidade, ele trabalha e se pode dizer: onde mora Omolu? Omolu mora na terra. Omolu é terra (informação verbal⁸).

A doutrina é direcionada no espiritismo, pelas leis kardecistas, crê na reencarnação e na condição do livre-arbítrio. Pregando a caridade, humildade e respeito como mandamentos essenciais para um umbandista.

Carregam a circularidade como uma maneira de andamento dos seus rituais, começando e terminando em roda com os/as pais/mães de santo regendo esses trabalhos. Utilizam, normalmente, vestimentas brancas, sendo saias para o sexo

⁸ Informação dada à pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017.

feminino e calças para o sexo masculino e pés descalços para manter a ligação com o chão, o solo sagrado.

Um hábito comum é “bater cabeça para o santo” ao iniciarem os trabalhos para pedir licença e proteção para Deus e aos Orixás que estão orientando tanto os praticantes, quanto as entidades de enviação. Assim, são feitas orações e pontos cantados saudando aos Orixás e as entidades ao som dos tambores. Algo também característico dos rituais é o Hino da Umbanda que também sofre modificações conforme as procedências:

Refletiu a Luz Divina/Com todo seu esplendor/É do reino de Oxalá/Onde há paz e amor/Luz que refletiu na terra/Luz que refletiu no mar/Luz que veio de Aruanda/Para tudo iluminar/A Umbanda é paz e amor/É um mundo cheio de Luz/É a força que nos dá vida/E a grandeza que nos conduz/Avantes, filhos de fé/Como a nossa lei não há/Levando ao mundo inteiro/A bandeira de Oxalá/Levando ao mundo inteiro/A bandeira de Oxalá (Autor: José Manuel Alves).

Os praticantes recebem o espírito no corpo por meio da incorporação que podem ocorrer de diversas formas, onde o corpo é entregue a alguma entidade. As entidades que compõem o ritual do centro, em algum momento dão passe nas pessoas que frequentam a terreira.

Ao chegarem no terreiro para trabalhar as entidades firmam sua presença nos pontos riscados que significam a firmeza desta entidade. Existem diversos motivos e funções desses pontos e uma delas é a missão da entidade arriada.

Passe dado, trabalhos feitos. As entidades voltam para o chamado plano espiritual e os fiéis, que fazem parte da corrente, terminam fazendo suas orações em agradecimento. Todas as pessoas que frequentam vão embora e está dado por encerrado o culto.

A seguir vamos compreender mais detalhadamente a história e o andamento desses trabalhos do CEU Ogum, além de dar continuidade a explicações que aqui se iniciaram e serão aprofundadas no capítulo seguinte.

2 EU TENHO SETE ESPADAS PARA ME DEFENDER

Chegando-se ao terreiro, não se vai encontrar uma construção com grandes e imponentes portas, localizada no meio de uma praça, sustentada por muitos degraus que a elevem do chão. Ao contrário, localiza-se no fundo de uma residência comum, numa rua comum, entre outras casas comuns.

(BOAES, 2009, p. 57)

O capítulo se intitula com uma parte do ponto cantado do Caboclo Ogum Sete Espadas, entidade a qual leva o nome do centro espírita junto do Orixá Ogum regendo o terreiro. “Ogum é o Orixá que chefia nossa casa, que seria um Orixá guerreiro, de vencer batalha, vencer demandas, e as características da casa acabam sendo muito essas” (informação verbal)⁹.

O terreiro inicia sua trajetória em 13 de agosto de 2001 e neste ano faz 17 anos de trabalhos abertos ao público, nem sempre no mesmo endereço, por isso vou começar contando brevemente sobre como se constituiu esse terreiro de Umbanda na cidade de Pelotas.

A história que escuto dos Caciques é que eles iniciaram na Umbanda como filhos de religião de uma casa de Umbanda que pertencia a família deles, já que tem relação de parentesco como mãe e filho. Esse lugar era chamado de “Janaína Menina” e foi regido pela Tia do Cacique Paulo junto ao pai da Cacique Ana, até seu falecimento. Permaneceram até o ano de 2003 no terreiro de sua tia e com a saída deles a Cacique Ana “começou a jogar o baralho Cigano e fazer trabalhos em casa sozinha, sem frequentar nenhuma terreira” (OLIVEIRA, 2009, p. 26). Com esses trabalhos vinculados a religião, a Cacique Ana manteve contato com pessoas que acreditavam no seu trabalho pelo carteadado e fazendo alguns trabalhos sem público.

⁹ Informação fornecida na Entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017.

Ao mesmo tempo o Cacique Paulo acabou optando por participar de outra casa de religião, também vinculada à família.

Foi então que um desejo antigo de Paulo retornou fortemente, sendo esse, a abertura de um centro de Umbanda em que ele fosse o regente. Por ter havido problemas nessa casa que frequentava saiu e junto dele sua madrinha Solange (ainda filha do terreiro). Assim resolveram juntar-se a Cacique Ana e abriram os três, um terreiro de Umbanda.

Oliveira (2009), filha do CEU Ogum Sete Espadas, escreve uma monografia sobre terreiro Ogum Sete Espadas e utilizo ela para dialogar comigo brevemente sobre o marco dos trabalhos abertos ao público em 2005 desta terreira:

[...] fui visitá-lo enquanto estava doente e lembro que me mostrou as primeiras imagens dos Orixás que haviam comprado. Logo em seguida, Rosa e Rodrigo¹⁰ se mudaram para uma casa onde havia espaço específico para o terreiro (p. 27).

Não tardou muito para, após um mês, eles trocarem de endereço novamente, só que dessa vez ficaram pelo tempo suficiente de se consolidarem como espaço religioso.



Figura 9: CEU Ogum Sete Espadas na antiga sede da Rua Major Cícero.

Fonte: OLIVEIRA, 2009

Abriram os trabalhos numa casa que se localizava na Rua Major Cícero no bairro do Centro na mesma cidade, quando ainda eram quatro pessoas. Esse

¹⁰ A autora Oliveira (2009) utilizou esses nomes fictícios para sua pesquisa. Agora nesse estudo refiro-me a Rosa como Ana e Rodrigo como Paulo para a continuidade desse trabalho.

espaço sofreu alteração de tamanho, de visual, de pessoas (tanto saindo, quanto entrando) e foi se transformando.

Nos anos que seguiram tiveram a primeira grande obra nesse local. Um incêndio ocasionado por uma vela de Ciganos que pegou fogo, queimando parte do conga, até a imagem de lansã. Conta Ana que ao chegar no terreiro para atender uma pessoa, se deparou com o teto de TNT, chão de carpete, parede e parte do conga e algumas imagens queimados. Imediatamente cancelou o atendimento do dia, pois não teria condições físicas e emocionais para tal. Relata também que o fogo parou na imagem de lansã, pois dava para observar a marca do fogo em volta dela mostrando que ela assoprou e apagou o fogo, sem danificar sua imagem e as demais que poderiam sofrer algum dano.

lansã é a Orixá feminino responsável pela força dos raios e do vento, podendo assim conduzir com maestria esse elemento da natureza, que naquele momento, impediu um grande desastre.

Ao ver isso, a Cacique entra em desespero, pois não compreendia o que havia acontecido e não visualizava como solucionar aquele problema. Ainda sem entender, liga para Paulo seguir para o terreiro. Dias depois Ana, ainda desolada, pede para seu irmão de sangue ajudá-la a dar uma varrida no chão, pois havia muita sujeira do incêndio. De repente ela escuta “Ana!” - era a forma que seu pai lhe chamava - “Eu não te criei para ser fraca, ou você recomeça agora ou acabou para você. É sua chance.” Era seu pai emitindo um recado, perante o corpo de seu irmão. Então entraram em momentos difíceis que precisariam das mãos dos filhos de fé para limpar, organizar e reformar o lugar, que naquela época era em torno de 15 pessoas. Aproveitaram para fazer reformas de melhorias de espaço, conforto e aparência. Ali estabeleceram seu espaço, seus trabalhos, fortalecendo o nome da casa e criando sua história.

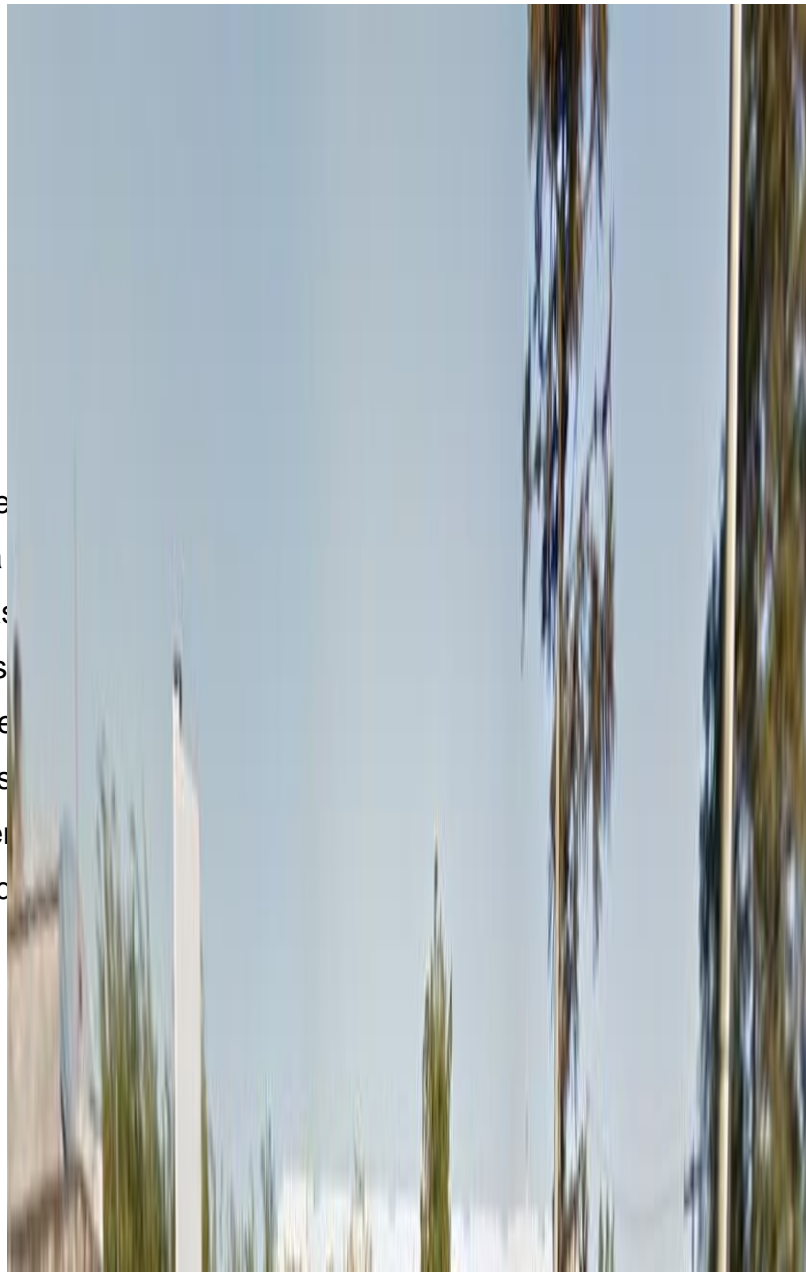
Em meados de 2012, quando a casa completava 11 anos de trabalhos abertos, receberam um documento judicial. Nesse documento dizia que precisava ser desocupada a casa em que alugavam, dentro de um ano. A preocupação tomou conta, mas precisariam encontrar uma solução com urgência. Os Caciques procuraram por toda a cidade, terrenos, casas, espaços em que pudessem adequar o terreiro e nada estava contemplando as necessidades do Centro. Tentaram ajuda de amigos, dos filhos para poderem encontrar um local e nada adiantou. Quando não existia mais saída, Ana resolveu tomar um passe com o Caboclo Ogum Sete

Espadas e perguntar da situação em que se encontravam. Ela conta que ele disse que a nova casa do Povo Espiritual já estava sendo construída, que ela não tinha com o que se preocupar. Dentro daquela semana entraria uma pessoa no terreiro e indicaria o lugar.

Ana sempre teve muita fé, apesar de não encontrar alguma maneira para efetivar essa ideia, mas diz que não duvidou da palavra do mentor espiritual. Então a vida seguiu naquela semana, com aquelas inseguranças e angústias sem compreender o futuro. Ana continuou com seu trabalho no carteadado Cigano, até que uma das pessoas que ela atendia, entra no terreiro. Ela diz que seu pai era dono de terrenos na cidade, que ele dispunha de dois grandes terrenos em bairros afastados. Os Caciques foram imediatamente conhecer os lugares, até encontrar o terreno onde foi construído o terreiro que se encontra em funcionamento até os dias e hoje. Ela conta que ao ver o terreno o seu coração já dizia que ali era o lugar deles.

Mantive
lugar e com a
foram erguidas
e filhos da casa

Existe e
o que for poss
do outro, apre
ensinamento c



ndo no antigo
o. As paredes
dos Caciques

as mãos tudo
o lugar físico,
s faz parte do



Figura 11: Dois filhos de CEU Ogum construindo o novo terreiro

Fonte: <https://www.facebook.com/>

Entende-se também que a doutrina das leis de Umbanda, os ensinamentos, se aprendem não só aos sábados quando os trabalhos espirituais acontecem, mas primordialmente ao frequentar o terreiro fora desses tempos e ao criar um laço de afetividade com a família de religião. Logo, a aproximação e convívio com a família nos tornam frequentemente aprendizes da religião, portanto, o(a) umbandista se configura e age para além dos rituais umbandistas.

Tendo em vista que a Umbanda é uma religião, assim como as outras religiões afro-brasileiras, vivida cotidianamente, cada ação de um filho de religião deve ser pensada também com base na própria religiosidade (OLIVEIRA, 2009, p. 34).



Figura 12: Conga de CEU Ogum Sete Espadas

Fonte: CARVALHO, 2018



Figura 13: Assentamento de CEU Ogum Sete Espadas

Fonte: CARVALHO, 2018

O Centro Espírita de Umbanda Ogum Sete Espadas¹¹ encontra-se atualmente na Rua Marechal Feliciano Mendes de Moraes no bairro Areal da cidade de Pelotas (RS). Neste espaço me entendo como uma filha de religião nova, que já é médium de incorporação e se encontra com quase dois anos de casa. A prática da religião de Umbanda fez parte da minha vida desde pequena, mas me tornei crente dessa fé fazem poucos anos. Porém desde quando encontrei CEU Ogum é que levanto essa bandeira e procuro seguir a vida espiritual. Hoje também sou responsável em aquecer e alongar os corpos antes de iniciar os trabalhos espirituais.

Tem a direção do culto (organização dos trabalhos e definição de ordem e responsável pelo desenvolvimento dos médiuns) realizada pelo Cacique Paulo e

¹¹ Link da rede social Facebook do terreiro em questão. Disponível em <<https://www.facebook.com/Ogum7espadas/>> Acessado em 12/07/2017.

direção geral (organização de estrutura financeira, física e doutrinária) pela Cacique Ana. Conta atualmente com a auxiliar Maria (uma das filhas mais antigas da casa) que organiza as mercadorias necessárias, tanto para os rituais da religião, quanto limpeza do local, bem como, o Ogã Ricardo (o filho mais velho da casa) que é o maior responsável em coordenar os tambores do terreiro. A cozinha e suas peças são de responsabilidade da Flávia que recebe ajuda de alguns filhos da casa também. Essa mesma filha criou o compromisso de limpar e zelar os panos grandes de CEU Ogum, como cortinas e tecidos para decoração.

No total, somos em 33 (contando comigo) filhos dessa casa, que variam com suas funções. Abaixo podemos visualizar a função e característica dos sujeitos, que foi usada como procedimento para análise e panorama das pessoas pertencentes ao contexto.

Tabela 2 – Sujeitos pertencentes ao CEU Ogum Sete Espadas

Sujeito	Idade	Sexo	Escolaridade	Profissão	Tempo de religião	Tempo de casa	Função
1	29	Fem	Mestre	Estudante	5 anos	4 anos	Medium incorporada
2	21	Fem	Superior Incompleto	Estudante	21 anos	1 ano	Cambona
Ricardo	23	Masc	Médio completo	-	10 anos	10 anos	Ogã
4	22	Masc	Superior incompleto	Estudante	15 anos	2 anos e meio	Médium incorporado
5	25	Fem	Superior completo	Enfermeira	6 anos	6 anos	Médium incorporada
6	26	Fem	Superior incompleto	Estudante	3 anos	1 ano	Médium incorporada
7	22	Fem	Superior incompleto	Barbeira	2 anos	2 anos	Cambona
8	22	Fem	Superior incompleto	Estudante	6 anos	1 ano e dois meses	Médium incorporada
9	32	Fem	Superior completo	Recepcionista	7 anos	11 meses	Cambona
10	37	Fem	Superior completo	Estudante	8 anos	7 anos	Médium incorporada
11	36	Masc	Superior completo	Médico	8 anos	8 anos	Médium incorporado
12	38	Fem	Médio completo	Confeiteira	4 meses	1 mês	Cambona
13	16	Masc	Médio incompleto	Estudante	8 anos	8 anos	Ogã
14	27	Masc	Superior Incompleto	Estudante	27 anos	9 anos	Médium incorporado
15	25	Fem	Superior incompleto	Téc em enfermagem	3 anos	3 anos	Médium incorporada
16	33	Masc	Ensino técnico	Téc eletrônico	8 anos	8 anos	Médium incorporado
17	29	Masc	Superior Completo	Advogado	8 anos	8 anos	Médium incorporado

18	53	Fem	-	Aposentada	16 anos	15 anos	Médium incorporada
19	24	Masc	Superior Incompleto	Estudante	3 anos	3 anos	Médium incorporado
20	31	Fem	Superior Completo	Jornalista	7 anos	7 anos	Médium incorporada
Maria	33	Fem	Superior Completo	Vendedora	29 anos	12 anos	Médium incorporada
22	29	Fem	Superior Completo	-	12 anos	12 anos	Médium incorporada
23	33	Fem	Médio completo	Autonoma	10 anos	7 anos	Médium incorporado
24	32	Fem	Ensino técnico	-	32 anos	12 anos	Médium incorporada
25	22	Fem	Superior Incompleto	Estudante	4 anos	3 anos	Médium incorporada
Paulo	30	Masc	Superior Completo	Advogado	21 anos	15 anos	Cacique
Ana	-	Fem	Superior Completo	Psicóloga	-	15 anos	Cacique
28	25	Fem	Fundamental incompleto	Do lar	25 anos	2 anos	Cambona
29	23	Masc	Médio incompleto	Montador	23 anos	2 anos e meio	Cambono
30	73	Masc	Fundamental completo	Aposentado	41 anos	7 anos	Porteiro
31	65	Fem	Médio completo	Aposentada	65 anos	7 anos	Médium incorporada
32	20	Fem	Téc incompleto	Auxiliar Adm	20 anos	1 mês	Cambona
33	33	Masc	Não alfabetizado	-	3 anos	3 anos	Cambono

Às sextas-feiras, todos os filhos que tem a tarde livre, se encontram junto aos Caciques no terreiro para fazer a limpeza física do lugar, limpar as imagens das entidades, além de trocar as bebidas e limparem as louças. Essa limpeza é orientada pelos Caciques e por vezes os filhos mais velhos da casa ajudam a conduzir essa arrumação. Qualquer dúvida que há em relação a esse espaço, os primeiros a serem solicitados são os Caciques, caso eles não estejam, os mais velhos são quem podem responder.

Os trabalhos religiosos acontecem no dia seguinte, aos sábados, gratuito, abertos ao público. Inicia às 20:30 com disponibilidade de fichas até o horário das 21:00 para as pessoas que desejam tomar passe com as entidades que trabalham nessa terreira.



Figura 14: Fachada do terreiro CEU Ogum Sete Espadas

Fonte: <https://facebook.com/Ogum7espadas>

As portas do terreiro são abertas no horário informado e o público que vai assistir senta-se na assistência esperando o momento do passe. Os trabalhos espirituais de atendimento ao público que frequenta acontecem com o auxílio de diferentes funções que existem dentro do ritual como: Cambonos, Ogãs e Médiuns incorporados.

E é muito importante porque, quando nossos trabalhos começam no sábado, ta todo mundo trabalhando, independente do que esteja fazendo, se for um médium já com seu apronte que ta trabalhando incorporado, ele vai ta. Se é um Cambono é camboneando, se é tamboreiro é tocando

tambor. Ta todo mundo cumprindo sua função pra que essa engrenagem possa funcionar. (informação verbal¹²)

Os Cambonos são pessoas que iniciaram seu processo de evolução junto a casa e aos guias espirituais a pouco tempo, estes tem como primeira função servir as entidades que estão na terra e auxiliar o desenvolvimento do trabalho espiritual. Isso se dá quando um/a Cambono/a serve água para as entidades, disponibiliza ervas para estes, e até mesmo assessoram os Ogãs, enquanto estão no tambor, por exemplo.

Já os Ogãs tem a função de tocar os atabaques, os tambores e os afoxés. Eles exclusivamente vão ao trabalho espiritual para tocar e cantar os pontos, que são considerados músicas, das entidades e dos Orixás. Esses toques são para chamar os ancestrais, entidades e os Orixás que regem essa prática. Neste centro os Caciques contam que o atabaque pertence ao Orixá Xangô e é ele quem permite a alguns homens, a responsabilidade por essa função dentro de um terreiro.

[...] cumprimentam o atabaque, que atabaque é de Xângô. Assim, propriamente dito, respeitando o atabaque dele, porque Xângô foi músico, enfim. E assim encantava. Encanta, né? [...] Todas as pessoas com suas músicas com as suas benfeitorias (informação verbal¹³).

Também tem os médiuns incorporados que são as pessoas que tornam o seu corpo o receptor de espíritos, que são enviados dos Orixás, que trabalham no terreiro atendendo as pessoas que vão até lá. Estes passam pela função de Cambono antes de se tornar um médium que trabalha incorporado. Além disto, devem passar por alguns ritos que se entende como a identificação da entidade que ocupa tal corpo. Para isso deve dar algumas informações como nome, enviação e por vezes, tempo de evolução e isso só se da quando o médium consegue se concentrar com tal energia e receber a entidade. Dentro desse grupo estão os Caciques que além de ser a maior autoridade do terreiro, são médiuns incorporados também.

Essas três funções formam o que chamamos de corrente. A corrente é a estrutura, pessoas e elementos que compõem de maneira geral os rituais e sem qualquer uma dessas funções, não se tem a prática ritual umbandista.

¹² Informação fornecida à pesquisadora na entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017

¹³ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017

As linhas que são contempladas primeiramente nos cultos, são as linhas de Exus e Pomba-giras, Ciganos, Pretos-velhos e Caboclos. Subsequentes tem as linhas de Baianos e Ibejis que são tocadas esporadicamente conforme as demandas espirituais da casa e/ou a mando dos Caciques.

A seguir, um depoimento que detalha como são concebidas as Linhas de Entidades Espirituais que trabalham na Umbanda de Ogum 7 Espadas:

Caboclos são os índios, o povo da mata, o povo da praia, o Povo mais próximo [...] dos Orixás, de uma luz mais forte, mais próximo dos Orixás que trabalham pra saúde... pra... abertura de caminho, mas mais basicamente para a saúde física, mental. [...] São muito sérios, eles... a comunicação deles, é uma comunicação mais fechada, eles não tem tanto contato assim, até porque tem um distanciamento muito grande, já da parte terrena. Eles são espíritos, bem evoluídos, então eles não conseguem ter uma ligação muito próxima, eles vem, fazem o trabalho deles, fazem a gira deles e que envolve muito mais rodar realmente e algumas características [...] de mão que lembra a **dança** dos Orixás. E ai cada Caboclo, se ele é um Caboclo de Oxum é a característica de Oxum e assim é de todos os Orixás. Depois a gente tem muito forte dentro da casa, a Linha de Cigano, que é Linha dentro da Umbanda, é uma Linha mais nova, vai se encontrar muito terreiro que não se trabalha com o Povo Cigano, com esse povo do oriente e que [...] a manifestação deles é diferente da manifestação da Umbanda, porque ela não é tão voltada aos Orixás, ela é mais voltada a cultura de Santa Sara de Kali e as **danças** orientais e a forma de se comunicar também, né? Pretos velhos que é uma Linha de raiz, né? Dos escravos que... que negros escravos que cultuaram essa religião sempre e ai a gente tem vós e vós que foram pais de santo, mãe de santo, e que vem trazer essa cultura, fortificar. E eles tem esse trabalho, realmente. Mais de um contato mais próximo de sentar, conversar, de ter como um neto realmente. É algo mais paciente até de ouvir. [...] E é uma Linha muito importante. A gente costuma dizer que é uma Linha que fortifica muito nossos trabalhos né? E a Linha de Exu que é uma Linha voltada, [...] pro povo da noite. (informação verbal, grifo nosso)¹⁴

¹⁴ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017



Figura 15: Primeiros registros de trabalho

Fonte: <https://www.facebook.com/Ogum7espadas/>

Essa história começou a ser contada por Oliveira (2009) e estou dando continuidade nela em 2018. Por hora, pauso a contagem da narrativa desse terreiro com seus elementos. Agora o terceiro capítulo vai subsidiar conceitualmente as próximas escritas, pois nele existem conceitos pontuais para orientar a análise do trabalho de campo.

3 PEGO A PEMBA, PONHO A GUIA, BATO CABEÇA

*O que ultrapassa o biológico é a alma, e alma não é corpo.
Esse ainda é o senso comum na nossa cultura.*

(MEDINA, 1990, p. 67)

O capítulo se apresenta com parte de um ponto cantado que enfatiza alguns elementos utilizados em ritos além de ser um rito propriamente dito que serve para pedir licença aos Orixás e Guias Espirituais para dar início aos trabalhos. Vamos entender e se debruçar prioritariamente nos conceitos de ritual e corpo, que se tornaram norteadores para entender ainda mais a visão que esta pesquisa tomou.

O ambiente religioso onde existem rituais diversos, para acontecer, necessariamente, precisa da presença do corpo. Por se tratar de um lugar específico, estamos tratando de corpos específicos. Não é qualquer corpo que se espera no lugar, pois o corpo precisa assumir certas posturas, que habitualmente não se faria no cotidiano. Ou seja, tendo o terreiro como um espaço de ações extra-cotidianas (DANTAS, 1999). Medina (1990) afirma que culturalmente o ser humano possui diversos corpos, relacionado à sua atividade e o olhar que deposita nessas ações.

[...] Em segundo lugar, há que se considerar que a nossa subjetividade é, em grande parte, produto do meio, da cultura. Só somos sujeitos enquanto expressão de uma totalidade. Somos seres históricos e como tal temos a nossa própria história. Percorremos um caminho e nele somos produzidos ao mesmo tempo que produzimos esse caminho, pela práxis (p. 64).

Portanto, estamos lidando com corpos que representam um contexto específico e esse lugar requer atitudes pontuais. O corpo no ritual religioso se torna um corpo diferente pela cultura do ambiente e conseqüentemente sua maneira de se portar. Então, que corpo é esse?

Trago para a discussão o conceito de Medina (1990) sobre “corpo-marginal”. Ele compreende esse corpo como: “excluídos ou afastados dos bens e benefícios materiais e culturais gerados pelo nosso modo de produção capitalista” (p. 84), pois

o lugar em que esse corpo está contido também é um lugar periférico¹⁵ mediante as outras religiões, devido sua trajetória histórica e que até hoje em dia carrega preconceitos e desconhecimento.

Colaborando com isto entra o papel das instituições, escolas, locais de formação. Formação essa que ensina o modo de se comportar desses corpos. É preciso ensinar as regras, divisões, educação, corpo feminino e masculino.

Ao venerar as forças e as divindades, o homem cultua e respeita sua sociedade simbolicamente representada. A função da atitude ritual é a de expressar e manter a solidariedade do grupo, de onde provém toda benção e toda ameaça. O sagrado é a fonte de nossa experiência dos poderes protetores que formam a sociedade: os deuses, como a cultura, impõem determinadas regras de comportamento e estão prontos para punir ou perdoar os transgressores (RODRIGUES, 2006, p. 32).

Iniciamos a discussão da representação do corpo. Necessito afirmar que aqui foi estudado e observado um corpo em ação religiosa que carrega em sua digital a trajetória e ensinamento da religião com que se identifica. “Neste sentido, pensar sobre religião é, entre outras coisas, pensar sobre o corpo, sobre suas formas de educação e apreensão do mundo” (RIGONI, 2013, p. 11).

Não podemos deixar de compreender que a religião, assim como outras instituições, doutrina corpos há mais de séculos e, portanto eles se comportam de maneiras específicas. O diferencial é que existia uma religião principal que era encarregada dessa função, que era a igreja católica. Hoje em dia, já existem diversas outras que colaboram com as regras do corpo da/na sociedade, entre estas encontra-se a Umbanda.

Olhando a religião do Candomblé, que de algum modo se aproxima com as leis da Umbanda, Perez (2018) traz em seu discurso o seguinte ponto:

O papel da mulher no Candomblé é de extrema importância. Existem coisas que só uma mulher pode fazer, assim como também existem coisas que só um homem pode fazer. Por exemplo: só os homens podem tocar atabaques, e somente as mulheres podem manusear as comidas dos Orixás. Particularmente acho algumas coisas machistas dentro de nossa hierarquia. Mas é uma prática centenária, estamos fazendo várias adaptações com os anos (idem, <http://frames.com.br/o-feminino-no-religioso/>).

¹⁵ Conceito de Phython (2003)

O que ela diz não é uma regra absoluta, porém os corpos masculinos têm atributos que são destinados, via de regra, ao toque do tambor na Umbanda justamente pela força e rigidez e na cozinha tem-se a preferência do corpo feminino pela delicadeza e zelo, pois são características já tidas como comum desses corpos. O que não impede de acontecer a inversão de papéis em alguns lugares, que não é o caso do terreiro estudado.¹⁶

Rigoni (2013) registra que durante a transformação da redoma religiosa, observou as transformações corpóreas, logo, gestuais. Por trás de cada gesto existem significações que começam no tempo do feudalismo até o século atual. É notória a maneira educacional que obteve, ou obtém, na esfera do religioso e até mesmo no espaço escolar.

Para continuarmos temos que entender o motivo da religião doutrinar os corpos. Nesse trecho em que o Cacique Paulo fala da maneira que veem o Corpo dentro do CEU Ogum 7 Espadas, é possível que se perceba isto:

A gente é... é uma religião de muito **movimento**. Toda a religião afro ela tem [...] esse culto ao corpo muito grande. Tanto que as imagens dos Orixás africanos mostram [...] braços de fora, [...] e as nossas imagens de alguns Caboclos até... penacho só (informação verbal¹⁷, grifo nosso).

Os corpos são visualizados de maneira não-sexual e ao mesmo tempo é algo cultuado e mostrado nas imagens que correspondem as entidades da Umbanda do terreiro, como visto no trecho anterior. Logo, não existe pudor ao ver o corpo e sim a naturalidade dele fazer parte do ser humano, assim como outros atributos.

Para ilustrar é possível perceber esse movimento do corpo quando as médiuns que recebem Pombas-gira utilizam decotes, roupas justas e de certa forma mostram partes do corpo, e mesmo assim, frisa-se o respeito àquele corpo independente da forma que esta vestida. Tanto as Pombas-gira com suas roupas mais sensuais, até as Ciganas com seus ombros de fora.

Ao mesmo tempo se tem o cuidado de o/a médium ao trabalhar com Preta-velha não utilizar decotes excessivos. Assim como aos médiuns que trabalham com Caboclos/as, é orientado que nessa Linha todos trabalhem completamente de

¹⁶ Cabe destacar, aqui, que entendo que tal condição pode apontar para um grande conjunto de possibilidades de debate acerca da condição de gênero e sexualidade. Todavia, como não é interesse do presente estudo se debruçar sobre tal abordagem, reconhecemos a pertinência da reflexão.

¹⁷ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017

branco e também sem muitos acessórios ou elementos que contemplem a vaidade, pois não faz parte da característica desse Povo.

O branco é a cor oficial da Umbanda, não só por representar a paz, mas também pelo sentido que possui relacionado aos fundamentos da religião. Um deles é que o branco é o resultado da união de todas as cores refletidas, sugerindo assim o que são as premissas da Umbanda: a junção de influências em uma só crença, a união de todos os Orixás em um só Deus e de todas as linhas de trabalho em um só objetivo o da caridade-amor. A cor também contribui terapeuticamente, auxiliando na concentração e inspirando bons fluidos, além de que o branco é a cor de Pai Oxalá, regente da fé, do sentido religioso e da criação deste mundo. (PEREIRA, 2017, grifo do autor)¹⁸.

Sem contar com a roupa “básica” utilizada nos Rituais dispondo de saias compridas com armação para as mulheres (com orientação da utilização de uma calça por baixo) e calça para os homens.

Em seguida trago a fala de uma praticante da religião kardecista como alusão ao modo de se vestir dos corpos que pertencem aos rituais umbandistas:

No centro não tem essa de roupa. Você pode ir de qualquer jeito. Nunca parei pra pensar na minha roupa na hora de ir para o centro. Já fui de vestido, já fui de shorts, já fui de camiseta. As pessoas vão de diversas formas. É um lugar que você não consegue olhar pra uma pessoa e saber que ela está indo pra lá. O acolhimento é algo primordial. Eles nunca falam sobre roupa, nem nada. Ninguém olha isso (PEREZ, 2018)

Assim como essa frequentadora, quando eu fazia parte da assistência do terreiro eu não me importava com a roupa que eu ia. Inclusive já tinha ido de shorts, de saia, de calça, assim como todos da assistência. Independente das vestimentas que usa, o que importa realmente é o que você tem para oferecer com sua fé, pois as roupas não são parâmetros de julgamento moral.

Cabe ressaltar que é orientado que escolham trajés de cores preferencialmente claras, devido à facilidade da troca energética que acontece mais facilmente em cores mais claras. Dando destaque a cor branca que é referência estética dos praticantes de religiões com matrizes africanas.

Ao tornar-se parte da corrente mediúnica de algum centro de Umbanda esse procedimento de vestimenta se modifica, por agora exercer outra função. As vestes brancas permanecem em maioria dos cultos de Umbanda. Para retratar o

¹⁸ Disponível em: <https://umbandaead.blog.br/2017/03/16/qual-o-significado-da-roupa-dos-mediums-2>

corpo praticante do CEU Ogum é preciso recordar que ali se pratica uma Umbanda com Quimbanda, que para esse terreiro significa, entre outras coisas, utilizar roupas que caracterizam as entidades que ali trabalham.

Na Umbanda acredita-se que o ser humano é responsável por absolutamente tudo que lhe acontece, também conhecido como livre-arbítrio, que possibilita suas escolhas e conseqüentemente as escolhas de seu corpo. Ficando de responsabilidade do próprio fiel o que ele faz com seu corpo, porém ao mesmo tempo, atentos com as pessoas com quem se relacionam. Sem levar em consideração o voto de castidade¹⁹, pois não entendem o ato sexual como um pecado, mas como mais um atributo satisfatório dado ao ser humano, que não o classificaria como uma pessoa pura ou impura.

Os conceitos de 'decente' e indecente, é claro, são socialmente aprendidos e não há cultura que não tenha o seu conceito de decência. Todavia, não é verdadeiro que esteja sempre associado primordialmente com a indumentária e com a cobertura dos órgãos sexuais. Sabemos que existem inúmeros povos que sustentam a nudez absoluta ou quase absoluta. (RODRIGUES, 2006, p. 75)

Entendendo a cultura como algo que faz parte de uma sociedade, e pensando o terreiro Ogum Sete Espadas como tal, nela compreende-se modos de comportamento, modos de decência. Decência essa vinculada ao comportamento do corpo: da forma que se move, se entende e se veste.

A Umbanda de CEU Ogum prega exatamente isso. Não devemos cuidar totalmente do corpo e esquecer da cabeça e da alma, nem totalmente da alma e esquecer a cabeça e o corpo. O corpo é entendido como um complexo desses atributos, além da fisiologia, anatomia e biologia. A Umbanda do CEU Ogum não compreende o corpo separado, ela precisa e exige que tudo ande bem e o mais equilibrado possível.

Isso é compreendido quando eles pedem para que cuidemos da alimentação, não passemos a comer só porcarias, por conta da saúde. Quando além do passe e do benzimento do Preto-velho, ele pede para que a pessoa vá aos "burros da terra" (assim que chamam os médicos) para fazer os exames necessários e até mesmo complementar com remédios.

¹⁹ A castidade não é pura e simplesmente a virgindade; todos os cristãos podem e devem ser castos, incluindo os casados. A castidade não se resume ao sexo. Corpo e da alma que não são partilhados numa contínua união espiritual com Deus, que é Santo, Santo, Santo. (PINTO, 2012, p. 17)

É o corpo quem precisa de cuidados e vigilância. A crença de que o corpo é passageiro e somente a alma é imortal, atribui a ele à sujeição dos pecados e tentações. Sendo assim, o corpo continua no lugar marginal e, justamente por isso, ele precisa de mais atenção por parte do grupo religioso. Afinal, o corpo não deve colocar a alma em risco (RIGONI, 2008 *apud* RIGONI, 2013, p. 7).

Para iniciar a discussão conceitual sobre ritual, gostaria de esclarecer que rito e ritual são conceitos diferenciados, porém em suas singularidades trazem suas interdependências. De maneira geral, pode-se dizer que o Rito está contido no Ritual, cabendo a Guilouski e Costa (2012) elucidar esses conceitos: “Os *ritos* são gestos simbólicos repetitivos que expressam uma crença religiosa [...]” (p. 91, grifo do autor).

Já os rituais são “um conjunto de imagens, gestos, palavras que tem múltiplos significados. Esse conjunto de símbolos comunica algo para os participantes do ritual” (BRITO, 2016, p. 65). Antes de prosseguir, vale reforçar a importância do conceito de simbólico dentro dos ritos/rituais na religião da Umbanda.

O símbolo é algo que remete para outro algo além dele mesmo. Em outras palavras, o símbolo é um objeto, um gesto, uma palavra, uma imagem que precisa de um conteúdo que lhe dê seu sentido. O sentido do símbolo é atribuído pelas pessoas que o construíram. (idem, 2016, p. 64)

Às vezes podemos ver uma balança, uma espada e não ter a noção do que esses símbolos representam para os umbandistas. A balança representa a justiça, a lei, a ordem que é regida pelo Orixá denominado Xangô. A ele é depositado a consagração da justiça divina. Assim como, as conchas são atribuídas à Mãe D'água mais conhecida como Iemanjá a representação da grande mãe de todos.

No CEU Ogum, por exemplo, no ritual da lavagem da cabeça (amaci), que seria a entrega da cabeça para os Orixás é feito uma lavagem da cabeça com ervas. Nessa circunstância, o rito é a maneira que essas ervas são selecionadas, colhidas e preparadas, além da vela e outros elementos, que precisam ter durante esse ritual.

Os rituais podem ser de passagem, festivos, litúrgicos, propiciatório, votos religiosos, funerários, divinatórios e de cura. Van Gennep (2011) diz que ritual de passagem é um período de crises e incertezas que o ser humano tem para que possa pensar sobre suas ações na sociedade, antes mesmo de ocorrer a passagem propriamente dita, como por exemplo, no casamento.

Já os rituais festivos são os celebrados, como a festa de Cosme e Damião, que ocorre especificamente no dia 12 de Outubro no Terreiro CEU Ogum, pois é tido nacionalmente como o Dia das Crianças. Isso acontece, pois Cosme e Damião são dois personagens na Umbanda que representam as crianças, também conhecidas como Erês e Ibejis.

Por sua vez, os rituais litúrgicos são as celebrações religiosas em si, como por exemplo, a própria gira na Umbanda que envolve os elementos, vestimentas e modos de se comportar. Os rituais propiciatórios são os que possibilitam o fazimento de rituais e cerimônias, ou seja, os que possibilitam a iniciação de algo. Temos como exemplo a defumação.

Os rituais de votos religiosos são aqueles dos quais se alcança um outro *status* dentro da religião. Podemos ver isso na Umbanda do CEU Ogum quando a pessoa se torna Médiun Pronto, isso significa que o médium trabalha incorporado e dando passe em todas as linhas que se trabalha na casa.

Os rituais funerários são modos de se despedir dos seres que desencarnaram (fizeram a passagem para o plano espiritual) que é regida conforme a tradição católica, seguida do velório, rezas e sepultamento. Já os rituais divinatórios são aqueles concebidos por adivinhações e orientações da vida. Vemos isso no Carteadado Cigano, onde há presságios sobre a pessoa que foi consultar.

Por fim o ritual de cura que pelo nome, já se entende como aquele que tem o objetivo da cura de algo, principalmente da saúde carnal, mental e espiritual. São exemplos desses rituais o benzimento, que pode ser feito de diversas formas, uma delas é as mãos estendidas sobre a cabeça de uma pessoa fazendo alguma prece.

Vale destacar que além dos tipos de rituais, Van Gennep estuda ritos e rituais em sua natureza. Para facilitar essa compreensão ele faz uma decomposição em etapas: (preliminares) separação do mundo anterior, de margem (liminares) e de reagregação (pós-liminares) ao novo mundo” (apud SILVA e LÜDORF, 2012, p. 1110)

Os rituais que ocorrem na etapa preliminar se delimitam até o rito que caracteriza o marco do início do ritual em si, ou seja, tudo que acontece para a preparação do ritual. Logo depois os liminares são todos os ritos responsáveis em realizar o ritual até a demarcação final para entrar em cena o pós-liminar. Esse contemplam os ritos e consequências que acontece após o ritual principal e as mudanças que isso traz.

Essa decomposição será utilizada para o entendimento dos ritos e rituais que compõem o processo religioso da casa Ogum 7 Espadas, de modo a contribuir com a minúcia e estudo dos mesmos.

Adiante desenvolverei uma análise sobre os dados que foram levantados, o que será refletido e desdobrado a partir do aporte teórico visto nos capítulos anteriores. Todavia, a seguir, no próximo capítulo será traçado e explicado o caminho metodológico utilizado nessa escrita.

4 PENSA NUMA ESTRADA LONGA, ZIFIO: PERCURSO METODOLÓGICO

A estrada longa que percorri foi a metodologia da pesquisa aqui tratada. Para o desenvolvimento desta, trago uma abordagem qualitativa que busca “aprofundar-se no mundo dos significados das ações e relações humanas” (MYNAIO, 2001, p.22) visto que, analiso e descrevo o comportamento dos corpos praticantes de rituais religiosos.

Escolhi a pesquisa no formato etnográfico (e mais especificamente a autoetnografia), caracterizado como uma pesquisa de campo, pois tenho um envolvimento direto com o terreiro de Umbanda que foi pesquisado e explorado. “A pesquisa etnográfica procura compreender certos fenômenos, além de exigir uma efetiva participação do pesquisador no processo da pesquisa, em termos de observação e interação com os atores” (CAMARGO, 2015, p. 31). Em virtude de minha aproximação e envolvimento ocorrer diariamente com esse espaço, Brito (2012, p.68) conclui que: “segundo Bruner (1986), há na etnografia uma estrutura narrativa subjacente, ‘uma estória que contamos sobre os povos (pessoas) que estudamos’”.

Com disso, foi realizado um estudo autoetnográfico por se tratar de algo que estou imersa, e busco nas palavras de SH, Te e C (2013) auxílio para atingir maiores proporções não somente no método tradicional, por intermédio do envolvimento e ponderação, mas que qualquer pessoa viva e grafe diante da vida de maneira digna, multifacetada e apaixonada, pois é o que a autoetnografia propõe com sua singularidade e pessoalidade.

Como me apresentei anteriormente, pertenço ao Centro Espírita de Umbanda Ogum Sete Espadas desde fevereiro de 2016, porém efetivamente no ano de 2017 foi que iniciei a inserção para além de participante, neste caso, como pesquisadora. O espaço onde se deu a pesquisa se localiza no bairro Areal na Rua Feliciano Mendes de Moraes, na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. Encontram-se mais detalhes sobre a trajetória desse terreiro no capítulo 2.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa encontram-se com olhares diferente, por exercerem funções distintas dentro dos rituais, portanto, há 3 tipos de sujeitos. O primeiro olhar é dos Caciques (pai e mãe de religião) os quais regem os cultos

desse lugar; os filhos que compõem a casa (médiuns incorporados, cambonos e ogãs) e por último o meu como pesquisadora-participante.

Para colaborar com a realização da pesquisa os instrumentos utilizados foram entrevistas semiestruturadas (LAKATOS e MARCONI, 2003) que consistem em um instrumento onde o entrevistador e o entrevistado tem liberdade tanto de conduzir, quanto de responder as perguntas de forma ampla. Bem como, uma observação participante natural (*idem*, 2003), que se configura quando o observador pertence ao mesmo contexto do observado e exercita a igualdade desses de maneira que possa estar dentro do contexto e ainda assim observar como o mesmo acontece.

Do mesmo modo, o registro audiovisual foi utilizado como técnica de coleta somado as observações. E, ainda, para ter alguns detalhes para a construção da tabela, foi feito o levantamento de informações com os sujeitos, que culminou na confecção da Tabela das páginas 43 e 44. .

Na primeira fase da pesquisa de campo aconteceu a coleta de dados feita através de entrevista com o Cacique Paulo. A mesma ocorreu dia 21/07/2017 tendo a transcrição no apêndice III. Essa entrevista foi marcada de um dia para o outro, sendo que deixei o Cacique Paulo escolher o melhor dia para ele entre os dias 16 e 22 de setembro. Como ele teve muitos afazeres dentro daquela semana e nos encontraríamos na sexta-feira para a limpeza física do CEU Ogum, ele optou por disponibilizar do tempo e de me liberar por algum tempo da organização do terreiro para acontecer a entrevista.

Isto foi pensando, já que os Caciques do lugar têm uma relação familiar de mãe e filho e o Cacique Paulo teria o olhar recente das experiências. Essa entrevista mostrou um panorama mais geral do estudo e proporcionou outros desdobramentos com mais cuidado e atenção da minha parte, devido o que foi dito por ele.

Acordada a observação-participante, entre eu, os Caciques e orientador, tive o acesso no terreiro nesse formato no mês de setembro de 2017. Neste período procurei ser absolutamente criteriosa, respeitosa e sincera, porque me entendo, ao mesmo tempo, como pesquisadora e filha de religião desse terreiro e crente no que me propus a pesquisar.

O mês de setembro foi escolhido pois voltamos do recesso dos trabalhos espirituais em agosto e gostaria de encerrar o mês trabalhando integralmente na minha função como médium em todas as linhas, antes de começar as observações que exigiram mais da pesquisadora durante o mês.

No dia 09 de setembro marcou o início das observações na linha de Exu, onde foi combinado diretamente com o Cacique, que eu participaria da abertura dos trabalhos e em seguida iria me dirigir para o canto do terreiro, com meu caderno, caneta e câmera para fazer os registros. Então antes de todos entrarem no terreiro cheguei, pedi licença para entrar, cumprimentei o Povo Espiritual e organizei a câmera e o tripé em frente ao congá, ao lado do tambor.

Iniciei a gravação assim que todos começam a entrar no terreiro e se organizarem na roda para seguir os rituais. O momento em que paro de exercer minha função como pesquisadora depende do término da bateria da câmera e do chamado do Povo Espiritual para exercer minha função como médium, o que acabou sendo sempre próximos um do outro.

Continuo no dia 16 de setembro na Linha de Preto-Velho e sigo esse trabalho até o dia 23 de setembro da Linha de Ciganos, quando finalizo. No dia 30 de setembro que seria o último dia de gravação na Linha de Caboclo acabo esquecendo de levar o material para fazer os registros. A partir dessas coletas, decidimos escolher duas Linhas para o recorte e aprofundamento do trabalho. Por uma questão estética e corporalmente diferente selecionamos a Linha de Exu e Preto-velho para tratar o contexto desse trabalho.

Para continuar a coleta, no dia 22 de novembro foi feita a segunda entrevista com a Cacique, segundo sujeito desta pesquisa. A entrevista foi remarcada para esta data e de forma momentânea ela me disse que estaria livre e que eu poderia ir até o terreiro, pois faríamos a entrevista. Entendida como a pessoa de maior experiência dentro do terreiro, com ela pude tratar alguns assuntos mais específicos da pesquisa.

Como dito anteriormente nos trabalhos anteriores, foram gravados e relatados até um momento específico – um pouco depois do passe – pois neste momento voltei a trabalhar como médium e a bateria da câmera também não era o suficiente. Com isso retorno a campo como pesquisadora para registrar a outra metade dos trabalhos de Exu e Pretos-velhos a partir do ritual do passe.

No dia 18 de novembro foi registrado o trabalho de Preto-velho. Combinado com o Cacique de que trabalharia integralmente como médium até a hora do passe e depois seguiria para minha função como pesquisadora-observadora. E para encerrar a coleta a Linha de Exu foi contemplada da mesma forma no dia 25 de novembro.

Os dados são, aqui, analisados com articulação entre conteúdo teórico e informações coletadas. O trabalho, que tem uma de suas matrizes analítica, trará informações que serão transcritas e tabuladas, para além disto, vou estabelecer reflexão crítica sobre os resultados para poder depois analisá-las através da bibliografia, experiência e objetivos.

Em respeito à condição ética do estudo, foi utilizado um termo de compromisso onde é explicitado o caráter acadêmico do trabalho, sendo assim, não será divulgado em lugares não-acadêmicos, tanto as imagens, quanto os nomes. Sendo norteada por uma pesquisa humana que respeita e preserva a identidade, os nomes serão substituídos por outros fictícios e o termo está assinado conforme as necessidades da pesquisa no Anexo.

Chegando ao (quase) final dessa estrada longa, apresentarei agora os dados que foram recolhidos nessa pesquisa e tiveram o aporte teórico como base de análise, o que acompanha o capítulo seguinte.

5 ANTES DE FAZER AS SUAS DANÇAS, IAM FAZER OS SEUS AGRADOS

Nesse capítulo trato da apresentação e análise de dados da monografia, iniciando pelo trecho do relato da Preta-velha no título, onde referencia as danças feitas pelos escravos que fazia parte da demonstração de sua fé.

Essa etapa está organizada em três momentos: No primeiro momento trarei as considerações sobre como funciona as Linhas de Preto-velho e Povo de Rua no terreiro Ogum Sete Espadas, contando as características, elementos, vestimentas e personagens que configuram tais ações. Em seguida, proponho considerações sobre os rituais que se configuram nas Linhas estudadas, destacando os rituais Preliminares, Liminares e Pós-liminares, detalhando alguns deles.

No último momento, encontra-se a parte mais específica da pesquisa, pois aborda os conceitos de corpo, dança e movimento nos rituais estudados. Aqui também se dará a discussão de corpo em movimento e energia. Embora esse momento seja o mais pontual sobre o corpo, não deixo de alertar que o corpo está presente em toda a análise, até por ser o objeto principal da presente investigação.

Mesmo as categorias sendo segmentadas, para facilitar a análise e a leitura, o meu olhar sobre esses dados é/foi permanentemente holístico, até mesmo por entender uma hibridização sobre estes, pois todos estão lidando com o comportamento de um só objeto: o corpo.

A costura dessa análise foi elaborada por uma matriz que está no Apêndice III tendo como base os objetivos centrais do estudo, que cabem ser lembrados: o primeiro seria a caracterização dos rituais umbandistas das Linhas de Preto-velho e Povo de Rua; a descrição desses rituais em Preliminares, Liminares e Pós-liminares e por último identificar e comparar o comportamento do corpo nesses rituais, levando em consideração também o conceito de dança e movimento presentes nesse contexto.

A escrita será realizada através de uma linha que perpassa pela análise de vídeos e captura de imagens registradas, pelas entrevistas que me foram dadas pelos Caciques do terreiro, assim como meu olhar de observadora-participante, o que consolida a perspectiva (auto)etnográfica escolhida.

5.1 Caracterização e organização dos rituais do CEU Ogum Sete Espadas

Os trabalhos espirituais do CEU ocorrem aos sábados no horário das 20h30 mais ou menos que é quando o pessoal da assistência chega e se inicia dentro do terreiro uma preparação dos trabalhos (ou pré-preparação). Normalmente “os nossos rituais começam as 20:30. Nove e pouquinho a gente *tá* lá começando a chamar os Exus” (informação verbal)²⁰.

Erroneamente, às vezes, se divulga que a Umbanda é uma religião politeísta, que acredita em vários Deuses. Nesse instante, reforço, corroborando com Cumino (2015), que a “Umbanda confia na existência de um único Deus Supremo, que é chamado de “Ganga Maior”, o poderoso da corte de “Obatalá”, onde o filho Jesus Cristo (Oxalá), é o seu maior orixá”. Diz a Cacique Ana:

Veja bem: que nós temos que ter o entendimento e a humildade de saber de quem manda na terra é Deus. Quem manda em tudo é Deus. Quem faz, quem nos dá a permissão de nós termos um conga, uma casa, fazer esse trabalho: é Deus. Ele nos dá o discernimento, nos dá a liberdade, nos dá a abertura, ou nos fecha as portas, é Deus. Deus. Zambi quem manda em tudo, enfim. Então [...] se ele nos dá essa liberdade, ele sabe a hora de nos deixar na terra ou de nos recolher desta terra. Então nós temos que ter o discernimento e a humildade de engolir o nosso choro, a nossa dor, de engolir o horror que nossos olhos viram, botar o nosso problema no bolso e nos doarmos. Nos doarmos à caridade, nos doarmos ao “fazer o bem sem olhar a quem”. (informação verbal, grifo nosso)²¹

A caridade citada anteriormente é um dos principais fundamentos e reconhecimento do que é a Lei de Umbanda. A primeira tenda de Umbanda chamada Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade diz que o fundador “Zélio pedia que lembrássemos que a Umbanda é *a manifestação do espírito para a caridade.*” (TENSP, grifo do autor) Trago essas considerações para que o leitor possa compreender o fundamento da religião.

“Adorei as almas!” saudando ao Povo de Preto-velho. Como visto anteriormente é a linha da qual se funda, junto aos Caboclos, a Umbanda. Ou seja, a partir da manifestação dela é que se deu a necessidade de ter a prática religiosa

²⁰ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017

²¹ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017

aqui acompanhada. Identificados como divindades de uma luz sem tamanho, por toda trajetória dolorosa que tiveram e mesmo assim grandiosa por trabalharem como possível a fé deles. “Os pretos velhos, enquanto representações mais amplas, são marcados pela tolerância, pela rústica simplicidade e, por um profundo sentimento de caridade” (BARROS, 2013, p.6).

Os Pretos-velhos gostam do atabaque mais baixo, mais calmo, que ecoe mais a voz deles do que propriamente o ritual do tambor. O ritual do tambor ele tem que ser mais baixo, porque se não os Pretos-velhos são idosos [...] e como todo idoso ele não gosta de muito baralho, [...] entendeu? (informação verbal)²²

As características dos Pretos e Pretas-velhas são de avós que ajudam os seus netos paciosos a vencer os obstáculos da vida. Eles são chamados de grandes psicólogos na terreira em estudo. Tem arquétipo de pessoas bem idosas, que andam abaixados, que sentem dores nas costas e possuem dificuldade para andar.

A abertura dos trabalhos se dá em um semicírculo que tem sua frente em direção ao Congá. Nesse momento, são feitas as preces e entoados os pontos cantados, com os Caciques ao centro dessa formação espacial.



Figura 16: Abertura do trabalho de Preto-velho

Fonte: CARVALHO, 2017

²² Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017

Como pode ser notado na Figura 16 (página anterior), as roupas usadas para essa linha são de cores variadas, normalmente acompanhadas de uma toalha para as mãos, bengalas, chapéus para os “vôs”, panos na cabeça – comuns nas mulheres – e guias de pescoço que atravessam os corpos (tronco).

Então eles gostam de manter de certa forma o seu lenço na cabeça, o seu chapéu, enfim, né? Pelos vós trabalhar muito pelo sol, enfim eles gostam dos seus rituais. A guia, na realidade, ela representa a cruzada [...] dos chicotes, porque muitos foram chicoteados, muitos foram pisoteados, machucados, enfim. É como uma retirada [...] de chicotes de energias de mal do homem (informação verbal)²³

Depois dessa abertura cantada e com oração, começa as incorporações que iniciam com os Caciques. Importante falar da hierarquia nos rituais da Umbanda, pois existe uma ordem para se executar as atividades, como por exemplo, a incorporação. Inicia-se habitualmente pelos Caciques e primordialmente o Cacique que leva o nome do terreiro, pois “ele tem seguidores que acreditam e aceitam o que ele prega. Queiram ou não, ele é o chefe da comunidade que se abriga sob seu teto e o seu Orixá será sempre o chefe espiritual do Terreiro.” (Pai Maneco, s/d). De acordo com o que foi discutido, a ordem de incorporação nas linhas se dá da seguinte forma: “Ao receber os vós, como dirigentes vem o Vô Jacinto, depois a Vó Rita e automaticamente todas as vozinhas e os vizinhos. Eles já vêm se saudando respeitosamente, já fazendo as cruzadas deles” (informação verbal²⁴). As cruzadas são uma saudação feita com gestos no chão da terreira e muitas vezes podem ser um sinal da cruz. Em respeito a hierarquia, saúdam ao Povo do Conga, ao tambor, aos dirigentes e por últimos o restante do povo.

Os médiuns que se incorporam formam uma roda com bancos e o restante fica cambonando e/ou batendo tambor (os filhos que tem essa função específica). Essa roda se mantém aberta para a direção da assistência, onde os dirigentes encontram-se fechando o semicírculo de costas para o conga.

Assim segue o trabalho, por vezes acontecendo alguma movimentação para levantar, girar e até mesmo dançar. Quando os dirigentes acreditam ser pertinente chamam para o passe, onde as pessoas tiram os sapatos, assim como os médiuns e adentram o espaço sagrado para receber suas palavras de conforto, que são

²³ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017

²⁴ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017

direcionamentos e orientação para a vida. “Orientam estes e os purificam por meio de ‘passes’, protegendo-os de possíveis ataques místicos de que são ou poderão se tornar vítimas” (BARROS, 2013, p. 2).

Esse momento é construído pelo médium/entidade e pela pessoa da assistência. Não existe um tempo determinado, na verdade, é até o momento em que a entidade não precisa mais dar seu conforto, pois já foi dito tudo aquilo que a pessoa precisava ouvir ou sentir. São atribuídos alguns estímulos que gostam de trabalhar na hora do passe:

O Preto-velho já como Exu, ele já fala de amor, ele já fala, enfim, de todas as outras coisas carnisais, né? Das pessoas, então eles são mais lentos e eles [...] alguns são mais [...] novos e não tem tanta paciência de esperar, mas eles são, por exemplo, muito lentos em seu discernimento (informação verbal)²⁵

Assim, os regentes da casa, “vô” Jacinto e “vó” Rita, puxam algum ponto em forma de um sinal informando que o momento do passe se encerrou e se ainda houver pessoas recebendo uma palavra, eles vão precisar se retirar de dentro do terreiro.



Figura 17: Momento de passe na Linha de Preto-Velho

Fonte: CARVALHO, 2017

Após esse momento, inicia-se o rito de alimentação. Os/as cambonos/as servem cada entidade com um prato para poderem se alimentar e no sentido da

²⁵ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017

roda cada cambono/a vai levando um prato de salgado ou doce para ir passando por cada Preto-velho arriado no terreiro, sempre iniciando pelos dirigentes. Com as mãos eles vão pegando o que lhe satisfazem e colocando nos pratos para comer com mais cautela.

Assim que os “vôs” são servidos a corrente vai se alimentando conjuntamente e servindo os Pretos-velhos ao mesmo tempo. Para acompanhamento, eles tomam guaraná ou vinho e só encerram ao terminar o trabalho. Importante ressaltar que nesse momento o tambor cessa e pouco se ouve, apenas as vozes dos avós em terra.

Ao estarem satisfeitos são recolhidos os pratos e retornam os pontos cantados. É importante lembrar que os pontos são puxados tanto pelos Ogãs quanto pelos médiuns incorporados e todos são obrigados a cantar o tempo todo, incluindo a corrente. Os regentes perguntam se tem alguma entidade que deseja liberar o aparelho, pois já está com o trabalho feito.

Assim, entidade por entidade vai se despedindo, cumprimentando o Congá (assentamento quando preciso), tambor e os demais Pretos-velhos (iniciando pela hierarquia também). Aos poucos vão se colocando mais ao centro e os médiuns vão desincorporando com o auxílio dos outros que se encontram pelo espaço. “Todos os tipos de contatos mediúnicos – incorporação (ou psicofonia), intuição e psicografia, por exemplo – são fundados na transmissão de energias entre seres humanos e seres espirituais” (BRITO, 2016, p. 52).

Os Cambonos e os médiuns desincorporados vão colaborando na retirada de pertences dos Pretos-velhos como as bebidas, cinzeiros, bancos, bengalas e chapéus e retornando aos lugares de início. Ficam alguns médiuns incorporados ainda em seus lugares, normalmente os mais antigos e os dirigentes, pois em seguida se trata da gira de desenvolvimento, e cabe aos médiuns em desenvolvimento e aos Ogãs se posicionarem no centro do terreiro e iniciar a gira para fazer a limpeza e até mesmo começar a firmar as entidades de trabalho.



Figura 18: Gira de desenvolvimento na Linha de Preto-Velho

Fonte: CARVALHO, 2017

Ao concluir essa etapa, os dirigentes vão liberando os aparelhos também, indo normalmente o Vô Jacinto primeiro e em seguida a Vó Rita. Retornando todos os médiuns para o lugar do início no sentido do Conga com os dirigentes ao meio. Todos batem cabeça para encerrar o ritual.

“Alupô!” Saudando ao Povo da Rua, contemplados pelos Exus e as Pombas-gira. Essa linha está presente no imaginário coletivo e é por isso que estou aqui para tratar dela com mais cautela.

Como é possível observar na página seguinte, o Povo de Rua se veste conforme antigos senhores e senhoras da sociedade. Os Exus dão preferências a capas e chapéus e as Pombas-gira a decotes, brilhos, acessórios e alguns chapéus também, principalmente aqueles que deem vazão a sensualidade.

Os exus gostam de vestir-se com capas pretas, às vezes cobrindo a cabeça com toucas vermelhas ornadas de chifrinhos de pano. O vermelho e o negro prevalecem também no figurino das pombajiras, que frequentemente usam maquiagem pesada, saias muito rodadas e coloridas, mantilhas, miçangas e piteiras (SERRA e ORDEP, 2014, p. 181).

A Cacique Ana trouxe um comentário pertinente as cores e formato que os Exus usam, tanto em suas imagens, quanto ao vestir-se no médium. Ela explica que devido a Igreja Católica ter incompreendido outros tipos de religiões e dizer que Exus e Pombas-gira eram diabos, os próprios os pintaram de vermelhos e os fizeram imagens com chifres, remetendo a própria imagem do diabo. O que não é verdade,

como já pode observar. Mas de tanto ser dito e utilizado para exemplificar esse Povo acabaram introjetando certas características vulgares para tornar identidade deles.



Figura 18: Vestimenta usada pelo Povo de Rua no trabalho de CEU Ogum Sete Espadas.

Fonte: CARVALHO, 2017

Essa Linha se inicia em um formato diferente, inclusive visualmente, pela atmosfera mais escurecida. As roupas também são de cores predominantemente escuras evidenciando o vermelho, preto, azul e, por vezes, o branco. As senhoras, damas da noite para Serra e Ordep (2014, p. 170) “seriam almas de prostitutas ou cafetinas”, condizendo ao que a Cacique Ana relata que ao estarem na terra sua manifestação aparenta um cabaré antigo, um cabaré de respeito.

O papel da Pomba-gira e do Exu é de revigorar a força dos seres humanos, visto que o afastamento da terra dessas entidades, é menor do que qualquer outra linha da Umbanda. Tornando eles com características mais humanas e fazendo com que eles nos entendam e nos aproximam mais deles.

Serra e Ordep (2014) definem essas entidades da seguinte forma:

“Exu” ao mesmo tempo se diabolizou e se humanizou, pois os umbandistas designam com seu nome perversas almas de humanos mortos. Sofreu uma grande multiplicação: seu nome tornou-se o de uma categoria de “espíritos inferiores”, tão vasta que preenche um dos hemisférios do mundo espiritual dos umbandistas (SERRA e ORDEP, 2014, p. 169.).

Afirmo e reafirmo isso, ele não é para fazer mal, quem faz o mal é as pessoas, dependendo de cada mãe de santo, de cada pai de santo, na realidade vai dar ousadia para ser feito esses trabalhos de dano ou não, mas isso não são, o Exu que faz o mal, que isso fique claro. No momento que é feito um trabalho de dano, quem cuida do trabalho de dano é o egum. O egum o espírito sem luz, aquele espírito que não tem evolução, que não tem entendimento, que não sabe que dentro dessa terra tem o prós e o contra, ou seja, quem bateu levou (informação verbal)²⁶

²⁶ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017

Os rituais na casa iniciam com pontos cantados voltados ao assentamento onde todos ficam em formato de roda e se viram em sentido do assentamento. Os pontos das entidades dirigentes são cantados e assim se dá o início do trabalho, prosseguindo com a sequência hierárquica como já mencionado.

Os personagens que fazem parte desse terreiro na hierarquia de trabalhos com o Povo de Rua são “Senhor Omolú, Senhor Caveira, geralmente em tempo de Almas [...] se não, Senhor Tiriri e Pomba-gira Cigana Rainha das Sete Encruzilhadas” (informação verbal)²⁷. Assim como os outros senhores e senhoras que compõem os trabalhos espirituais, são eles quem iniciam a gira chamando assim em seguida todo o povo de Exu.



Figura 19: Exu Tiriri ao centro da roda iniciando os trabalhos espirituais

Fonte: CARVALHO, 2017

Seguem o trabalho espiritual cantando e dançando os pontos, para findar também no passe. O passe magnético acontece em pé, com círculo mediúnico em formato de “U”, com a parte aberta para assistência (público/segunda corrente).

²⁷ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017



Figura 20: Momento do passe na Linha do Povo da Rua

Fonte: CARVALHO, 2017

Finalizado o passe o andamento dos trabalhos tem como características ter um tempo mais longo que as outras. Isso acontece, pois a Linha do Povo de Rua é cruzada com Quimbanda. A Quimbanda segundo a Cacique Ana inicia a partir das 22:00 fazendo com que os rituais aconteçam de maneira mais tardia e prolongada, pois esse povo é da noite, é da rua, é quimbandeiro.

Dizem sempre que a Umbanda corresponde ao astral “superior” e a quimbanda ao “inferior”, mas falam ainda que os Exus e os quimbandeiros em geral são “a esquerda”, assim como a umbanda, a linha do bem, é “a direita” (SERRA e ORDEP, 2014, p. 176) O estigma de direita e esquerda perpassa pela Umbanda e pela Quimbanda devido as inúmeras vertentes que a Umbanda derivou.

Na Umbanda do Ogum Sete Espadas não tem certo ou errado, bem ou mal, direita ou esquerda, tem-se entidades que lutam para a evolução espiritual própria, do seu aparelho e das pessoas que vão buscar conforto, conforme as Leis da Umbanda. Sabido por parte das entidades que todo o ser humano é suscetível a falhas, e conforme a Cacique Ana projetou: “Todos colhem, aquilo que plantam, pois o céu e o inferno se encontram aqui mesmo, pois só quem é capaz de fazer isso é o próprio ser humano”.

Então o olhar que se tem sobre o Povo de Rua dentro do Ogum Sete Espadas é o de um povo de evolução, força e discernimento. A Quimbanda do terreiro estudado se entende assim: se pode dizer que ela tem uma Linha Cruzada mais forte porque ela ensina na realidade a mulher a se posicionar. A mesma coisa

que também ensina ao homem, a ser um homem de verdade a se posicionar também.

O trabalho tem continuidade na gira de desenvolvimento da corrente e dos Ogãs que precisam fazer suas giras para desenvolver.

A gente acredita, que eles girem dessa forma e que aconteça isso porque no plano espiritual [...] essa entidades, obviamente são luzes, é uma força espiritual. E que quando ela desce até a terra pra que ela possa chegar até o nosso corpo, ela vem como se fosse um redemoinho, [...] essa força vem girando. Então se ela encontrar o corpo parado ela tem mais dificuldade, então **movimenta** o corpo para que essa energia possa entrar, para a mesma forma que ela vem, rodando (informação verbal, grifo nosso)



Figura21: Pomba-gira Cigana conduzindo a gira de desenvolvimento da corrente

Fonte: CARVALHO, 2017

Depois que todos já desincorporaram voltam a formação inicial para que possam no sentido horário da roda um de cada vez ir batendo cabeça para que haja posteriormente a dispersão e rituais pós-liminares.

5.2 O antes, durante e depois do corpo

Entramos no ponto que trata da separação que Van Gennep instaurou para entender os rituais. Como já dito anteriormente, ele serve para compreendermos o

ritual em si e mais ainda, compreender o movimento que o corpo age nos rituais umbandistas do Ogum Sete Espadas.

Com detalhamento trago uma tabela de descrição de cada rito que compõem os rituais de Preto-velho e Povo da Rua do Terreiro estudado. Na Tabela 3 vou desenhar o movimento do corpo nos rituais pré-liminares, os quais Jesus (2013) explica que são ritos de divisão do mundo carnal, ou seja, tudo que antecede os rituais, tudo que acontece com os corpos, o estado que esses corpos se compreendem antes do ritual, o que eles fazem antes.

“O verdadeiro início dos trabalhos é uma oração pronunciada pelo Babá²⁸, que se dirige a Deus e aos espíritos de luz em geral, destacando os patronos da casa. Terminada a prece, ele pode fazer uma pequena homilia” (SERRA e ORDEP, 2014). Cacique Paulo relata que a Cacique Ana trabalha diariamente dentro do terreiro e o primeiro gesto dela é fazer uma prece chamando o Povo Espiritual para que a auxilie nos atendimentos que fará e assim pedindo para que todos que entrem no terreiro saia melhor de quando entrou.

Então na sexta-feira é feita numa tarde toda esse cuidado... todos os copos que serão usados, são lavados. Tudo é bem cuidado. A gente tem um jardim aqui que é preparado também. No fim das sextas-feiras a gente fecha as portas com tudo pronto, pra os sábados. No sábado a gente começa, se prepara pra vir pra cá durante a tarde. No sábado a gente chega aqui e recebe as pessoas. Primeiro aquele momento de reencontrar os amigos, os filhos, todo mundo se cumprimentar, conversar um pouco e [...] depois a gente começa o nosso trabalho. Geralmente começa com a mãe ou comigo conversando com os filhos fechados. Enquanto isso o pessoal que vai assistir ao trabalho já está no nosso jardim ali. É uma conversa de incentivo, uma palavra que geralmente é a palavra que vem no momento, ela não é pensada, né? Ela vem no momento em que a gente se concentra pra começar e ela é dita. Isso é básico pra todos os sábados e aí só vai mudar em cada sábado dali pra diante, né? (informação verbal)²⁹

Seguindo para ilustração dos rituais que pertencem ao terreiro, as perguntas foram feitas à Cacique Ana, a qual respondeu sobre os Rituais Pré-liminares na Linha do Povo da Rua, que ela considerou ser o ritual mais importante para se efetivar os rituais liminares: a segurança.

Esse ritual é feito por duas filhas de religião, as mais velhas da casa, as quais são as responsáveis (encontra-se detalhada na Tabela 3), e é realizado em todo o trabalho espiritual com o Povo da Rua. Então complemento com a fala da Cacique:

²⁸ Compreendido como Pai/Mãe de Santo

²⁹ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017

É a segurança dos portões da casa de entrada, as seguranças das portas do terreiro, né? Que os portões são do muro, do começo, da entrada, [...] As portas do terreiro que abre (a primeira porta grande), as portas de todas as peças, enfim que tem. A segurança dentro do assentamento, ta? Que é feito ekós (informação verbal)³⁰.

Esse último ritual, chamado de “Ekó”, também tem como responsáveis os médiuns mais antigos da casa. Esse é (re)feito a cada sete dias, com despacho³¹ apenas se não estiver chovendo. O Ekó é preparado por esses médiuns, é colocado dentro do assentamento em um recipiente e só pode ser mexido pelas pessoas responsáveis no dia em que for despachado.

O rito destacado pela Cacique para identificar o ritual pré-liminar dos Pretos-velhos foi a prece

[...] Muita prece, a prece, a minha chamada pra eles. O discernimento para que cada um deles possa fazer seu trabalho, já que na realidade, cada um deles possa ser vistos em grande sabedoria e tem grande sabedoria.

Essa prece é realizada intimamente pela Cacique pedindo para que os Pretos-velhos tenha amparo para realizar um excelente trabalho e as pessoas ao conversarem com eles tenham a sabedoria de compreender as palavras desses guias espirituais. Como são espíritos de muita humildade eles falam baixo, eles falam diferente dos seres humanos e para isso requer concentração e vontade para entender as suas palavras.

Mais adiante encontra-se a Tabela 4 que consiste nos rituais liminares. Estão atreladas ao que Van Gennep (1978) denomina ritos liminares “(ritos de margem), ou ritos executados durante o estágio de margem ou estágio de liminaridade” (apud JESUS, 2013, p. 55). Esse estágio é o que transcende a existência humana e é nesse momento que acontecem as mudanças, as transformações.

Depois disso a gente abre as portas pras pessoas da assistência entrarem e ai uma nova palavra é dada, um novo texto é dado também, sem ser planejado, mas agora voltado as pessoas que vem assistir. Depois a gente se volta ao nosso conga e faz nossa abertura que é constituída por diversos

³⁰ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017

³¹ Ritual de botar fora algum elemento. Cada ritual tem seu despacho específico, o que se trata do Ekó é feito na encruzilhada (esquina).

pontos. [...] Essa lista de pontos que foram feitas, ela foi planejada por mim, que envolve: A gente tem que fazer uma prece que represente nossa casa, o hino da nossa Umbanda tem que ser cantado, os pontos dos nossos Orixás maiores, depois um ponto que represente cada Linha, um ponto que represente as entidades da casa que a gente foi feito, ou seja, da onde a gente veio, né? Pra homenagear aquela entidade que nos iniciou dentro dessa religião e depois disso os pontos que vão chamar nossas entidades, que geralmente sou eu quem começa a trabalhar e depois minha mãe e aí depois nossas entidades, começam a chamar as entidades dos filhos, né? (informação verbal)³²

No caso dos rituais do Ogum Sete Espadas é nesse momento que os fiéis incorporam as entidades e nesse momento ocorrem mudanças físicas, psíquicas e até espirituais. A sensação de “limpeza”, “leveza”, se dá nesse momento, o momento da liminaridade, onde ocorre a mudança do mundo externo para o mundo do terreiro. Serra e Ordep (2014) relatam que ao ir em um terreiro de Umbanda normalmente se aplica um caminho chamado “faixa de transição” que conecta o lugar sagrado ao profano por causa de um discurso simbólico.

E nós vamos ter que botar todo este problema no bolso pra bater palma, pra sacudir o corpo, pra receber os Pretos-velhos, pra receber os Ciganos que: são alegres, muito alegres, felizes. Os Baianos que vem com toda uma ginga, enfim (e todos eles têm) (informação verbal)³³.

Essa faixa de transição fica efetiva quando os médiuns têm problemas pessoais e mesmo assim esquecem deles (mesmo que temporariamente) para poder emprestar o corpo e colocar o problema do próximo antes do seu e cumprir a missão de umbandista.

Em entrevista com a Cacique Ana ela disse que depois do passe a última ação dos Exus e Pombas-gira é dançar para ocorrer à limpeza do ambiente e dos aparelhos conseqüentemente:

Novamente ele vem para **dançar, dançar** dentro do terreiro, em frente do tambor, pra tirar toda a energia que foi colocada e foi depositada dentro daquela casa, porque dar passe e receber várias pessoas com várias demandas (grifo nosso).

³² Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017

³³ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 22 de novembro de 2017

Já na Linha de Pretos-velhos a Cacique considera a palavra da Preta-velha ou do Preto-velho o mais importante. Palavras essas que se dão, normalmente, no final do ritual, quando os filhos já estão desincorporados e eles veem com uma palavra de sabedoria. Essa sabedoria ela diz que é fundamento, os ensinamentos necessários para que os filhos, os fiéis se tornem pessoas melhores.



Figura 22: Preta-velha Rita dando suas últimas palavras para os médiums incorporados, corrente e assistência

Fonte: CARVALHO, 2017

Por último, a Tabela 5 que descrevem os rituais pós-liminares nos quais Jesus (2013) diz que são rituais de agregação, onde os corpos voltam a reviver no mundo externo com as mudanças causadas durante os rituais.

Tabela 3 – Rituais Pré-liminares

Linhas	Rituais
Povo de Rua	<p data-bbox="383 284 544 311">Sextas-feiras</p> <ul data-bbox="434 316 1991 1023" style="list-style-type: none"> <li data-bbox="434 316 1991 405">● Limpeza física do terreiro: Ação destinada a todos os filhos da casa que podem estar sexta-feira 14 horas para varrer, tirar pó dos cômodos, móveis e chão. Separando algumas pessoas para limpar a cozinha, mulheres para dentro do terreiro, homens limpam o pátio do terreiro. <li data-bbox="434 410 1991 467">● Limpeza de louças: são lavadas as taças e recipientes que servem as imagens do conga e assentamento (nessa ordem). Também priorizam a limpeza das taças e copos que serão utilizadas pelo povo de rua <li data-bbox="434 472 1991 561">● Trocar de velas e bebidas: As velas são retiradas e substituídas por novas, assim como, as bebidas. Iniciando pelos Orixás e seguindo para os outros povos. As velas são de 7 dias especificamente para cada Orixá e para cada povo. São servidas como bebida: água, guaraná, vinho, champanhe e cachaça. <li data-bbox="434 566 1991 655">● Troca de panos/cortinas: Normalmente se usa panos para enfeitar e cortinas específicas. Portanto deve ser retirado os panos colocados na semana anterior. Para o povo de Exu são utilizadas cortinas vermelhas, tanto nas janelas, quanto assentamento e panos nas cores que variam de branco, preto, vermelho e dourado. <li data-bbox="434 660 1991 807">● Limpeza das imagens dos Orixás e povo espiritual: as imagens do conga são retiradas através da hierarquia começando pelos orixás, seguindo para os outros povos iniciando pelas imagens das entidades dos caciques. São utilizadas bacias com água e sabonete para poder limpar com panos umedecidos as imagens. Então as imagens retornam ao conga e são servidas as bebidas. Sendo assim, são retiradas as imagens do assentamento, também pela hierarquia, feito o mesmo procedimento de limpeza e servindo as bebidas após o pôr do sol. <li data-bbox="434 812 1991 901">● Despacho de elementos: as velas, nomes em papéis, flores e tudo que estiver no lugar são retirados do conga e despachados por um membro da terreira. Tem os elementos que ficam no assentamento que também são despachados, porém só os mais velhos podem/ sabem essa função <li data-bbox="434 906 1991 963">● Acender velas do conga e assentamento: quando tudo estiver organizado e servido a/o cacique acende as velas do conga e assentamento. Podendo também ser alguém que eles solicitem. As Araras e cadeiras são dispostas em frente ao Conga. <li data-bbox="434 968 1512 995">● Os filhos varrem o chão de dentro do terreiro, sempre do fundo para a porta de entrada <li data-bbox="434 1000 1435 1023">● Fechamento das portas pelos filhos responsáveis ou até mesmo pelos caciques. <p data-bbox="383 1054 495 1082">Sábados</p> <ul data-bbox="434 1086 1991 1423" style="list-style-type: none"> <li data-bbox="434 1086 1991 1144">● Orientado fazer o banho de descarga: Aos sábados todos os filhos da casa tomam um banho de descarga antes de sair para o terreiro. Esse banho consiste em sete ervas que são fervidas e passadas pelo corpo. <li data-bbox="434 1149 1991 1206">● Locomoção para o terreiro que às 19h (aproximadamente) abrem-se as portas: um dos filhos da casa, tem a chave para abrir as portas. O restante esperando o seu aval para poder entrar para algumas arrumações. <li data-bbox="434 1211 1991 1300">● Feitura da segurança: função específica para duas filhas mais velhas da casa, só elas detém esse saber. Enquanto os outros filhos ficam fora do lugar elas entram e fazem a segurança. Podemos escutar sinos tocando e não podemos ficar na passagem do portão. Assim que liberado, podemos entrar. <li data-bbox="434 1305 1991 1394">● Colocar roupas e acessórios: Assim que liberados os filhos se orientam para os cômodos divididos em meninas e meninos para que possam se arrumar colocar alguns acessórios, passar maquiagem, colocar roupas, ajudar aos outros e até mesmo conversar. <li data-bbox="434 1399 1991 1423">● Varrer o chão do terreiro: essa ação é para os filhos da casa que estiverem disponíveis, então é pego algumas vassouras

varrer o ambiente.

- Cada médium é responsável em colocar as capas e chapéus nas araras e cabideiros que os pertence.
- Entrar no terreiro: Depois de varrido os filhos deixam os calçados para fora e entram no terreiro, muitas vezes saudando o chão antes de pisar e se direcionando diretamente aos cumprimentos.
- Cumprimento do conga, assentamento e aos caciques: O cumprimento é particular de cada filho, mas com ordem estabelecida: saudando (esfregando as mãos, direcionando as mãos ao peito, mandando beijo tocando o chão, tocando Conga, por exemplo) aos orixás, logo em seguida o povo de Caboclo, Preto Velho e Cigano no conga e se voltando para o assentamento e saudando ao Povo da Rua. Caso os caciques já estejam dentro da terreira, os filhos se direcionam para o cumprimento dos mesmos antes ou depois de cumprimentar ao povo espiritual.
- Acender as tochas no pátio: Como forma de engajamento para o povo diz que o filho mais velho da casa estavam acender a tocha que ficam no pátio e solicitam a ajuda de alguns dos irmãos
- Colocar-se em roda: Assim que as pessoas vão chegando e se organizando, vão entrando para dentro do terreiro e formando uma roda. Essa roda é dividida para um lado homens e para o outro, mulheres, ela não se fecha em frente ao conga, pois ele faz parte dela. Assim os filhos e caciques ficam voltados para o centro dessa roda
- Aquecimento: Devido ao clima frio da cidade aos movimentos feitos trabalho aqui pede para que uma das filhas do oriente um aquecimento para que os corpos estejam mais preparados para as movimentações. 10 pulos
- Cacique pede para abrir a porta para o público: dando 20:30 as portas são abertas para receber o pessoal da assistência que veio receber o passe
- **Fala da/do cacique: As pessoas assim que se acomodam, os caciques desejam boa noite e direcionam algumas palavras e deseja a todos um ótimo trabalho, se deslocando para o centro da roda**

Preto-velho

Sextas-feiras

- Limpeza física do terreiro: Ação destinada a todos os filhos da casa que podem estar sexta-feira 14 horas para varrer, tirar pó dos cômodos, móveis e chão. Separando algumas pessoas para limpar a cozinha, mulheres para dentro do terreiro, homens limpam o pátio do terreiro.
- Limpeza de louças: são lavadas as taças e recipientes que servem as imagens do conga e assentamento (nessa ordem). Também priorizam a limpeza das taças, copos e pratos que serão utilizadas pelo Povo de preto-velho
- Trocar de velas e bebidas: As velas são retiradas e substituídas por novas, assim como, as bebidas. Iniciando pelos Orixás e seguindo para os outros povos. As velas são de 7 dias especificamente para cada Orixá e para cada povo. São servidas como bebida: água, guaraná, vinho, champanhe e cachaça.
- Troca de panos/cortinas: Normalmente se usa panos para enfeitar e cortinas específicas. Portanto deve ser retirado os panos colocados na semana anterior. Para o povo de preto-velho são utilizadas cortinas brancas nas janelas e tecidos com grafismo ou de animais..
- Limpeza das imagens dos Orixás e povo espiritual: as imagens do Conga são retiradas através da hierarquia começando pelos orixás seguindo para os outros povos, iniciando pelas imagens das entidades dos caciques. São utilizadas bacias com água e sabonete para poder limpar com panos umedecidos as imagens. Então as imagens retornam ao conga e são servidas as bebidas. Sendo assim, são retiradas as imagens do assentamento, também pela hierarquia, feito o mesmo procedimento de limpeza e servindo as bebidas após o pôr do sol.
- Despacho de elementos: as velas, nomes em papéis, flores e tudo que estiver no lugar são retirados do conga e despachados

por um membro da terreira. Tem os elementos que ficam no assentamento que também são despachados, porém só os mais velhos podem/ sabem essa função

- Acender velas do conga e assentamento: quando tudo estiver organizado e servido a/o cacique acende as velas do conga e assentamento. Podendo também ser alguém que eles solicitem. As Araras e cadeiras são dispostas em frente ao Conga.
- Os filhos varrem o chão de dentro do terreiro, sempre do fundo para a porta de entrada
- Fechamento das portas pelos filhos responsáveis ou até mesmo pelos caciques.

Sábados

- Orientado fazer o banho de descarga: Aos sábados todos os filhos da casa tomam um banho de descarga antes de sair para o terreiro. Esse banho consiste em sete ervas que são fervidas e passadas pelo corpo.
- Locomoção para o terreiro que às 19h (aproximadamente) abrem-se as portas: um dos filhos da casa, tem a chave para abrir as portas. O restante esperando o seu aval para poder entrar para algumas arrumações.
- Colocar roupas e acessórios: Colocar roupas e acessórios: Assim que liberados os filhos se orientam para os cômodos divididos em meninas e meninos para que possam se arrumar colocar alguns acessórios, passar maquiagem, colocar roupas, ajudar aos outros e até mesmo conversar.
- Varrer o chão do terreiro: Essa ação é para os filhos da casa que estiverem disponíveis, então é pego algumas vassouras varrer o ambiente.
- Entrar no terreiro: Depois de varrido os filhos deixam os calçados para fora e entram no terreiro, muitas vezes saudando o chão antes de pisar e se direcionando diretamente aos cumprimentos.
- Cumprimento do conga, assentamento e aos caciques: O cumprimento é particular de cada filho, mas com ordem estabelecida: saudando (esfregando as mãos, direcionando as mãos ao peito, mandando beijo tocando o chão, tocando Conga, por exemplo) aos orixás, logo em seguida o povo de Caboclo, Preto Velho e Cigano no conga e se voltando para o assentamento e saudando ao Povo da Rua. Caso os caciques já estejam dentro da terreira, os filhos se direcionam para o cumprimento dos mesmos antes ou depois de cumprimentar ao povo espiritual.
- Colocar-se em roda: Assim que as pessoas vão chegando e se organizando, vão entrando para dentro do terreiro e formando uma roda. Essa roda é dividida para um lado homens e para o outro, mulheres, ela não se fecha em frente ao conga, pois ele faz parte dela. Assim os filhos e caciques ficam voltados para o centro dessa roda
- Aquecimento: Devido ao clima frio da cidade aos movimentos feitos trabalho aqui pede para que uma das filhas do oriente um aquecimento para que os corpos estejam mais preparados para as movimentações. 10 pulos
- Cacique pede para abrir a porta para o público: dando 20:30 as portas são abertas para receber o pessoal da assistência que veio receber o passe
- **Fala da/do cacique: As pessoas assim que se acomodam, os caciques desejam boa noite e direcionam algumas palavras e deseja a todos um ótimo trabalho, se deslocando para o centro da roda**

Tabela 4 – Rituais Liminares

Linha	Rituais
Povo de Rua	<ul style="list-style-type: none"> • Todos se viram para o assentamento: Cacique sauda "Alupo!" e todos os filhos ajoelham e abaixam a cabeça. Toca o sino dentro do assentamento e o tambor, enquanto a cacique e todos estão abaixados e cantando os pontos de abertura. • Saudação ao povo: Todos abaixados cantando o ponto de Exu Leba. Ao final dele os caciques batem cabeça, se levantam, e dao um sinal para os filhos se levantarem também para iniciar a batida de cabeça. • Filhos batem cabeça com pontos de todo povo da rua: Assim começa pelas médiuns mais velhas da casa a bater cabeça, com o corpo rente ao chão assim como os caciques. Seguindo com os outros médiuns que pedem bênção se agachando e colocando a mão no chão. Ao passar em frente aos tambores/ogã a pedido de licença feita com as mãos. Seguem a ordem da roda que foi formada e vai girando. Toca-se ponto das entidades que são dos caciques, de pomba-gira, exu e zé pilintra. O cacique sai de dentro do assentamento e toca o sino próximo a cada filho que se curva e esfrega as mãos. • Incorporação do cacique: O primeiro a incorporar é o cacique que se dispõem no centro da roda, com o toque do tambor e o ponto da entidade com todos os filhos agachados para saudar e pedir licença. Assim que arria os filhos levantam, a Cacique e A médium mais velha entrega a capa e o chapéu da entidade que vai saudar, logo em seguida, o assentamento, a rua e o tambor, da boa noite e puxa o ponto da outra entidade de frente da Cacique. • Incorporação da Cacique: O sino é dado a uma das filhas mais antigas da casa para ser tocado e a Cacique se dispõem no centro da roda, com o toque do tambor, Gira para incorporar e ao arriar cumprimenta a rua, o assentamento e o tambor, logo em seguida, cumprimentando a entidade do Cacique e dando boa noite para seguir os trabalhos. Nesse tempo os cambonos já estão servindo as bebidas específicas de cada entidade com suas taças respectivas, na ordem da incorporação. • Incorporação dos outros médiuns: As entidades de frente Puxa um ponto das outras entidades que trabalham com os filhos da casa. Começando pelos mais velhos e pelas mulheres e em seguida os homens. Cada um, via de regra, incorporando em seus pontos cantados da entidade. Mantendo a ordem de cumprimentar a rua, o assentamento, o tambor, os caciques e em seguida o restante do povo arriado. • Pontos para continuar trabalho: Ao terminar a incorporação das entidades que trabalham na casa, começa a puxar pontos. Todas as entidades têm o trabalho de puxar pontos, de movimentar-se uns com os outros, até em frente ao tambor assim como as Pombas-giras e Exus trabalham. • Fala da Pomba-gira da cacique: Um determinado momento a pomba gira de frente da Cacique para os trabalhos, para os toques, os cantos e dirige-se para dar algumas palavras de conforto a assistência e libera aos cambonos a organização da fila do passe. • Abertura para o passe: são chamadas pelos cambonos as fichas que são distribuídas pelo porteiro e filho da casa. Elas contém a ordem que as pessoas se dirigem para dentro do terreiro, para receber o passe de cada entidade. Eles tiram os sapatos e se dirigem para frente da entidade, que neste momento estão dispostos em meia lua com a frente virada para a assistência, com isso, eles podem escolher com quem vai tomar passe. Os cambonos orientam as pessoas, servem as entidades, os ogans fazem isso também e dão uma pausa no tambor. • Continuação do trabalho: Ao final do passe, as pessoas retornam ao banco e a Cacique puxa um ponto para demonstrar que a hora do passe acabou. Os passes duram até o término do passe da Cacique e assim ela entoa " E é noite... e é noite de cabaré" para que o canto, o toque e os trabalham continuem. • Gira para os que estão desenvolvendo: Neste momento abre-se um outro círculo com as entidades. Os caciques ou médiuns

mais velhos chamam os filhos da corrente para fazer a gira, um a um, primeiramente as mulheres depois os homens. Os pontos são puxados e tocados e a roda em volta é para cuidar desse corpo e até mesmo ajudar nesta gira de desenvolvimento.

- Desincorporação dos filhos: Depois que o trabalho continua, em dado momento, um dos caciques pede para que as entidades que estão arriadas se retire para que possam encerrar os trabalhos. Os cumprimentos são feitos novamente e os Filhos que retornam a formação inicial do círculo. Depois de cumprimentar as entidades que regem o trabalho. A movimentação utilizada para chamar os médiuns e perder essa ligação com o plano espiritual é o chacoalhar dos braços e cruzamento dos mesmos, seguidos de batidas nos braços e pernas com assopros nas orelhas e em cima da cabeça.
- Desincorporação dos caciques: Antes de desincorporar as Entidades deixam uma mensagem para os filhos da casa. Normalmente a entidade do cacique vai primeiro e quem encerra os trabalhos é a entidade da cacique.
- Saudação ao povo de rua: Tamboreiros, caciques e médiuns antigos puxam "Salve o povo de Exu" todos se curvam e batem palma agradecendo ao trabalho e ao povo.
- Bater cabeça: Em seguida, os caciques batem cabeça e orienta o mesmo para os filhos que seguem na ordem da roda batendo a cabeça e conforme vão movimentando a roda ela vai girando. Ao passar em frente aos tambores/ogans há pedido de licença feita com as mãos.
- **Fala dos caciques para liberação: Os caciques dão alguma orientação necessária para limpeza ou informação e despensa todos.**

Preto-velho

- Todos se viram para o conga: Salve a todos os orixás. A cacique Cumprimenta e os filhos respondem "Salve" reverenciando e esfregando as mãos para os 7 orixás, Caboclos, Pretos, Ciganos e Povo de Rua.
- Oração do Cacique: Ele faz os pedidos para que ocorra um bom trabalho e que os pedidos sejam atendidos.
- Prece para Ogum: A cacique entoa: "Chagas abertas" e todos continuam a prece para Ogum com as mãos na direção do corpo. Ao final todos agradecem e se curvam.
- Hino da Umbanda: Logo após, o Cacique puxa o hino da Umbanda "Refletiu a luz divina" todos levam a mão direita ao coração e a esquerda para o céu cantando. Quando a oração diz "Avante, filhos da fé" as duas mãos se erguem para o céu e só abaixam ao final do hino. Ao final o Cacique saúda "Epa babá!" e os filhos bate palma reverenciando.
- Ponto de Oxalá: Cacique puxa Ponto de Oxalá e assim todos se agacham (joelhos ao chão, cabeça baixa, mão no chão ou as duas em direção para cima) havendo, a partir de agora, acompanhamento do tambor. Segue a continuação dos pontos de abertura dos trabalhos, Virgem Maria e Chamei meus Orixás onde todos esfregam as mãos.
- Bater cabeça: Em seguida começa o ponto de lemanjá que é quando os Cacicques começam a bater a cabeça e libera para que os filhos possam fazer o mesmo, dois a dois, saindo cada um de uma ponta (um homem e uma mulher). Assim, uma das filhas mais velhas da casa, pega o fluído e coloca na mão dos caciques primeiramente e depois segue para os filhos.
- Filhos batendo cabeça: Sendo assim, os filhos vão batendo cabeça nos pontos de Oxum, Iansã, Xângo, Ogum, Oxóssi, Na terra uma estrela nasceu. Cada um, que queira, se abaixam nos pontos dos Orixás regentes da cabeça. Mesmo assim, a cada ponto tocado de Orixá os filhos reverenciam, esfregam suas mãos e faz a saudação de cada santo..
- Povo de rua: Ao final desses pontos, toca-se os pontos das entidades de frente dos meus caciques do povo de exu, inclusive o Cacique entra no assentamento e pega o sino pra tocar dentro do assentamento. Nisso, todos se voltam para o assentamento e a cada ponto puxado, levam suas mãos ao chão para saudar a esse povo e é interrompido o momento de bater cabeça. Só acaba ao final desses dois pontos.
- Volta-se a bater cabeça: A continuação se dá nos pontos dos Pretos-velhos, Cosme e Damião e Povo Cigano onde terminam de bater cabeça, pois ao iniciar os pontos de Caboclos todos se agacham e só retornam a ficar de pé quando acaba os dois pontos.
- Saudação aos pretos-velhos: Então Cacique saúda os pretos velhos " adorei as almas!" os filhos repetem e inicia o ponto da linha
- Nosso senhor do Bonfim: O ogã ou Cacique puxa para os filhos continuarem.
- Incorporação do Cacique Paulo: A cacique pega o sino para tocar, os filhos agacham com joelhos ao chão e o cacique se dispõem ao centro dessa roda para incorporar enquanto a cacique toca o sino em sua volta e depois se agachou junto de seus filhos para receber a entidade que vem a frente. Ele vem mais curvado e cumprimenta o conga, o tambor e dá um boa noite geral. Os cambonos a essa hora já levaram sua bengala e seu chapéu, também coloca seu banco no lugar que sentará, que fica de costas para o conga.
- Incorporação da Cacique Ana: O sino é passado para um dos médiuns antigos e tocado conforme a entidade já arriada puxa o ponto da entidade da cacique. Assim que incorpora ela cumprimenta ao conga, o tambor, a entidade do cacique e os filhos também já se encontram ao lado da entidade do cacique o banco que ela sentará.
- Incorporação dos outros médiuns:
- Passagem de ervas: Os cambonos disponibilizam uma sacola com ervas colhidas para os Pretos-velhos e vão passando ervas como arruda para colaborar na feitura de seus rituais.
- Pontos são cantados: O trabalho se dá, geralmente, com pontos cantados por entidades e pelos Ogãs. Assim os Ogãs podem puxar e as entidades em terra também, sem deixar que fique sem toque do tambor.

- Trabalho feito no centro da terreira: No dia que foi feito a gravação os Vô Jacinto fez um trabalho espiritual para quebrar demandas. Nisso foi utilizado uma pomba e uma tábua de riscar seu ponto, ao centro ervas, uma vela branca acesa e uma faca encravada.
- Fala da Preta-velha da Cacique: O tamboreiro recebe o aviso da Vó Rita para cessar os tambores e diz “Adorei as almas”. Assim ela segue dando algumas palavras para as pessoas da assistência e dando, normalmente, lições de vida.
- Abertura para o passe: Ao final da fala ela pede para que o pessoal da assistência possa começar a entrar e seguir para os passes com cada entidade presente.
- Distribuição de pratos: Findando o passe os dirigentes pede para que os cambonos comecem a organizar a hora da comida. Assim são servidos um a um pratinhos para a refeição.
- Servem as comidas: Em seguida cada cambono pega um prato de salgado ou doce e vai servidos aos Pretos-velhos, sempre iniciando pelos dirigentes.
- Continuação do trabalho: O trabalho continua com pontos cantados por entidades e pelos Ogãs.
- Cacique desincorpora: Antes de desincorporar saúda os filhos e inicia a gira da desincorporação
- Incorporação de alguns Ibejis: Algumas entidades de Pretos-velhos dão passagem para entidades de Ibejis trabalharem. Então eles pedem licença aos dirigentes e na hora da gira cai. Essa caída significa que chegou um ibeji na terra, pois eles chegam como se estivessem dormindo.
- Gira para os que estão desenvolvendo
- Desincorporação dos filhos: Depois que o trabalho continua, em dado momento, um dos caciques (incorporados ou não) pede para que as entidades que estão arriadas se retire para que possam encerrar os trabalhos. Os cumprimentos são feitos novamente e os Filhos que retornam a formação inicial do círculo. Depois de cumprimentar as entidades que regem o trabalho. A movimentação utilizada para chamar os médiuns e perder essa ligação com o plano espiritual é o chacoalhar dos braços e cruzamento dos mesmos, seguidos de batidas nos braços e pernas com assopros nas orelhas e em cima da cabeça.
- Desincorporação da cacique: Normalmente a entidade do cacique vai primeiro e quem encerra os trabalhos é a entidade da cacique, dando seus ensinamentos aos filhos da casa e para a assistência que permanece até o final de trabalho
- Ponto de encerramento: Todos retornam ao lugar de início, mantendo os Caciques no centro do semicírculo. Retornam as saudações dos Orixás e do Povo do Conga e assentamento seguido de um ponto cantado. “Encerrando nossos trabalhos, nós pedimos proteção. Adeus, Pai Todo Poderoso e a Virgem da Conceição”.
- Bater cabeça: Os Caciques batem cabeça e em seguida liberam para que os filhos o façam. De dois em dois vão batendo cabeça e retornando aos seus lugares e por último os Ogãs.
- **Fala de liberação dos caciques: Assim que todos baterem a cabeça um dos Caciques dá alguma orientação, se necessária, e liberam os filhos para arrumações e organizações para saírem.**

Tabela 5 – Rituais Pós-liminares

Linha	Rituais
Povo de Rua	<ul style="list-style-type: none"> ● Arrumação do espaço: Alguns filhos vão varrendo a terreira e a assistência. Outros limpam os banheiros e cômodos. ● Limpeza de louça: A outra parte dos filhos de religião limpam taças e copos utilizados pelas entidades que depois devem guardadas. ● Retirar a roupa: Algumas pessoas tiram a maioria, se não todos, os acessórios e até mesmo as saias de armação e roupas que constituem a característica da entidade que trabalha. ● Retirar lixos: todo o lixo feito durante o trabalho é retirado para ser colocado para fora e principalmente os que precisam ser despachados são importantes para a finalização dos trabalhos. ● Reorganização do espaço: retorna a mesa da Cacique de atendimento ao centro da terreira, bancos da assistência recolhidos ● Fechamento das portas: As portas são abertas para saída dos filhos assim que tudo se encontrar em ordem. Isso acontece de forma espontânea onde cada um que não estiver mais fazendo algum ajuste, recolhi seus pertences e espera no portão de entrada todos os outros. Na ordem dos Caciques as portas vão sendo fechada, pelos mesmos filhos que abrem. As luzes são apagadas e cada um vai saindo ao seu momento, sem deixar de dar tchau aos caciques, primeiramente, depois para os irmãos.
Preto-velho	<ul style="list-style-type: none"> ● Arrumação do espaço: Alguns filhos vão varrendo a terreira e a assistência. Outros limpam os banheiros e cômodos. ● Limpeza de louça: A outra parte dos filhos de religião limpam taças e copos utilizados pelas entidades que depois devem guardadas. ● Retirar a roupa: Algumas pessoas tiram a maioria, se não todos, os acessórios e até mesmo as saias de armação e roupas que constituem a característica da entidade que trabalha. ● Retirar lixos: todo o lixo feito durante o trabalho é retirado para ser colocado para fora e principalmente os que precisam ser despachados são importantes para a finalização dos trabalhos. ● Reorganização do espaço: retorna a mesa da Cacique de atendimento ao centro da terreira, bancos da assistência recolhidos ● Fechamento das portas: As portas são abertas para saída dos filhos assim que tudo se encontrar em ordem. Isso acontece de forma espontânea onde cada um que não estiver mais fazendo algum ajuste, recolhi seus pertences e espera no portão de entrada todos os outros. Na ordem dos Caciques as portas vão sendo fechada, pelos mesmos filhos que abrem. As luzes são apagadas e cada um vai saindo ao seu momento, sem deixar de dar tchau aos caciques, primeiramente, depois para os irmãos.

5.3 Corpo nos rituais de Umbanda

Primordialmente neste subcapítulo a análise sobre os registros audiovisuais e as observações-participantes são os pilares dessa análise de (corpos) dados. Aqui pretendo também identificar esses corpos e fazer a devida comparação a que me propus no estudo.

Queria deixar as palavras de Dantas (1999, p. 28) como um estímulo do olhar para esse corpo que vamos tratar:

Um corpo ao dançar, entrega-se ao ímpeto do movimento, deixando-se deslocar e transformar. Ele atravessa o espaço, joga com o tempo, brinca com as forças e leis físicas, diverte-se com seu peso, provoca dinâmicas inusitadas.

Os corpos estudados são dos médiuns da casa Ogum Sete Espadas. Importante dizer que esses corpos são os mesmos que trabalham tanto na Linha do Povo de Rua quanto na Linha de Pretos-velhos. O que se torna diferente nesse aspecto é a maneira que esses corpos se comportam nessas Linhas que é o que vou abordar nesse texto.

Dito isso, começo falando sobre o modo extracotidiano (DANTAS, 1999) que esses corpos se movimentam dentro do ritual religioso. Principalmente pensando na movimentação dos corpos dos Pretos-velhos que tendem a ser mais curvados (plano médio e/ou baixo), mais vagarosos, sempre apoiados a uma bengala e visivelmente com dificuldade de andar, aparentemente dores nas costas, pois em sua maioria andam com as mãos apoiadas nelas.

Cacique Paulo diz sobre a dança dos Pretos-velhos que ela não é tão enérgica, ela é feita mais devagar com passos menores e cinesfera de pequena para média. Passam a maioria do tempo sentados, mas, caso eles levantem para dançar, assim que terminam, retornam imediatamente para seus bancos para sentarem-se.

A invocação resulta na “manifestação” dos espíritos chamados, que é viabilizada pelos médiuns e costuma evidenciar-se através de discursos cinéticos mais ou menos complexos, ou seja, através de danças (com grau variável de elaboração, com maior ou menor duração) ou de enunciados gestuais mínimos (pequenas “claves” coreográficas) (SERRA e ORDEP, 2014, p.178).



Figura 23: O modo de andar dos Pretos-velhos

Fonte: CARVALHO, 2017

Já o Povo de Rua tende a ter uma postura mais ereta, até mesmo de imponência (nível alto); são ágeis em suas movimentações, utilizam acessórios que carregam como os chapéus, as capas e as saias como um meio de projetar sua movimentação e desenvolver a corporeidade para a entidade se manifestar.

De transmitir algo e de transmitir beleza aos olhos, de transmitir um certo encanto e despertar. As vezes as pessoas ficam olhando aquela dança e a pessoa que ta assistindo, que tá buscando, ela começa a se perder naquela dança, assim... e entra e aquilo mexe no interior dela. A gente consegue sentir o que [...] a entidade tá querendo passar, às vezes, a gente ta com algum problema de amor, por exemplo e a gente começa a olhar aquela dança entre um Exu e uma Pomba-gira e aquilo representa realmente uma dança de sedução, dessa energia mesmo amorosa. (informação verbal)³⁴

Quando se utilizam de chapéu, costumam se movimentar segurando ele, mexendo e trocando de posição. A capa serve como uma projeção e dependendo da maneira que o Exu se movimenta com ela, costuma aparecer desenhos espaciais diferentes. As saias são seguradas com as mãos para realizar uma movimentação, mas não tem adesão total das Pombas-Giras.

³⁴ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017

A Linha de Exu, talvez seja a que traga mais desgaste físico porque além de envolver, todo uma gira, que é mais rápida, ela é mais forte, ela é muito constante, leva muitas horas, né? E essas entidades, elas dançam umas com as outras (informação verbal).

O Povo de Rua que utiliza a bengala não é somente para se apoiar e ajudar na caminhada como no caso do Senhor Omolú, pois já é um senhor de idade, mas utilizam para fazer firulas, como pode ser notado na dança do malandro, a dança do Zé Pilintra. O Povo de Rua é virtuoso na maneira de andar, de caminhar, de dançar e conseqüentemente não demonstram dificuldades para executar essas movimentações.



Figura24: Pomba-gira Cigana Rainha das Sete Encruzilhadas mostrando seu virtuosismo com inclinações de tronco, segurando uma taça de champanhe

Fonte: CARVALHO, 2017



Figura 25: Exu Tiriri utilizando da capa para a projeção do movimento na gira

Fonte: CARVALHO, 2017

Como visto nas imagens anteriores, o Povo de Rua acaba preenchendo os espaços, pois eles estão dispersos pelo terreiro e se movimentam sem lugar fixo. Estão sempre em volta dos Ogãs e do tambor. Os pontos tocados para o Povo de Rua são pontos mais acelerados e com emendas de pontos cantados mais frequentes. Não ficam parados em nenhum momento, exceto na hora do passe.

Em compensação “os vôs” e “vós” permanecem no mesmo lugar que encontram-se os bancos deles, as vezes, só levantam na hora de ir embora. Eles não ficam totalmente parados, utilizam as possibilidades de movimentação do tronco de acordo com o ritmo dos pontos tocados e também fazem marcação do pulso da música com as pernas. Em forma de projeção dos movimentos, mesmo sentados batem a bengala no chão no ritmo da música.

A Dança dos Exus é, geralmente, em dupla (geralmente entre Exus e Pombas-gira), o coletivo é dançado com passos iguais em frente ao tambor e também feito movimentos individuais tanto longe quanto em frente ao tambor.

O povo de Exu tem uma questão, não que os outros não tenham, mas a deles é muito maior: de encarar o tambor. Enquanto o tambor esta tocando eles vão pra frente do tambor como se apresentam na frente daquele tambor, um a um, às vezes em grupo (informação verbal)³⁵

³⁵ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017

Se um Exu ou Pomba-gira dança em frente ao tambor os outros de maneira espontânea vão se aproximando e copiando a movimentação, acabam fazendo a formação de algumas filas ali em frente. Já a dança em casal, um médium incorporado “tira o outro” para dançar. Isso acontece quando se aproxima do outro dançando de forma a rodear esse outro e espontaneamente eles já dançam um de frente para o outro, sempre em sentido circular.



Figura 26: Dança coletiva dos Exus com os corpos dispostos em frente ao tambor

Fonte: CARVALHO, 2017



Figura 27: Exu Maré e Maria Padilha das Almas dançando a dois

Fonte: CARVALHO, 2017

Em contraposição com a dança dos Pretos-velhos tenho para informar que na maioria dos trabalhos ao som do ponto “Hoje tem alegria, hoje tem alegria, hoje tem alegria no terreiro da Vó Rita, hoje tem alegria”, todos os médiuns incorporados levantam e formam uma grande roda, com todos bem unidos, no centro do terreiro.

As bengalas são a parte principal, pois utilizam elas para projetar movimentações, tanto movimentando-a de um lado para o outro sem sair do lugar,

quanto dançando de forma homolateral e batendo as bengalas no ritmo. Não será possível exemplificar, pois justamente quando fui fazer as observações e registros do campo, não ocorreu esta “dança coletiva”.

Vou ressaltar a peculiaridade da movimentação da Pomba-gira Mulambo que diverge em algumas movimentações específicas da entidade. A médium que trabalha com a entidade Mulambo costuma ter uma movimentação de encarar o tambor que é realizada em plano médio e a direção é frente e trás. Porém ela também se movimenta no nível espacial alto, assim como já foi explicado.

A última movimentação que vou dissertar é a movimentação mais importante do ritual. A gira. A descrição da gira é simples, pois ela é autoexplicativa. Consiste no médium se colocar a disposição e fazer a movimentação de giros em seu próprio eixo. Esse giro é a conexão do médium para com a entidade que trabalhará e independente da Linha que for, é ela quem vai fazer com que as condições corporais modifiquem e criem especificidades conforme esta Linha Espiritual de trabalho.

Na gira vem, as primeiras entidades chegam, assim cada um deles, como falei lá, alguns giram mais na lenta, alguns giram mais rápido, alguns dão duas voltas, três voltas e a entidade já está ali, ou seja, [...] não tem que girar, girar, girar. Isso é, cada um tem o seu modo de incorporação (informação verbal)³⁶

E assim como cada Linha tem sua especificidade de movimento, na gira não é diferente. Os médiuns que incorporam Pretos-velhos já se curvam na hora da gira, segurando a saia e colocando as mãos nas costas. Já os médiuns que incorporam os Exus e Pombas-gira chegam conforme a falange de cada entidade. Eles carregam uma identidade na gira.

Os Exus normalmente giram curvados como os pretos-velhos, o que difere são os gestos dos braços que normalmente estão dispostas ao longo do corpo e as mãos contraídas. A gira em si também é mais rápida, diferente dos Pretos que giram mais vagarosos.

A quantidade de giros que se dá no eixo não é contabilizada. Ela vai depender conforme a ligação do médium com o plano espiritual, assim como a necessidade do médium e a característica da entidade.

³⁶ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017

E essa entrega ela é mental de concentração, de acreditar naquilo que está se fazendo e ela é muito física também. Porque como, eu tinha dito antes, é muito movimento, então há um desgaste físico muito grande, desde o momento que o terreiro começa até o fim. Não só os médiuns que estão trabalhando, mas pessoas que formam a corrente em volta, estão em movimento (informação verbal)³⁷

Concluo essa etapa dizendo que por mais que existam movimentações corporais significativas, por mais que exista o reconhecimento da dança no contexto, por mais que exista espacialidade, corpo em movimento, gestual, simbologias, ritos e rituais diversos, as sessões espirituais realizadas no Terreiro de Umbanda de CEU Ogum Sete Espadas não se caracterizam como um Espetáculo de Dança, e nem o pretendem. Mas não há como negar que, sim, apesar de ser um ambiente religioso e sagrado, o lugar é demarcado pela dança e tem ela como parte de seu conjunto ritual.

Eu, na condição de pesquisadora, consigo ver dança nos corpos/movimentos dos médiuns incorporados, seja no gestual que é a marca da incorporação de determinada entidade, seja nos movimentos de dança de cada Linha ou no corpo em movimento e projeção gestual que se é presente permanentemente.

³⁷ Informação dada a pesquisadora na entrevista realizada dia 21 de setembro de 2017

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconheço, ao chegar a este momento de considerações finais do trabalho, que as metas traçadas inicialmente foram alcançadas e, para isso, requer retomar alguns objetivos que orientaram a pesquisa.

O objetivo principal de (re)conhecer e refletir sobre o comportamento corporal dos participantes do terreiro Ogum Sete Espadas foi atingido desde o primeiro momento em que o objeto principal do estudo, o corpo, foi apreciado, pois em todo o registro do trabalho foi tecida considerações a respeito do corpo e como ele acontece efetivamente em sua prática, retratando a reflexão permanente que realizei durante a observação, coleta e análise de dados.

Algumas ações compreendidas deste corpo foram reconhecidas facilmente, outras ficaram nas entrelinhas; todavia, qualquer ação que foi descrita, trazia o corpo como o principal agente em qualquer instância do ritual. Isso começou desde as caracterizações das Linhas estudadas, que foram os Pretos-velhos e o Povo de Rua, fosse na caracterização física (corpórea), fosse na personalidade.

A descrição dos rituais pré-liminares, liminares e pós-liminares teve maior aproveitamento e explanação do que realmente o corpo efetiva dentro dos rituais. A ordem das ações, a explicação de cada rito pertencente a esses rituais e as “coreografias” que exigem no passo a passo dos rituais.

Os recursos utilizados para fazer o levantamento de dados tiveram como planejamento os rituais liminares, como pude concluir no transcurso do texto, onde apenas contemplava os outros rituais na observação-participante. Pude demonstrar, identificar e comparar o comportamento do corpo durante o estudo, mas tudo ficou mais elucidado no último subcapítulo, no qual identifico como o mais rico do trabalho, pois é nesse momento que houve o efetivo olhar sobre o movimento, sobre a ação, sobre a dança. Dança essa que ocupa significado e simbologias diferentes do senso comum, porém não deixou de ser dança. Assim pôde ser acompanhada com algumas imagens que possibilitou a ilustração das danças e movimentações corpóreas.

Considero importante dizer que a dança no contexto estudado ocupa também um lugar de ritual, pois ela também é utilizada como uma limpeza ambiental e corpórea dos médiuns, assim como foi mencionado pelos Caciques.

Vale reforçar que durante o percurso do estudo eu não fui orientada a utilizar a palavra dança, até mesmo para não induzir, e que, o surgimento desse conceito e dessa palavra foi trazida pelos próprios participantes.

Volto a dizer sobre a relevância desse estudo, uma vez que me deparei com muitas escritas que não favoreciam o ambiente estudado, visto que, ele já carrega inúmeros preconceitos desfavorecendo as culturas afrodescendentes e indígenas (especialmente) e seus praticantes. Pude, através desse estudo, desmistificar certas figuras e ações que pertencem a Umbanda, de modo a torná-las públicas e coerentes com a verdade da religião.

Para finalizar percebo a dificuldade de separar corpo, mente e espírito, tanto para mim, como pesquisadora-participante na escrita, como para o ambiente e conseqüentemente para os participantes. Dito isso, acredito que é um ambiente que se compreende como um corpo agente transformador e repleto de complexidade, pois a esse corpo atribuem-se inúmeras habilidades. Acredito então, que esse corpo deveria servir de exemplo/inspiração para os corpos da área da dança, pois neles se encontram versatilidade e possibilidades importantes para o desenvolvimento corpóreo-pessoal-social, além do que podem ser tomados como motivação para uma construção poética de dança na cena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M.O. de. A religiosidade brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças. In: **CAOS**: Revista eletrônica de ciências sociais [da] Universidade Federal da Paraíba, n. 14, p. 106 a 118, set., 2009.

AZEVEDO, R. **Revista Veja**. Publicado em 29/06/2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>> Acessado em 29/07/2017

BARROS, S. C. **Brasil Imaginário: umbanda, poder, marginalidade social e possessão**. Tese de Doutorado em Sociologia. Brasília, Departamento de Sociologia. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL. 2004

BOAES, G. África e Brasil: separação simbólica/social no campo das religiões afro-possuente. In: **CAOS**: Revista Eletrônica de Ciências Sociais [da] Universidade Federal da Paraíba, n. 14, p. 86 a 94, set., 2009.

BRITO, L. G. **O véu do congá de Pai Joaquim**: Cosmovisão, Ritual e Experiência: Ou sobre três aspectos do conhecimento umbandista. 2017.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, f756, ed 12, 2012.

Congresso Brasileiro de Ciências do esporte, 2013, Brasília. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do esporte V Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Brasília, DF, 2013. 13f. RIGONI, A.C. Corpo e religião: aproximações possíveis. Universidade de Brasília, 2004

CULMINO, A. **História da Umbanda**: Uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 210. 400f.

DANTAS, M. **Dança**: o enigma do movimento. Porto Alegre: Ed. Universidade, f126, 1999

FREITAS, T.U. de. **Oxum, Iansã e Iemanjá: as energias dos Orixás na construção cênica do Teatro-Ritual**, 2014. 99f. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

GUILLOUSKI, B. e COSTA, D. D. da. Ritos e Rituais. **JOINTH: Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades**. v1, n1, p. 91-109, 20 e 21 de agosto de 2012.

HELLERN, V., NOTAKER, H. e GAARDNER, J. **O livro das religiões**. Cia das Letras: São Paulo, 2000. 320f

JESUS, T.S.de A. **Corpo, ritual, Pelotas e o carnaval: uma análise dos desfiles de rua entre 2008 e 2013**, 2013, 367f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2013.

JÚNIOR, R. S. **Uma breve reflexão sobre a Antropologia da Religião**. Âncora: Revista digital de estudos em religião, v.2, jun, 2007, 12f.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 5. ed., 2003, 310f.

MEDINA, J.P.S. **O Brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. Campinas: Papirius, f135, 2. ed., 1990.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. In: _____ **A Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 21 ed, 2002, p.21-25.

MOURA, C. **Quilombos: Resistência ao escravismo**. São Paulo: Ática, 94f, 1993.

NOLETO, R. **Sabedoria da Mata: Pajelança e Espiritualidade Indígena**. Publicado em 05/02/2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZOxyzWYHPrY>> Acessado em 29/07/2017.

O Candomble: o mundo dos orixás. Publicado em 2008. Disponível em: <<https://ocandomble.com/os-orixas/>>Acessado em 30/10/2017

OLIVEIRA, B. F. **Você sabe quem sou eu, você sabe quem sou eu: uma etnografia a respeito da construção da pessoa num terreiro de umbanda**. 2009,

56f. Monografia (Conclusão do curso Ciências Sociais) Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

PINTO, M. **Santidade, voto de vida do discípulo**. Publicado em Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.pneuma-c.pt/revista/Dezembro2012/MarioPinto_DEZ2012.pdf> Acessado em 15/02/2018.

PEREZ, D. F. **O feminino no religioso**. Publicação 22 de Janeiro de 2018. Disponível em: <<http://frames.com.br/o-feminino-no-religioso/>> Acesso em: 29/01/2018.

PEREIRA, J. Blog Umbanda EAD. **Qual o significado da roupa dos médiuns?** Disponível em: <<https://umbandaead.blog.br/2017/03/16/qual-o-significado-da-roupa-dos-mediuns-2>> Acesso em: 18/12/2017.

PRYSTHON, A. **Margens do mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo**. Famecos: Revista eletrônica [da] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, n 21, p 43-50, agosto 2003.

RAINER, S. Brasil Escola. **Espiritismo no Brasil**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/religiao/espiritismo-no-brasil.htm>> Acesso em: 20/12/2012.

RODRIGUES, J.C. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, f154, 7. ed., 2006. Coleção Antropologia e Saúde.

SARACENI, R. **Doutrina e teologia de Umbanda Sagrada: a religião dos mistérios um hino de amor à vida**. São Paulo: Madras, 2007, 341f.

SERRA, T. e ORDEP, J. **Os olhos negros do brasil**. Salvador: EDUFBA, f381, 2014.

SILVA, A.C. e LÜDORF, S.M.A. GENNEP, A. V. Os ritos de passagem. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011. **Pensar a Prática**: Revista eletrônica da Faculdade de Educação Física e Dança [da] Universidade Federal de Goiânia, v. 15, n. 4, p. 821 a 1113.

TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE. Disponível em: <<https://www.tensp.org/blank>> Acessada em 28/07/2017.

TERREIRO DO PAI MANECO. **Glossário**. Acesso em 17/12/2017. Disponível em: <<http://www.paimaneco.org.br/glossary/4/lettera>>.

TOLOVI, C.A. Mito, religião e organização social. **Pensar**: Revista Eletrônica de Filosofia e Teologia [da] Faculdade Jesuíta, v. 2, n.1, p. 118 a 135, 2011.

Umbanda 24 horas. **O que é um assentamento?** Disponível em: <<https://www.umbanda24horas.com.br/o-que-e-um-assentamento>> Acessado em 17/12/2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Vice-Reitoria. Coordenação de Bibliotecas. **Manual de normas UFPel para trabalhos acadêmicos**. Pelotas, 2013. Revisão técnica de Aline Herbstrith Batista, Carmen Lúcia Lobo Giusti e Elionara Giovana Rech. Disponível em: <<http://sisbi.ufpel.edu.br/?p=documentos&i=7>> Acesso em: 19/02/2018

WIKIPÉDIA a enciclopédia livre. **Plano espiritual**. Acesso em 18/12/2017. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano_espiritual>.

APÊNDICES

Apêndice I - Termo de autorização de uso de imagens e depoimentos

Eu _____, nascido/a em
_____/_____/_____ portador/a do RG nº _____ e do
CPF nº _____, residente na
_____, nº _____ do bairro
_____, tendo ocupação de _____
na cidade de Pelotas no estado de Rio Grande do Sul e escolaridade completa em
_____, AUTORIZO, através deste termo, a pesquisadora Jéssica Oliveira
de Carvalho, portadora do RG nº 37.770.034-4 e do CPF nº 424.743.958-81, natural de
São Paulo (SP), residente na rua Almirante Tamandaré, nº 163, apartamento 202 Bloco
B, na cidade de Pelotas (RS), a utilizar a minha imagem e depoimentos para fins de
pesquisa científica sobre *o corpo nos rituais de Umbanda*.

Sendo as imagens utilizadas para análises e constituições de dados e os
depoimentos, para além das análises, utilizados também em trabalhos acadêmicos,
livros, artigos científicos, bem como, participação em eventos acadêmicos e/ou
artísticos. Acordo que meu nome verdadeiro será substituído por designações fictícias
para não comprometer minha identidade, logo, só será constatado para que a
pesquisadora tenha organização dos fatos.

Compreendo também que os resultados desta pesquisa são destinados para fins
acadêmico-científico, não sendo utilizados para qualquer fim comercial. Os resultados
obtidos serão analisados e disponibilizados pública e gratuitamente através do Trabalho
de Conclusão de Curso com título provisório: "**CHAGAS ABERTAS: O CORPO NOS
RITUAIS DE UMBANDA**" orientado pelo Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus que
está vinculado ao curso de Dança-Licenciatura do Centro de Artes da Universidade
Federal de Pelotas.

Cabe ressaltar, que minha participação, tal como, a prestação de serviço para a
realização desse Trabalho de Conclusão de Curso é voluntária. Saliento também que
não receberei nenhum tipo de remuneração para participar do estudo, assim como a
autora. Nada mais a declarar, subscrevo-me.

Pelotas, _____ de _____ de _____

nº para contato: (____) _____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Eu Adriano Jul Ferreira, nascido a em 23/08/1987 portador a do RG nº 4097950804 e do CPF nº 804398000-00, residente na Favela Grama, nº 2719 do bairro Grã, tendo ocupação de adversário na cidade de Pelotas no estado de Rio Grande do Sul e escolaridade completa em medieval. AUTORIZO, através deste termo, a pesquisadora Jéssica Oliveira de Carvalho, portadora do RG nº 37.770.034-4 e do CPF nº 424.743.958-81, natural de São Paulo (SP), residente na rua Almirante Tamandaré, nº 163, apartamento 202 Bloco B, na cidade de Pelotas (RS), a utilizar a minha imagem e depoimentos para fins de pesquisa científica sobre *o corpo nos rituais de umbanda*.

Sendo as imagens utilizadas para análises e constituições de dados e os depoimentos, para além das análises, utilizados também em trabalhos acadêmicos, livros, artigos científicos, bem como, participação em eventos acadêmicos e ou artísticos. Acordo que meu nome verdadeiro será substituído por designações fictícias para não comprometer minha identidade, logo, só será constatado para que a pesquisadora tenha organização dos fatos.

Compreendo também que os resultados desta pesquisa são destinados para fins acadêmico-científico, não sendo utilizados para qualquer fim comercial. Os resultados obtidos serão analisados e disponibilizados pública e gratuitamente através do Trabalho de Conclusão de Curso com título provisório: "CHAGAS ABERTAS: O CORPO NOS RITUAIS DE UMBANDA" orientado pelo Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus que está vinculado ao curso de Dança-Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Cabe ressaltar, que minha participação, tal como, a prestação de serviço para a realização desse Trabalho de Conclusão de Curso é voluntária. Saliento também que não receberei nenhum tipo de remuneração para participar do estudo, assim como a autora. Nada mais a declarar, subscrevo-me.

Adriano Jul Ferreira
Pelotas, 28 de Julho de 2017

nº para contato: (53) 991388309

Apêndice II – Matriz da entrevista

<p>Investigar modos de presença de corpo e sua importância nos rituais de Umbanda do Centro Espírita de Umbanda Ogum Sete Espadas OG</p>	<p>Identificar quais os rituais habituais da casa e como é o comportamento do corpo nesses rituais. OE1</p>	<p>Quais rituais não podem faltar independente da Linha a ser tocada? Me diga como se iniciam os trabalhos aos sábados? Você considera que as sextas-feiras faz parte do ritual? Me descreva os trabalhos de sábado ..? Porque há separação entre homens e mulheres? Quais diferenças dos rituais/pontos/orações de cada Linha Onde termina a Umbanda e inicia a quimbanda? Existe Umbanda sem quimbanda? Existe diferença entre o ritual do CEU com outras casas? Quais?</p>
	<p>Analisar a condição de sacralização do corpo na prática religiosa. OE2</p>	<p>O que é corpo para religião? O corpo é considerado pecado? O que é sagrado? Qual o papel da presença do corpo para religião? Existe estereótipos de corpo? Divisão cartesiana? É importante o corpo na religião?</p>
	<p>Refletir acerca das possibilidades de dança inerentes a esse contexto. OE3</p>	<p>Por que as entidades dançam? Que tipo de dança é essa? E quem nunca dançou? Por que as entidades dançam entre si? Como se dançam Exus/pombas giras/Ciganos/Pretosvelhos/Ibejis Por que dançar em frente ao tambor? Por que é pedido como obrigação/doutrina do médium dançar? E se não houvesse a dança? Algo substituiria?</p>
	<p>Identificar a noção de dança que os participantes tem dentro do ritual. OE4</p>	<p>Você considera dança o que se faz na terreira? Como se aprende essas danças? Por que é importante dançar? Por que as entidades dançam? O que é dança para você? Precisa praticar dança para auxiliar/melhorar esse trabalho ou desenvolvimento espiritual? A gira em algum momento se torna um movimento de dança?</p>

Apêndice III – Matriz de análise dos dados



ANEXOS

Anexo I - Entrevista com Cacique Paulo

Antes de tudo realmente começar, num trabalho de Ciganos, eu como filha da casa, pedi licença ao Cacique que regia o trabalho para dialogar com alguma de sua entidade sobre essa pesquisa e saber por parte espiritual se eu teria esse aval e como isso seria para todo o Povo Espiritual.

Em sua fala ele me trouxe tranquilidade e disse que ali não teriam nada para esconder afinal todos os sábados são abertos para qualquer pessoa chegar e entrar. Portanto, disse que estava tudo bem que eu poderia fazer meu estudo utilizando e contando sobre a casa e isso seria também uma grande honra a eles ter suas histórias ali retratadas.

Desde o início não houve resistência por parte dos Caciques e das pessoas que fazem parte da corrente da casa. Deram-me acesso para fazer a pesquisa e se mostraram disponíveis. Eu também tracei um panorama geral do que eu pretendia fazer no estudo e como seriam as possíveis inserções, como pesquisadora. Então eles já estavam praticamente sabendo como eu iria agir e que precisaria deles ou da permissão deles para certos andamentos.

Na semana que antecedeu a entrevista pedi para o A me conceder um tempo de entrevista entre os dias 16/07 a 22/07 no lugar que ele preferisse. No dia anterior a entrevista, recebi uma mensagem no grupo de socialização da terreira pela rede social, dizendo se teria como ser realizada a entrevista na tarde seguinte e eu prontamente respondi que sim.

Era uma sexta como outra qualquer dia (21/07) de limpeza do CEU Ogum Sete Espadas. Encontrei o entrevistado (aqui identificado como A) juntamente com a outra Cacique às 15h30 na frente do terreiro para podermos entrar e fazermos as atividades costumeiras das sextas-feiras.

Então como filha de religião fui varrendo o chão, tirando pó, trocando as bebidas das imagens das entidades, o restante do coletivo foi chegando também até o A me dizer: “Jéssica, 18:00 tenho que sair.” Eu respondi: “Pra já! Vou ali só organizar as coisas e te chamo.” Direcionei-me para as “pecinhas”, locais que identificamos com esse nome, mas são duas salas que os/as filhos/as da casa

utilizam para se organizarem antes dos trabalhos e também deixarem seus pertences guardados.

Na pecinha das meninas foi onde ocorreu a entrevista. Coloquei a câmera atrás de nós para evitar constrangimento, deixei ela fazendo captação audiovisual como 1º instrumento. Chamei o entrevistado às 16:30 e ele prontamente entrou na pecinha e logo se sentou nas cadeiras posicionadas e imediatamente houve um clima de expectativa, juntamente com nervosismo. Acabei ficando com o celular na mão que estava com o gravador ligado (e meu roteiro de entrevista), também para coletar os dados como meu 2º instrumento de coleta.

P: (risos) um pouquinho tenso

E: Não precisa ficar... É só uma conversa, prometo. Vou ficar com o celular porque meu roteirinho tá aqui, tá? Tá tudo bem? (risos)

P: Tudo bem

E: ok... Então vamos começar

P: Podemos

E: Então agora como pesquisadora, né isso?! Eu quero agradecer, muito mesmo. Primeiro você, tua mãe o povo, (...) Por toda a oportunidade que me deram até hoje, por tá abrindo a casa, pra mim fazer isso e o quanto isso é muito difícil. Porque ao mesmo tempo que eu to como pesquisadora, eu sou filha, sua filha, sou filha da mãe, eu faço parte, sou irmã da casa. Então ao mesmo tempo que eu sou pesquisadora, eu sou objeto de pesquisa, né? Então é muito bom, mas é muito desafiador ao mesmo tempo, mas ao mesmo tempo eu agradeço imensamente essa oportunidade que vocês me deram.

P: A gente fica feliz sempre porque eu acho importante que nossa religião seja estudada de várias formas também, pegando assim esses detalhes, né? Uma parte a outra parte. Porque tem muita coisa para ser estudada, é uma religião muito antiga, tem muita raiz, muito fundamento. Eu acho muito importante, quanto mais estudos e novidades a gente descobrir melhor é

E: E poucos registros, né?

P: Pouco registros.

E: nossa religião ela é pouco de escrita, né?

P: A gente costuma dizer que ela é, uma... que essa religião é uma religião que alguém precisa passar para alguém, né? A gente não ia encontrar o fundamento num livro ou vai achar um livro assim: Como ser umbandista? Como fazer tal coisa? Alguém precisa passar pra ti, por isso, você tem que entrar pra alguma casa, pra aquela pessoa que...que esta a mais tempo, mais antiga, que tem mais idade, possa te repassar o que ela aprendeu e nunca vai ser igual ao que o outro aprendeu. Que dizem que quando que na África que houve essa, (...)... quando os negros vieram pra cá vieram de várias partes da África, né? De cada lugar tinha um tipo de cultura, era essa religião, essas religiões de base africana, mas elas eram diferentes também e elas vieram pro Brasil como um todo e em cada parte ela, elas se estabeleceram com essas formas diferentes, então ela não é igual, não tem a mesma (gesto com mãos). Então a gente não pode comparar e também não tem como botar num livro ou num manual.

E: Entendível

P: sim

E: Então pra iniciar, eu queria que você se apresentasse: Se você tivesse que se apresentar como você faria, eu queria que você falasse então tua trajetória na religião e tua trajetória dentro da casa. Como foi o começo dessa casa, se foi você que começou ela, como se eu não soubesse pelo menos, mas eu queria que você me dissesse isso.

P: Eu sou Paulo³⁸, tenho 29 anos, eu sou umbandista desde sempre, minha família é umbandista, quando eu era criança eu lembro de assistir e aos nove anos resolvi fazer parte. Entrei para uma casa de uma tia da minha mãe, da nossa família e de lá pra cá não parei mais, ou seja, fazem vinte anos, né?

E: sim

P: (...)... Nesses primeiros anos é me desenvolvendo, aprendendo, e sempre muito próximo assim, não só de ir ao terreiro no sábado ou no dia que era nosso trabalho mas de frequentar o terreiro outro dia de frequentar e ajudar. Passei minha adolescência toda assim e (...).. e lá pelos 16, 17 anos, a gente, a minha mãe já estava atendendo, já tinha os clientes dela, mas a gente não tinha uma casa aberta. Nesse lugar onde ela atendia, a gente começou a fazer trabalhos espirituais

³⁸ Nome fictício colocado para garantir a integridade da identidade da pessoa.

fechados E os vizinhos começaram a escutar e começaram a querer entrar pra...pra assistir pra olhar e a gente foi permitindo e permitindo e deixando a pessoa entrar, a pessoa entrar, depois os clientes da mãe queriam assistir também. Ai a gente teve que se mudar para outro lugar para poder abrir ao público que foi a primeira vez que isso aconteceu

E: Que foi isso na Major?

P: Foi na (...) Major Cicero. A gente abriu ao público (...)... era um lugar pequeno também, a gente abriu ao público, as pessoas começaram a assistir, então não foi algo que a gente tenha planejado que fosse acontecer assim, as coisas foram acontecendo e a gente foi se deixando levar é.... Dois anos...dois, três anos depois da gente ter aberto esse lugar ao público, (...)... houve um acidente com uma vela lá e a casa pegou fogo, uma parte da casa pegou fogo: queimou imagens que a gente tinha muito antigas e tudo mais então...e ai a gente precisou fazer a reforma e aumentar o terreiro que ai coisa começou a ser planejada e a gente sentou, planejou o terreiro. A gente não foi mais pra um lugar que tava pronto e se ajeitou ali, a gente planejou ele e fez a primeira obra com a participação do pessoal que já fazia parte da corrente, as pessoas que já estavam juntos de nós, a gente fez a primeira obra. E nesse lugar nós ficamos mais vários anos, só que era um lugar bem no meio da cidade, então era um lugar encravado, não tinha como a gente crescer mais, era difícil também a questão de barulho e a gente começou a procurar um outro fora, e ai sim, um terreiro com tudo que a gente precisava, quando a gente veio pra esse lugar que a gente tá agora, uma obra feita também, (...) com as pessoas da casa, ajudando, todo mundo junto, construir o terreiro da forma que é. (...) E a minha ligação sempre esteve presente com essa religião, eu não tenho. (...) Na mente eu nunca tive ideia de fazer parte de outra religião e também nunca... Já me perguntaram assim: Ai, já sentiu discriminado? Algum tipo de preconceito? Não porque, eu não, aquilo não, ehn... era tão natural, é tão natural pra mim que eu não sei como é ser diferente, entendeu?

E: sim

P: Acho que é isso, não sei se tem...

E: Eu queria saber o ano exatamente que vocês mudaram, se sabe?

P: Pra onde?

E: Pra cá

P: Pra cá? 2013

E: Tá. De uma forma mais geral agora, se você tivesse que explicar o que é a Umbanda, os Orixás... Qual a importância dos Orixás, se os Orixás regem a casa. (...) As entidades que trabalham e a diferença dessa Umbanda. Se você tivesse que explicar essa Umbanda e qual seria a diferença dessa casa Ogum Sete Espadas para outras? Ou qual seria o diferencial dessa casa pra doutrina, ou se a doutrina complementa, como é que faz?

P: É bom... Os nossos Orixás são a base, né? A cima de tudo a gente tem que entender, nisso ao meu ver e no ver dessa casa, eles são forças da natureza, luzes muito grande, muito fortes, que estão abaixo de Deus é óbvio, mas que são muito fortes e que nos rege e que protege a nossa caminhada. E a baixo desses Orixás a gente tem outras entidades que vem nessa mesma emanção de força e de luz deles e que trazem essas...essas características deles, né? (...) E é muito importante pra nós porque esses Orixás são a manifestação de um povo (...) que de muita fé, que passou por muito, muito, muito trabalho e que via neles a única chance de...de sobreviver ou de ter um momento de...de paz de ter um momento de até lazer, a gente pode dizer, né? Por que é um momento que a gente fica assistindo que a gente dependendo da posição que a gente ta, se não é um médium que está trabalhando a gente está assistindo, é um momento que a gente é recebe muita coisa e se sente muito em paz e é de muito importância. E as entidades dessa casa é tem essa doutrina de ensinar, a casa recebeu, (...)... essa missão que eu não esperava de receber pessoas pra dentro da corrente de outras cidades, estudantes, já que Pelotas é uma cidade universitária, pessoas que estão longe da família e que encontram aqui esse ambiente familiar que faz falta lá. Já aconteceu diversas vezes durante esses anos todo, óbvio que pra mim e pra minha mãe é meio difícil as vezes, porque a gente se apega muito e essas pessoas as vezes tem um ciclo que elas tem que ir embora, (...) mas a gente recebeu essa missão de realmente, essas pessoas acabarem se tornando do nosso convívio diário até e de nos ter como uma família durante todo o período universitário e a casa protege, da muito apoio, um apoio emocional, um apoio (...) pra essas pessoas que se sentem só, né? Eu acredito que o grande diferencial da nossa casa é seja a busca por fazer as pessoas

crecerem de diversas formas inclusive na questão financeira, na questão dos seus estudos, porque existiam uma mentalidade de que a pessoa, quando era umbandista ela tinha que ser humilde, mas a palavra humilde era vista de uma forma pejorativa: ela não podia querer ter, ela não podia querer ser, e pra nós é importante. A gente cobrar muito das pessoas mais novas, que estão ainda estudando, que estudem, que trabalhem, que queiram crescer, que queiram vencer, porque a nossa religião é isso, é pra dar paz é pra dar força nas lutas lá fora. Ogum é o Orixá que chefia nossa casa, que seria um Orixá guerreiro, de vencer batalha, vencer demandas, e as características da casa acabam sendo muito essas. As batalhas que vem nessas pessoas, cada uma com sua batalha diferente, mas que a gente acaba auxiliando sempre.

E: E mais nas questões das entidades aqui da casa, teria alguma coisa para me dizer? Sobre as Linhas, as características...

P: de cada Linha?

E: uhum...

P: Bom, caboclo é, são os índios, o povo da mata, o povo da praia, o Povo mais próximo (...) dos Orixás, de uma luz mais forte, mais próximos dos Orixás que trabalham pra saúde, trabalham pra saúde, pra pra, abertura de caminho, mas mais basicamente para a saúde física, mental. (...)... São muito sérios, eles...a comunicação deles, é uma comunicação mais fechada, eles não tem tanto contato assim, até porque tem um distanciamento muito grande, já da parte terrena. Eles são espíritos, bem evoluídos, então eles não conseguem ter uma ligação muito próxima, eles vem, fazem o trabalho deles, fazem a gira deles e que envolve muito mais rodar realmente e algumas características (...) de mão que lembra a **dança** dos Orixás. E aí cada caboclo, se ele é um caboclo de Oxum é a característica de Oxum e assim é de todos os Orixás. Depois a gente tem muito forte dentro da casa, a Linha de Cigano, que é Linha dentro da Umbanda, é uma Linha mais nova, vai se encontrar muito terreiro que não se trabalha com o Povo Cigano, com esse povo do oriente e que (...) a manifestação deles é diferente da manifestação da Umbanda, porque ela não é tão voltada aos Orixás, ela é mais voltada a cultura de Santa Sara de Kali e as **danças** orientais e a forma de se comunicar também, né?

Pretos velhos que é uma Linha de raiz, né? Dos escravos, (...) negros escravos que cultuaram essa religião sempre e aí a gente tem vós e vós que foram pais de santo, mãe de santo, e que vem trazer essa cultura fortificar. E eles tem esse trabalho, realmente. Mais de um contato mais próximo de sentar, conversar, de ter como um neto realmente. É algo mais paciencioso até de ouvir. (...) E é uma Linha muito importante. A gente costuma dizer que é uma Linha que fortifica muito nossos trabalhos né? E a Linha de Exu que é uma Linha voltada, (...) pro povo da noite, e aí esses espíritos tem mais proximidade com a gente, o afastamento deles com o plano terreno é um pouco menor, então eles tem facilidade de se comunicar, de entender os nossos sentimentos. Por isso as vezes as pessoas tem mais facilidade, ou acabam dizendo que gostam mais da Linha de Exu, porque a gente vê na Linha de Exu, algo muito próximo a nós, não se diferencia, porque a gente vê os pontos, a **dança**, eles são mais sensuais, eles...eles é a gente consegue ver nos olhos deles alguns sentimentos que nós enquanto vivos temos esses sentimentos acessos, né? E por isso que as pessoas tem mais proximidade, acho que era isso, não sei se tem mais?

E: E sobre as Linhas de Baianos e Ibejis, como a umbada entendi, como a casa entende?

P: São Linhas. A Linha de Ibeji é uma Linha cultuada no país todo, né? São as crianças, né? Que na nossa doutrina eles tem que vir após aos Pretos-velhos ou juntos aos pretos velhos quem iria cuidar, são crianças que acabaram desencarnando muito cedo e que tem essa missão espiritual de trabalhar, pra saúde, pra ela ajudar outras crianças que estejam com algum problema, e a gente cultua muito aqui, pois é uma Linha que traz muita felicidade, a energia que essa Linha traz quando eles vem, é uma energia de paz, de felicidade muito grande. A gente faz festas muito boas que a gente aproveita pra dar brinquedos pras crianças, doces, tudo aquilo que criança gosta, que são (...) aquilo que eles trazem. E a Linha de Baiano, que aqui no Rio Grande do Sul ela não é muito cultuada, algumas casa cultuam e a gente faz, não sempre, com mesma periodicidade das outras Linhas, mas faz (...).

E: Acabam sendo menos que as de Ciganos, provavelmente.

P: Menos, menos que as de Cigano. É que tem também essa característica da, bem forte, da parte africana, né? E a cultura toda mais ai da mandinga, do, da tudo. (...) Fazendo trabalho com pimenta, é algo pra proteção, uma fitinha, essa parte muito visual eles tem isso, e é uma Linha muito forte. E eles trazem a característica dos Orixás muito forte, a **dança** deles, a gira deles, a gente percebe de cara que é a **dança** dos Orixás, né? E ai dependendo se aquele Baiano é filho de Xangô³⁹ ele vai **dançar** e se manifestar como a **dança** de Xangô e assim como todos os outros Orixás.

E: E os rituais aqui da casa. A gente. (...) Se você pudesse me descrever. Ritual a gente entende como começar o círculo, você e a mãe conversando, o bater cabeça... Se você tivesse que descrever como acontece todos os rituais aqui da casa, as diferenças de cada Linha, se o ritual começa na sexta-feria. (...) Se começa na quinta, se a mãe aqui trabalha durante a semana, já é um ritual pra preparar pros trabalhos abertos. Me descrevesse assim bem detalhadamente:

P: Ah... É uma casa religiosa. Ela ta sempre envolvida numa ritualística, a gente nunca ta fora disso, né?! Porque ela é feita pra isso. Então, (...) a gente todos os dias, minha mãe chega aqui pra trabalhar, porque ela trabalha aqui no dia-a-dia aqui dentro e eu não. E ela chega e quando ela chega pra trabalhar, ela faz a prece, ela chama todos os pais de luz pra que ajudem ela, as pessoas que ela vai receber, que o trabalho seja bem feito, que as pessoas saiam daqui melhor. Então isso é feito diariamente. E a preparação pro sábado começa na sexta-feira, onde é preciso que a gente limpe todo o terreiro, troque bebidas que são servidas aos Orixás, que são colocadas em taças e copos que são colocados em frente as suas imagens, as velas que são acessas são trocadas e isso é uma diferença do nosso terreio. Porque a gente sempre quis desmanchar a imagem, isso eu digo, não por uma visão preconceituosa, mas porque eu ouvi muito de pessoas que vinham de outras cidades para cá, que imaginavam terreiro de Umbanda um lugar sujo, escuro, cheio de vela e vela acessa, com galinhas e galos correndo. Então o terreiro sempre quis manter a limpeza, a organização, o cuidado em cada detalhe, pra que fosse um lugar agradável aos olhos, pra que trouxessem uma sensação boa e principalmente tirasse essa imagem que as pessoas têm negativa da religião. E independente se as

³⁹ Verificar no glossário, pois leva o mesmo significado que Enviação.

peessoas for mais humilde, ou menos, é a limpeza, o cuidado. Então na sexta-feira é feita numa tarde toda esse cuidado, é todos os copos que serão usados, são lavados. Tudo é bem cuidado. A gente tem um jardim aqui que é preparado também. No fim das sextas-feiras a gente fecha as portas com tudo pronto, pra os sábados. No sábado a gente começa se prepara pra vir pra cá durante a tarde. No sábado a gente chega aqui e recebe as pessoas. Primeiro aquele momento de reencontrar os amigos, os filhos, todo mundo se cumprimentar, conversar um pouco e (...) depois a gente começa o nosso trabalho. Geralmente começa com a mãe ou comigo conversando com os filhos fechado. Enquanto isso o pessoal que vai assistir ao trabalho já esta no nosso jardim ali. É uma conversa de incentivo, uma palavra que geralmente é a palavra que vem no momento, ela não é pensada, né? Ela vem no momento em que a gente se concentra pra começar e ela é dita. Depois disso a gente abre as portas pras pessoas da assistência entrarem e ai uma nova palavra é dada, um novo texto é dado também, sem ser planejado, mas agora voltado as pessoas que vem assistir. Depois a gente se volta ao nosso conga e faz nossa abertura que é constituída por diversos pontos. (...) Essa lista de pontos que foram feitas, ela foi planejada por mim, que envolve: A gente tem que fazer uma prece que represente nossa casa, o hino da nossa Umbanda tem que ser cantado, os pontos dos nossos Orixás maiores, depois um ponto que represente cada Linha, um ponto que represente as entidades da casa que a gente foi feito, ou seja, da onde a gente veio, né? Pra homenagear aquela entidade que nos iniciou dentro dessa religião e depois disso os pontos que vão chamar nossas entidades, que geralmente sou eu quem começa a trabalhar e depois minha mãe e ai depois nossas entidades, começam a chamar as entidades dos filhos, né? Isso é básico pra todos os sábados e ai só vai mudar em cada sábado dali pra diante, né? Quando é caboclo segue assim e ai não tem questão de comidas ou de, como eu disse antes: eles são mais simples pra essa parte. A Linha de Cigano que tem muita **dança, muita festa**, vinho, comidas, frutas, que as pessoas trazem, pão, carne que é bem característico deles, e ai depois... (...) dessa **dança**, vem o passe. Eles recebem as pessoas que vieram da assistência, conversam com essas pessoas e depois eles se alimentam e distribuem esses alimentos pra todo mundo, assim como é na Linha de Preto-velho, da mesma forma. E a Linha de Exu, essa abertura que eu tinha falado antes, ela não

é feita voltada ao conga, ela é feita uma abertura voltada ao nosso assentamento, que a gente chama, onde ficam imagens dos Exus. A luz fica mais escura, pra trazer esse ambiente de noite, realmente. A gente salda a esse povo e abre nossos trabalhos pra que eles possam vir. Não sei ser era...

E: É isso ai. Uhum... Isso ai. E agora especificamente do que estou estudando na pesquisa: Que então eu to cuidando os corpos, observando os corpos, analisando como esses corpos acontecem. Se você pudesse me dizer como esses corpos, se comportam dentro das Linhas, se existe diferença de comportamento dos corpos, de movimento, você disse da dança. Como é a diferença dessa dança dentro dos corpos? (...)... Se existiria essa religião sem o corpo físico? Qual a importância da matéria do corpo, do corpo para dentro da religião.

P: A gente é, é uma religião de muito **movimento**. Toda a religião afro ela tem (...) esse culto ao corpo muito grande. Tanto que as imagens dos Orixás africanos mostram (...) braços de fora, (...) e as nossas imagens de alguns Caboclos até... penacho só. Essa coisa do corpo, do corpo forte e se essa religião existiria sem o corpo? As entidades? Obviamente, né? Existiriam mas elas não poderiam se manifestar e essa manifestação depende de um médium, da concentração e da entrega do médium. E essa entrega ela é mental de concentração, de acreditar naquilo que esta se fazendo e ela é muito física também. Porque como, eu tinha dito antes, é muito **movimento**, então há um desgaste físico muito grande, desde do momento que o terreiro começa até o fim. Não só os médiuns que estão trabalhando, mas pessoas que formam a corrente em volta, estão em **movimento**. Então (...)... Linha a Linha. Caboclos, como eu tinha dito, gira, muita gira é e é uma gira um pouco mais rígida, um pouco mais firme os **movimentos**. São mais rígidos, mais é intenso, é algo (...)... como é que eu posso dizer assim: enérgico. Né? (...) E eles. A gente acredita, que eles girem dessa forma e que aconteça isso porque no plano espiritual essas, essa entidades, obviamente são luzes, é uma força espiritual. E que quando ela desce até a terra pra que ela possa chegar até o nosso corpo, ela vem como se fosse um redemoinho, (...) essa força vem girando. Então se ela encontrar o corpo parado ela tem mais dificuldade, então **movimenta** o corpo para que essa energia possa entrar, para a mesma forma que ela vem, rodando. Né? (...)... Cigano: Como eu tinha dito, também é muito **movimento**, mas é mais voltado

pro lado oriental da **dança** que envolve muito as mãos, muito gestual, (...)... que as ciganas por exemplo, aproveitam muito a saias que tão, a roupa pra **dançar** e que é uma **dança**, isso em todas as Linhas, também na Linha de Cigano que quer passar alguma coisa, e o Povo Cigano quer passar alegria, então a **dança** deles é sempre sorrindo, é sempre mantendo o contato visual com alguém, é transmitindo algo, não é em vão. E eles **dançam** bastante, as Ciganas **dançam** com os Ciganos. (...) que batem palmas em volta delas (...) e tem esse contato entre eles também. Na Linha de Preto-velho, por eles serem mais velhos, eles tem o corpo, os médiuns fica com o corpo mais curvado.

E: Mais pesado.

P: Mais pesado. Existe a gira, mas é uma gira mais lenta. A **dança** ela é feita mais devagar, com passos pequenos, não tem... Não é tão enérgica, mas ela acontece. Eles ficam sentados depois, eles chegam sentam, e se eles tem que **dançar** em algum momento, eles levantam **dançam** e voltam de novo praquele lugar onde estão. (...)A Linha de Exu, talvez a que traga mais desgaste físico porque além de envolver, todo uma gira, que ai é mais rápida, ela é mais forte, ela é muito constante, leva muitas horas, né? E essas entidades, elas **dançam** umas com as outras. (...) O povo de Exu tem uma questão, não que os outros não tenham, mas a deles é muito maior: de encarar o tambor. Enquanto o tambor esta tocando eles vão pra frente do tambor como se apresentam na frente daquele tambor, um a um, as vezes em grupo, pra ter aquele momento deles porque eles também tem aquela questão, como eu tinha dito, um sentimento mais terreno, o momento da vaidade. De transmitir algo e de transmitir beleza aos olhos, de transmitir um certo encanto e despertar. As vezes as pessoas ficam olhando aquela **dança** e a pessoa que ta assistindo, que ta buscando, ela começa a se perder naquela **dança**, assim... e entra e aquilo mexe no interior dela. A gente consegue sentir o que que a entidade ta querendo passar, as vezes, a gente ta com algum problema de amor, por exemplo e a gente começa a olhar aquela **dança** entre um Exu e uma Pomba-gira e aquilo representa realmente uma **dança** de sedução, dessa energia mesmo amorosa. Baiano como eu tinha dito, é bem voltada aos Orixás é uma **dança** mais africana, por exemplo Oxum que é um Orixá que a gente acredita que dance se olhando ao espelho, eles fazem isso também, e Xângo carregando a balança, Ogum lutando

com sua espada, enfim... eles tem isso né? E os Cosmes não. Eles não **dançam**, eles brincam só. E alguns deles na hora de chegar eles deitam e depois eles vão embora como se fosse dormir da mesma forma. Não sei se era isso...

E: Sim. E só pra gente finalizar: a questão dos Cambonos ali. Como fica em volta, as correntes que se formam, que parece que não é só uma corrente física, também tem uma corrente espiritual.

P: É a gente precisa...

E: Como é o trabalho dos Cambonos?

P: A gente precisa do nosso trabalho, que existem volta do terreiro, do salão, uma corrente que começa com todos ali posicionados. Eu e a mãe no meio e depois quando os médiuns vão trabalhar eles ficam ali no meio trabalhando com suas entidades, e a corrente tem que seguir, mesmo que sejam poucas pessoas posicionadas de forma espalhada, pra garantir a proteção. Que a gente acredita que quando um terreiro começa, e o seu trabalho começa, ele emana muito luz e alguns espíritos que estão buscando luz, se aproximam, eles se aproximam pra buscar. Só que tem que haver um controle pra que esses espíritos não entrem para dentro do trabalho e não atrapalhe o que esta se fazendo, pra que as entidades possam receber eles depois na hora de ir embora e poder encaminhar eles. Levar eles até onde eles estão querendo ir e essa importância da corrente tem que ta firme, com o pensamento firme, porque do lado de cada uma dessas pessoas que estão na corrente, existe algum espírito que esta protegendo e formando a sua corrente também espiritual para impedir que esses espíritos, que não que eles queiram o nosso mal, mas sim buscando essa luz e não sabem como, entram no nosso trabalho. E essas pessoas que estão ali, elas são chamadas de Cambonos, são as pessoas que auxiliam, então eles, além de ta dentro da corrente concentrado eles tão sempre prestando atenção nas entidades, se as entidades precisam de algum fluído, que são ervas que se faz com álcool para benzer, de alguma bebida, ou precisam de alguma coisa, eles estão ali pra atender essas entidades, né? Porque essas entidades não vão (...) até algum lugar buscar ou não vão entrar dentro da nossa cozinha para pegar bebida, são os Cambonos que vão buscar. E é muito importante porque, quando nossos trabalhos começa no sábado, ta todo mundo trabalhando, independente do que esteja fazendo, se for um médium já com

seu apronte que ta trabalhando incorporado, ele vai ta. Se é um Cambono é camboneando, se é tamboreiro é tocando tambor. Ta todo mundo cumprindo sua função pra que essa engrenagem possa funcionar. Se alguma parte não vai bem o trabalho não tem o mesmo resultado, se alguém não consegue entender por quê. Como tem muito essa questão festiva dentro da Umbanda, porque sempre que a gente olha parece uma festa, a gente vê entidades **dançando**, o som do tambor, letras, músicas, muita...

E: ... comida.

P: comida, parece sempre uma festa, mas é um trabalho, né? Então todo mundo tem que entender a seriedade e ser sério não quer dizer ser carrancudo, ou ser fechado, quer dizer se concentrar pra quilo ali. Obviamente, mesmo pra quem ta dentro da corrente e principalmente, tem que se sentir feliz, se sentir alegre, tem que esquecer seus problemas la fora e conseguir ter aquele momento ali dentro. Mas a pessoa não pode ta ali pensando coisas além, ou pensando na sua casa, ela tem que ta voltada pro trabalho, prestando atenção ali dentro, pra nos auxiliar e é por isso que a gente conversa, faz reuniões, instruiu, porque a gente depende uns dos outros. Pra dar certo todo mundo tem que ta compreendendo o que esta acontecendo.

E: Ta certo. Parece que é sempre um ciclo, né?

P: é

E: A Umbanda ela começa naquele círculo, mas tudo depende de cada um, né?! Ali, a gente um depende do outro

P: E ali as próprias entidades a gente costuma dizer que vai de Oxalá até Bara, né? Então uma volta. Bara seria o Exu. E Oxalá, as duas pontas, ou seja, os dois extremos, mas esta um ao lado do outro é um realmente é um ciclo, né?

E: sim

P: realmente é

E: ahãm

P: e por isso que a gente fica em roda, tem uma outra questão também muito importante, que eu até to pra conversar com uma menina da casa aqui, que eu acho importante de consta, que a nossa religião tem característica que aceita. Por ela vir de um povo que sofreu muito!(...) Raça, orientação sexual, classe social, não

interessa a gente aceita. Se a pessoa tiver fé e tiver disposta a aprender e praticar aquela religião a gente aceita e a cumprir as regras, porque isso é muito importante. Aqui a gente leva muito a sério isso, a casa tem regras. Regras tem que ser cumpridas, de disciplina, de compromisso e a gente têm pessoas dentro da casa que são homossexuais e a gente costuma assim dentro da corrente: (...)o menino que é gay ele fica junto dos menino dentro da corrente, a menina fica junto das meninas e existe. Eu aprendi da seguinte forma: que independente do que fosse, o menino ficava usando calça e a menina saia, só que vem mudando muita coisa. E isso começou a causar um grande questionamento dentro de mim e se dentro da casa a gente tem alguma menina que se vê como menino? Não é mais uma questão da orientação né? É e se tem algum menino que se vê como uma menina? E aquilo ofende? Então a gente tem algum, algumas situações aqui que eu quero rever. Eu quero conversar e quero saber se praquela menina (...) que tem essa questão com a sexualidade dela utilizar saia, torna pra ela o trabalho desconfortável. Eu quero rever isso, eu quero entender, é pra mim poder ajudar ela, se realmente tornar desconfortável eu quero que meus Orixás que as nossas entidades me digam o que fazer pra que ela fique em paz e isso é uma coisa nova, porque essa religião é muito antiga, mas é uma situação nova que tem ser discutida agora

E: Sim, é uma manutenção

P: E eu quero resolver isso. Eu quero entender. E essa questão seria eu eu aprendi que seria respeito aos nosso Orixás que a mulher tivesse de saia e o homem tivesse de calça, mas a gente precisa entender a mudança do mundo. Assim como, quando a casa recebeu um menino que faz parte, que tem Síndrome de Down. Quando ele entrou eu não sabia também, eu nunca vi um médium com síndrome de down, eu nunca vi alguém desenvolver com síndrome de down, e ele ta desenvolvendo. Então eu acredito que a nossa religião ta em constante construção, a gente nunca sabe tudo

E: Sim

P: E eu vivo situações hoje em dia que quem me ensinou não viveu, então não tinha como me ensinar. Então (...) talvez as minhas atitudes em relação a essas duas situações que te coloquei agora pouco e outras que vão vir, vão ensinar a ti e a

outras pessoas de como se comportar no futuro, ou seja, to construindo algo diferente dentro dessa religião que vai seguir sendo passada.

E: Que é característica da Umbanda também, que é a umbandista não se fecha aqui dentro do terreiro, né? O umbandista ele é espalhado o tempo todo é para além do terreiro

P: É para além

E: A gente tem nossas ações acima dele.

Anexo II - Entrevista com Cacique Ana

Era quarta-feira um dia comum de trabalho para Ana e para mim. Ela havia desmarcado a entrevista para o dia 20, pois estaria trabalhando e me chamou às 19:00 do dia 22 de novembro de 2017 para ir até o terreiro e fazer a entrevista. Prontamente fui para o terreiro, já estava com as coisas previamente organizadas.

Alguns filhos da casa foram para o terreiro também e resolveram fazer um churrasco, já que ficaríamos um tempo por lá. Me dirigi para dentro do terreiro com a Ana e me dispôs para começar quando ela achar melhor. Ela resolver começar a entrevista, por volta das 20:30 fechamos as portas e o churrasco acontecia lá fora, sentamos em sua mesa de trabalho com o carteador.

E: Antes de começar, queria te agradecer oficialmente por você ter me confiado esse papel de estar aqui dentro de fazer gravação, de estar aqui observando o trabalho, de ter me dado essa oportunidade. Como filha, muito obrigado mesmo e eu espero que você se sinta a vontade (risos) são só algumas perguntinhas

A: Tranquilo

E: Então vamo lá: (...) Pra gente saber quem é você, se você tivesse que se apresentar, falar seu nome, sua profissão, o que você faz e dentro disso explicar a quanto tempo você é praticante de Umbanda e quanto tempo você rege a casa Ogum Sete Espadas?

A: Bom, meu nome é Ana⁴⁰, sou psicóloga, né? Minha profissão mesmo é psicóloga... e o que mais?

E: A quanto tempo você é umbandista...?

A: Bom, na realidade eu nasci né, dentro da religião. (...) Meus pais, sempre frequentaram... Meu pai propriamente dito, junto com a irmã dele, já regiam a casa "Jurema das Matas" que ficou aberta 70 anos. (...) Comecei então a desenvolver mesmo. É na realidade, começar a girar, 5 anos. (...) Começar bem a distinguir, o que que era, e o que que não era, o que realmente acontecia com meu corpo, ao girar, enfim... aos 7 anos. (...) Com 11 anos recebi a primeira cabocla: Janaina Menina. Dai por diante foi dando sequência a todas as outras, ta? E o que eu vou regendo a

⁴⁰ Nome fictício colocado para garantir a integridade da identidade da pessoa.

casa Ogum Sete Espadas. Fazem exatamente propriamente dito 18 anos, que a casa foi aberta mesmo, assim tipo, que a casa foi aberta mesmo, porque eu já fazia meu trabalho, mesmo sendo filha, (...)... de Umbanda, Jurema das Matas. Eu não fiz parte de um outro terreiro a não ser Jurema das Matas. Assim com a autorização da minha cacique, eu tinha muita visibilidade e assim com o decorrer do tempo e com 18 anos, na realidade, comecei a já colocar já o baralho, o carteadado, assim tendo bastante. Assim como a gente explica e fala bastante para vocês: a nossa realmente clarividência que é quando um médium sabe discernir, né? O que esta na sua frente, por que usar o baralho dentro da religião é propriamente dito um fetiche, né? Ou seja, tu usa o baralho pra quando tu conhece uma pessoa, por exemplo, uma pessoa que vem a primeira vez na sua casa... Éhn... Querendo saber sobre a vida dela, creio que o meu ponto de vista, né? E sobre tudo que aprendi, que não é fazendo perguntas ou 5 perguntas, como geralmente muitas pessoas fazem. E assim tu fazendo 5 perguntas no baralho, começando um baralho, o carteadado, tu faz 5 perguntas e automaticamente a pessoa já esta dizendo toda a vida dela, então baralho, como tu mesma já colocastes aqui, assim como muitas pessoas que vem a primeira vez, coloca um baralho, coloca uma carta, assim a entidade, as entidades, eh... automaticamente estão na minha volta, todas elas regendo o que posso dizer, o que não posso dizer, para as pessoas que aqui vem buscar ajuda, enfim... até mesmo para saber sua caminhada, como prossegui, como prosseguir ou não. (...) Assim eu já deixo com que o povo, na realidade tome conta, e me de essa clarividência, que é chamada aos médiuns pra que eu possa ver além, (...) do baralho, entrar realmente a fundo das pessoas assim, podendo ajudá-las melhor.

E: E a Umbanda. E assim se você tivesse que explicar a Umbanda, as características da Umbanda.

A: A Umbanda...

E: (...) Olhando ela especificamente aqui pra dentro também, qual a diferença das outras casas, se você diferença ou se não.

A: Sim, vejo bastante diferença na casa (...) na nossa casa, né? Ogum Sete Espadas. A nossa casa, ela pode se caracterizar, vamos dizer assim, numa sociedade espírita. É porque mesmo nós, eu tendo todo esse tempo de religião, assim como o A. né? Que é o nosso diretor de cultos. A gente tendo toda essa

visão, toda essa visibilidade, a gente não cre que somente tudo aquilo que a gente coloca ou aquilo que a gente fala, enfim... Seja simplesmente o correto e ponto, sem dando (...) alternativas, chance ao novo, ou seja, a Umbanda é respeito, Umbanda ele é respeito obviamente, se existe hierarquia, como é chamado, né? Assim como todas as coisas, as entidades de Oxalá a Bará. (...) Também assim, obviamente se tem a hierarquia dos donos, de como funciona. Tipo: Eu não acredito num novo, sendo assim, tipo, vamos colocar o novo, como por exemplo, uma entidade atender a um telefone, atender a um celular, entendeu? Esse tipo de coisa, isso não quer dizer um novo nesse sentido, mas quero acrescentar que eu creio, eh... num novo na realidade, num novo médium nas pessoas que nós, como pessoas na realidade, temos uma passagem longa por dentro da religião, de já ter obviamente discernimento, a clarividência. Como já me repeti aqui, mas a clarividência esta em todo momento, de saber , quando aquele médium vai estar apto, na realidade, a poder trabalhar com suas entidades, assim nós também visualizamos, assim dentro dessa casa, porque que ela é diferenciada? Ela é diferenciada porque ela tem o potencial de nós não vemos somente aquilo que um médium nos diz, mas nós canalizamos em tudo o que ele faz na vida dele, como ele rege a vida dele lá fora, se ele é uma pessoa de boa índole, se ele é uma pessoa que pode realmente já receber, já estar pronta, apta como falei, a receber essas entidades pra começar dai essa transição. Na realidade de teu perísprito se afastar para que um novo espírito, na realidade, um espírito novo que a gente chama, para aquele médium, né? Um espírito milenar entrar nesse medium, assim pra poder entrar com a sabedoria dando entendimento a esse médium. Que muitas vezes é, se tem uma visibilidade, se tem a escuta, ou enxerga essa pessoa que esta a frente desse passe, por quê? Porque esse médium novo ele ainda precisa ter essa liderança, conforme ele esta dando passe a alguém que chega com problema, muitas vezes existe isso. De alguma pessoa chegar ao terreiro e muitas vezes ir tomar passe com aquela entidade e automaticamente aquela/aquele filho de religião, ele esta passando pelos mesmo problemas, vamos se dizer, que aquela pessoa que chegou a frente daquela entidade. Então a entidade ao mesmo tempo que ele ajuda a pessoa que esta afrente dele, ele esta também ajudando aquele corpo, aquele aparelho (...) que emprestou o corpo a ele, pra que assim , ele possa vir cumprir a sua missão. Então

é a evolução, na realidade o passe é evolução, para o médium, para as pessoas que vem buscar. A nossa diretriz dentro da Umbanda é “fazer o bem (sempre), sem olhar a quem”, mas também é... Muitas vezes pode dizer: “Ah! mas vocês deixam o médium de molho?” Não. Nós ensinamos a eles, na realidade, a ter humildade, tranquilidade, pra que ele possa primeiramente entender o que é a religião, o que é a Umbanda?

Umbanda é respeito, Umbanda é humildade, Umbanda é dedicação, se tu não tiver esses itens: a dedicação, o respeito, a humildade, a serenidade, a tranquilidade, ehn.. enfim, a sabedoria de saber ter equilíbrio sobre todas as coisas, das quais, nós vivos passamos pela nossa vida, né? Principalmente nesse tempo de agora, de tanta altos e baixos, sobre politica, sobre tudo. (...) Sobre todas as mudanças, a gente tem que saber como pessoas, ter diretriz lá fora, ter o equilíbrio pra tudo, pra poder então assim, deixar com que esse novo médium, assim receba as suas entidades, pra que ele possa, se ele se mostra, na realidade, uma pessoa equilibrada, uma pessoa que tem discernimento de morar sozinha. (...) Enfim várias coisas, se tem cabimento no que ela esta fazendo, no ensinamento que ela da para o seu filho. Mãe, as mães a gente olha muito, os pais a gente olha muito, a juventude a gente olha muito, como é que eles agem sobre a vida deles, se é só balada ou se eles buscam algo de melhor. Enfim um entendimento em todas as partes. Umbanda ela não vem somente em cima de rituais, mas ela vem, (...)...com fundamentos, Umbanda é fundamento. Umbanda é se caracterizar exatamente no fundamento de tudo, tudo tem um porque de nós fazermos, então Umbanda eu posso te dizer, ela é fundamento, ela é respeito, ela é amor, ela é humildade, discernimento e todos os itens que...que falei.

E: E a quimbanda?

A: Quimbanda. Na realidade, é uma Linha Cruzada, ta? A quimbanda ela quer dizer, que na realidade, na Umbanda o Exu ele vem, (...)...só com luz branca, sem poder, na realidade, muitas vezes sem poder, usar os fetiches, que nós colocamos, que nós damos para eles usarem. Vamo se dizer assim, por exemplo, na Umbanda se uma Linha de Exu vier, ta? (...) se a Umbanda branca, totalmente branca, nós não podemos muitas vezes pode, mas não se é usado.(...) Deixar com que aquela entidade fume, com que aquela entidade beba, com que ele use chapéu, com que

ele use capa, o Exu. A Pomba-gira ela não pode vir com uma roupa de dama da noite, porque o que na realidade o que que é uma Linha de Exu? É um cabaré antigo. Só que pelo bem da palavra, um cabaré, com todo respeito. Não quer dizer que, por ser um cabaré, uma dama, na realidade, uma Pomba-gira propriamente dita, ela vem na terra pra fazer, com o perdão da palavra, mas para que fique bem esclarecido, Ok? Ela não vem para fazer putarias. Ela não vem para ser uma prostituta, entendeu? Por mais que ela possa ter tido, ter sido uma dama da noite ela vem na Umbanda e na Quimbanda na realidade com outra caracterização que é ajudar as mulheres a terem um entendimento de que ela não precisa ser uma “Amélia”, não preciso na realidade abaixar a cabeça e dizer sim senhor para todas as coisas. A Quimbanda ela (...) Se pode dizer que ela tem uma Linha Cruzada mais forte porque ela ensina na realidade a mulher a se posicionar. A mesma coisa que também ensina ao homem, A ser um homem de verdade a se posicionar também. Porque hoje dentro da nossa sociedade, muitos homens levam chifre e acha que tem casa posta isso e aquilo e aquilo outro, porque tem filhos, eles não podem, eles não podem mudar não podem dizer não, entendeu? A mesma coisa que a mulher. Então não há não vamos ser feminista ou machista (...) A Quimbanda ela vem exatamente com uma Linha Cruzada a onde nós também estamos aptos. A desmanchar qualquer demanda: da maçonaria, (...) da bruxaria, qualquer quizila, que venha na realidade, (...) Que hoje se tem rituais, (...)...Não tô bem lembrada bem o nome agora me fugiu, mas é propriamente dito uma Linha de eguns, do qual tu compra uma partezinha no cemitério e ali eles mexem com ossada, eles fazem balé de egum. Então a gente tá apto a desmanchar qualquer questão, nesse princípio que acham que por ser da bruxaria, por ser (...) Linha negra, magia negra, como é chamado também né? Eh... Então tem vários nomes que hoje as pessoas inventam, né? De certa maneira é pra botar o medo, pra mostrar pras pessoas que de certa forma são mais fortes, então não existe. Como eu sempre falo, (...)... eu tenho muito mais receio daquele que está de branquinho, propriamente dito, do que aquele que se fantasia todo de preto, unha preta, vários apetrechos que fazem na realidade um circo. (...)... botam fotos em redes sociais de garfos tridentes, garfos, enfim, tentando assustar de qualquer forma. Então a Linha propriamente dita, eh... Quimbanda ela é uma Linha bastante forte, nós estamos aptos também a fazer

sacrifícios, vamos se dizer assim, se necessário, né? (...)... nós não fizemos, né? Porque achamos muitas vezes que a casa de certa forma, nós temos tantas energias aqui dentro, eh... que basta de certa forma nós pedirmos e o povo vai nos atender, por nós não trabalharmos pro mal, nós não fizemos mal para as outras pessoas, nós desmanchamos o mal, nós somos uma Linha que na realidade, por isso eu falei lá no início, que nós somos uma sociedade espírita. O que quer dizer uma sociedade espírita? Que nós na realidade, aqui, eh.. Nós vamos sempre ouvir os novos também aqueles médiuns novos, o que, na realidade a posição dos médiuns, o que eles acham. Eh... porque os trabalhos, muitas vezes sujaram as encruzilhadas, porque deixam tantos rituais que já não é mais necessário, por exemplo, se nós vamos fazer uma Linha na praia, por exemplo, nós levamos saco de lixo, nós levamos (...)... tudo pra juntar tudo ali que nós deixamos garrafas, enfim. Tudo que nós. Um Cruzamento de Praia⁴¹ que é necessário bebidas enfim, que se faz batizado, fortalece os filhos então tudo isso, se pode fazer dentro da quimbanda. E assim nós temos esse cuidado, na realidade, de fazer também a limpeza, de não sujar literalmente a natureza, entende? Então nós temos todo esse cuidado. A Quimbanda ela é (...) o que eu posso te dizer é isso: é uma Linha Cruzada, uma linha muito forte, que vem com essa posição de (...) dar diretrizes as pessoas, de nos deixar. Eu propriamente, (...) quando comecei dentro da religião era somente a Umbanda, Linha branca, ok? Que nós, todas as entidades eram Linha branca. Nós não poderíamos já começar uma Linha vestida com as roupas de nossas damas, por exemplo, né? Nós estávamos ali com as nossas saias, a nossa camiseta branca, todos vestidos de branco e por cima das nossas roupas, eram colocados as roupas delas, assim que funciona na Umbanda. Nós já não vimos dessa forma, já não é preciso, por quê? Porque hoje, eu tenho obviamente essa explicação com todas as meninas e com todos os meninos, por exemplo, as meninas que trabalham com as Pomba-giras. Não é porque elas estão recebendo uma dama que elas vá fazer as coisas carnis da terra e culpar que seja a Pomba-gira que esteja fazendo isso com ela. Não a Pomba-gira não vem a terra pra isso, a mesma coisa que o Exu, né? (...) Se o Exu tem, gosta de fumar, gosta de beber, não vamos culpar o Exu. Agora eu

⁴¹ Trabalho espiritual feito na praia para que o médium seja limpo de energias negativas. Para isso, ele é colocado debaixo da água do mar, juntamente com oferendas necessárias. Esse ritual acontece esporadicamente no início ou fim dos anos.

bebo, agora eu fumo, porque o Exu faz isso? Não, completamente separado. O aparelho daquela entidade faz se ele quiser, ele é muito bem esclarecido, dentro desta terreira aqui, que não há vícios. Quem trabalha com Zé Pilintra, por exemplo, se é muito criticado, porque Zé Pilintra “Ah! Automaticamente fumou maconha no morro, né?” Era do Rio de Janeiro, fumava maconha e tal e claro que o Zé Pilintra vem pra colocar vício. Não, ele vem para tirar vícios completamente diferente daquilo que o povo acha lá fora, o povo de Exu eles vem para tirar o vício, ele vem para nos limpar. Na realidade se o menino tem vício de jogo, se o menino eh... tem o vício da maconha, se ele tem algum problema com droga dentro da religião, ele já é completamente trabalhado para perder. Alias, nós não aceitamos que a pessoa faça parte da nossa corrente, se ela já tiver um vício banal, que hoje até de repente, não sei se já esta legalizado na lei, mas acho que em alguns lugares enfim... Dentro do terreiro não, entendeu? Então nós temos todo esse cuidado. Não para ser santos, não é isso, né? Os únicos santos que nós acreditamos é realmente os Orixás e o Povo Espiritual. A gente... Nós somos pessoas humanas e nós estamos a todo tempo aqui pra eh... sujeito a errar. Sempre, né? (...) Nós estamos em evolução. Então a quimbanda na realidade, ela tem esse poder muito forte, de ensinamento aos filhos deles, que é propriamente dito a Linha de Exu, que nós podemos deixar na penumbra, nós podemos dar o cigarro se a Pomba-gira quiser, mesmo que o aparelho dela, por exemplo, se o aparelho dela não fuma , eh... não quiser fumar quando a Pomba-gira chega, não é necessário fumar. Vai tudo é colocado no assentamento pra isso é quimbanda, nós vamos dar, vamos fazer a oferenda, a bandeja como se chama, pra que eles... eles vão comer as coisas deles, (...) vão beber as coisas deles, vão fumar, enfim, na imagem, porque a imagem propriamente dita ela não é uma imagem de gesso, né? Ela ali quando já batizada, ela já se caracteriza, assim chamada por cada nome, assim nós cremos , que nós não estamos na frente de gessos ou se é batizado. eh... assim como, como algumas... algumas entidades que nós temos aqui e em caretas de bonecas... enfim. São caracterizados, na realidade, assim quando se faz o amaci, que é a preparação das ervas, (...) se faz o mero que é o ato em si, o mero é lavar as imagens, colocar água mineral, guaraná, vinho, depende... Em cada imagem tem alguma... Algum ritual, é assim.

E: Agora que a gente já entrou na Linha de Exu, né? Mais ou menos... O meu trabalho, o meu recorte agora, vai ser analisar profundamente, a Linha de Exu e a Linha de Preto-velho, ta? Então a partir de agora a gente vai passar mais nessas duas Linhas. E como a gente já ta falando sobre Exu, né? Queria que. Você ja começou a caracterizar, né? Já começou a dizer algumas características, mas o que seria uma Linha de Exu pra quem não...

A: não conhece...

E: Como se porta, como, com que roupa eles utilizam, esse tipo de coisa

Interrupção: Ta atendendo?

A: A Linha de Exu, (porta bate) ta? Pra quem (...) É propriamente isso que eu disse, nós aqui, como nós somos quimbanda, como você ja falou, enfim... A nossa Linha é cruzada pela Linha de quimbanda, ta? Na Linha de Umbanda já expliquei, que elas vem com a roupa... A gente recebe elas com a nossa roupa: camiseta branca, saia branca, a menina. O menino com a roupa branca, calça e camiseta e depois que elas chegam, né? As Pomba-giras enfim é que se bota as roupas, delas, ta?

(...)Na quimbanda. Pra quem não conhece, né? Muitas vezes falam, eh... que a quimbanda, que a religião enfim vai prostituir aquela menina, vai prostituir o menino, pra quem faz parte da religião, ta? Como essa casa tem grande fundamento na realidade e nós procuramos sempre estar atento aos médiuns, ta? (...) Nós deixamos bem claro que isso não acontece aqui, ta? Então a Pomba-gira na realidade ela vem, então nós deixamos que ja o aparelho comece uma Linha de Exu, com as roupas das suas damas, as meninas com as roupas das suas damas, os meninos com a roupa dos seus senhores, enfim... Assim ela chega, é um povo muito alegre, povo de Exu é um povo alegre, um povo muito forte, um povo que é terra. Começando pelo senhor, que nós podemos dizer, em todas as Linhas, quem é, (...) quem mora na terra? Senhor Omolu (...) que também caracterizado, pode-se chamar ele também de Orixá, porque pelo lado de Nação ele é Xapanã, então sendo assim. (...) Um senhor, né? Uma entidade muito evoluída e começasse por ele, ele é o dono, na realidade, ele trabalha e se pode dizer: onde mora Omolu? Omolu mora na terra. Omolu é terra. Então o Exu ele é terra, o Exu ele vai trabalhar com você 24hrs, ta? Ele vai na realidade, (...) por exemplo, as outras entidades, (...) eles tem

certos, determinados horários, né? Você pode chamar ele, na realidade, (...) as outras entidades, até cedo, antes das seis. O Exu, você pode chamar e somente, depois das seis, quando (...) vamos se dizer, o sol cai, ta? Porque? Por que é terra, é noite, ta? (...) Quimbanda. Na realidade nós começamos o nosso terreiro, abrir, fazer as nossas preces, as nossas orações, a nossa corrente com nossos filhos, o discernimento antes daquela Linha. O que que o povo ta me dando, na realidade, pra que seja discernido. Assim pelos filhos da casa, porque quem da passe, também precisa de passe, muitas vezes antes ou após o trabalho, a gente começa então a discernir já ver. (...) O povo a nossa volta ja chamando, porque muitas vezes nós, os terrenos, não sabemos, quais os problemas dos filhos de religião, mas o povo assim propriamente, ja sabem obviamente. Então eles são... O Exu é um povo terreno, eles ficam 24hrs na terra, ele não sobe nem mesmo no carnaval. Tanto que no carnaval nós largamos, como eles chamam, nós tiramos as bebidas deles, assim como todo o conga, mas o Exu, ele... Os copos, as bebidas deles, tanto champanhe, quanto de água, é marola chamado por eles. (...) a cachaça, enfim, whisky, o que é colocado pra cada um e nós vamos despachar, ao mesmo... Antes da gente despacharmos as bebidas dele e virarmos os copos de cada uma das entidades no carnaval. Eh... nós mandamos, nós fazemos um trabalho fechado, assim botando um Exu, (...) pra rua, porque ele vai a trabalho, ele vai para defender a nossa casa, ele vai para defender. (...) Cada aparelho que aqui se encontra, assim como meus clientes, amigos, familiares nossos, tantos os meus, quantos os filhos da casa e todas as pessoas que tem na realidade fé na casa de Ogum Sete Espadas. Então o Exu ele é terreno, ele é grande protetor, ele é amigo de fé, não que o outro povo não seja, mas óbvio que todos são, mas estou dando ênfase assim como você perguntou, O povo de Exu ele é aquele senhor e aquela senhora que não temem a nada e a ninguém. Então, muitas pessoas, por exemplo, dizem que o Exu ele faz mal, eles tem isso, né? Várias casas ou várias pessoas para quem não entendi, como você falou: o que que você tem a dizer? Ah, o Exu, quem não conhece. Bom, muitas casas dizem que o Exu faz mal, ele é (...) uma entidade do mal, eu estou aqui para dizer que não. Afirmo e reafirmo isso, ele não é para fazer mal, quem faz o mal é as pessoas, dependendo de cada mãe de santo, de cada pai de santo, na realidade vai dar ousadia para ser feito esses trabalhos de dano ou não, mas isso

não são, o Exu que faz o mal, que isso fique claro. No momento que é feito um trabalho de dano, quem cuida do trabalho de dano é o egum. O egum o espírito sem luz, aquele espírito que não tem evolução, que não tem entendimento, que não sabe que dentro dessa terra tem o prós e o contra, ou seja, quem bateu levou ou porque que esta acontecendo tudo isso. Então os nossos Exus aqui, eles tem ênfase a trazer o melhor para cada um de nós, né? Assim como eles são tratados. Ao Exu ele nos da conforme eles são tratados, se eles pedem o mal, se eles, quem comanda a casa o pai de santo, a mãe de santo não cuida, na realidade ele só tem a tendência a piorar. A decair a casa dele, a viver na miséria, a viver é... perambulando. enfim... decaindo e decaindo. Quando (...) os feitores, os dirigentes da casa não deixam com que isso aconteça, na realidade eles tem crescimento o tempo inteiro, porque? Porque o Exu ele quer crescer também. Como ja falei toda a entidade quer dar crescimento ao seu aparelho dando, dando crescimento ao seu aparelho, porque ele vem trabalhar dentro do nosso corpo. Assim ele, (...) dando crescimento ao aparelho, ele esta tendo luz (...) e glórias. Então cada vez mais ele esta se evoluindo. Ele esta determinado e muitas vezes não voltara mais a fazer parte daquela mesma, eh... daquela mesma ciara, daquele mesmo terreiro. Então o Exu ele é força, ele é determinação, né? Força, determinação e entre energia positiva. Podendo estar na maior tristeza, mas o Exu ele vem para tirar nossas maiores angustias, ele vem para nos dar caminhos abertos, né? Então é isso, o Exu é propriamente isso: determinação, a conquista de tudo que nós queremos de melhor, porque nós somos terrenos e nós queremos dinheiro, nós queremos amor, nós queremos (...) saúde, nós queremos o melhor para nós. Então ele tem força de (...) impedir o mal e nos da tudo aquilo que nós merecemos.

E: E aqui quando acontece os rituais de Exu, da Linha de Exu, qual a primeira coisa que acontece aqui dentro da casa, como que desenvolve esse ritual, se começa falando, se tem passe no meio, se não tem e qual seria assim: o início do ritual de Exu e o final, se acontece só nos sábados, se acontece antes?

A: Na realidade, (...) dependendo do médium, como eu te falei... Vamos dar um exemplo: (...) a moça que, quem comanda a porta, quem cuida da porta, (...) do nosso terreiro que a gente chama as fichas, ok? Pra que o passe seja dado, ta? Essa menina na realidade ela acredito eu, ter ficado bastante contente, porque ela

não analisou que ela estava (...). Ela não se deu por conta que ela estava sendo analisada o tempo inteiro, porque nenhuma entidade dela tinha parado. (...) Então a análise sobre ela, sobre a pessoa dela, sobre a índole dela, tipo uma pessoa pobre, né? Que passa algumas necessidades assim, tipo pra criar dois filhos pequenos, cuidar da casa, esposo, hm... uma mulher que não tem riqueza, né? (...) De uma grande postura assim de mulher, de menina, né? É uma mulher então, mães de filhos. Bom, (...) os rituais começam exatamente por ai, né? Exatamente nós observando, nossas entidades observando essas pessoas, os atos dessa pessoa, como essa pessoa se porta, como essa pessoa cumprimenta ao povo de Exu, como essa pessoa hum... Na realidade, ela tipo, ela sendo ela: uma mulher casada, mãe de filhos, vem a frente dela. Uma mulher, com uma postura de mulher que afronta de certa forma, aquilo que uma dona de casa é, (...) afronta em algum sentido, dependendo do discernimento de cada pessoa, entendeu?

A: Sim

E: Então isso é ter uma postura pra começar o ritual de Exu: uma mãe de família, uma mulher, eh... vendo as outras com decote, (...) uma saia rodada, uma flor no cabelo, um chapéu, enfim... o fetiche das coisas que gostam de usar. A frente dela é que ela vai ficar de uma certa forma, ela pode saber se conduzir a essa dama, né? Dando “Alupandê!” (gesto de esfregar as mãos), “Boa Noite, minha Senhora”, tratá-la com respeito. (...) perguntar qual bebida, se ela esta precisando de alguma coisa. Se encaminhar as pessoas da assistência pra poder tomar passe, assim com essa senhora, enfim... Dando “Alupandê!”, como eu já falei, “Boa noite”, enfim... Então isso. Eh... Como que chegam a frente de cada entidade? Qual o respeito que tem por esses seres? Por esse povo que chega, entendeu? Porque na realidade é um povo mais criticado, não é isso? Tipo quando tu abre uma casa falando: Ah! É Kardec somente ou só trabalha com Orixás, não existe isso na realidade, que fique claro. Que as casas que dizem que elas só trabalham é com, com Orixá, que não, que não corre o axorô. Que o axorô na realidade as vezes se tem a precisão, porque é muita demanda, muita feitiçaria das pessoas do mal, se corre o axorô, que (...) é sem sacrifício algum, tipo pra ter (...) um corte de Exu: é uma galinha, né? Um galo, rapidamente vai se, (...) colocar a, o Obé, né? No pescoço dela, pra que ela em segundos, desfaleça, que em segundos ela já não

esteja mais ali. Já diferenciado, (...) do que se faz uma matança num aviário. Tu bota uma galinha de pescoço pra baixo, ali ela fica agonizando 15 a 20 minutos entendeu? Então tudo isso não, não tem muitas pessoas que dizem: Ah! eu não faço, eu sou Linha branca. Mentira, né? Já, já sabem de várias e várias pessoas, depoimentos de várias pessoas que vieram me procurar ao longo desses anos todos de carteados, ao longo desses anos todos de religião, de pessoas que contaram o que acontecia dentro dessas casa. Enfim... mas o, o, o corte, (...) O respeito começa por aí, o porque. Como é que é o fundamento? Como é que a gente acha que a pessoa está pronta? Na realidade pra ter, eh... uma evolução pra receber essas entidades, começa assim, funcional, como é que vai tudo com essa pessoa, (...) e se a pessoa tem esse discernimento de ter esse respeito, ou seja, nunca nenhuma pessoa vai fumar, vai beber, ou vai fazer algum mal, porque está possuída pela Pomba-gira ou pelo Exu, que isto fique claro. Eles não estão possuídos por nenhum desses seres, eles estão possuídos pela maldade do homem, estão possuído pela maldade da mulher. Então, aquilo a gente espera de cada pessoa que ela coloque lá fora, o que ela é. Então não é... aqui dentro nós não vamos (...) ter uma noção do que a pessoa é, porque ela vem e nos dá "bla bla bla". Nós vamos ver as atitudes tomadas por todas elas, entende? então todas as atitudes faz com que nós aprontamos. Como é que nós vamos fazer que ela está apta a receber? Pela gira dela. Como que vem a conexão de cada Exu e qualquer entidade? Ela vem do chão. Por que ter o pé no chão? Porque também poderia usar a chamada maria mole, que é uma sapatilha, né? Que a pessoa usa. (...) pode usar tranquilamente quem quiser, né? Aqui como é madeira não há necessidade, mas se a pessoa quiser, tranquilamente. mas a energia do povo de Exu como é terra ela vem do chão, então a gente vê a cada gira da pessoa . Porque por exemplo: uma pessoa começa a girar e começa a agarrar nas outras pessoas ou ela começa a tombar (...) a conexão dela, não está propriamente dita dizer que ela está conectada ou deixar o povo fazer o trabalho deles, dentro do corpo dela. Que é quando nosso perísprito sai, pra um novo espírito entrar. Novo: milenar, antigo, Pra fazer o trabalho eh pela gira, começa pela gira, né? que a gente vê a firmeza do médium na na gira dele, não é o tempo também que ele tem que girar. Uma piorra, um peão pra dizer que tu estas (...) com a entidade no corpo, depois do médium pronto, tanto na mesa, quanto no terreiro,

ele pode ser (...) prestado. Que ele esta ali na realidade, pelo passe que é dado, o passe é um grande passo, porque não tem o que, tem pessoas que chegam e a gente não sabe de onde vem, como eu, como o baralho, enfim... A gente não sabe. Então é o passe que o Exu tem que ter grande fundamento. A gira, o passe, (...).. enfim saber também a dose. Ele pode beber também, (...) vamos dizer. Ele pode beber um copo de champanhe, seis garrafas de champanhe e um médium não pode se embriagar automaticamente. O perísprito ele tomou, entendeu? E o aparelho se ele não esta com nada, um problema de saúde ou um problema maior, ou um problema até mesmo de ter feito coisas erradas enfim, ele vai largar seu, seu aparelho, perfeitamente bem muitas vezes pode-se pegar um copo de agua de marola e dar para um Exu beber e a pessoa vai sair completamente embriagada. Isso chama-se o laço. isso chama-se na realidade, a entidade te chamando sua atenção, que você esta fazendo algo de muito errado. Então a, o povo de Exu ele não é bebedeira, ele não é anarquia ele é na, ele não vem na terra para violar as leis do bem, muito pelo contrário. Ele vem pra te fortalecer sobre todas as leis da humanidade, do seu humanos (...) enfim. São características e também esse fundamento dos dirigentes da casa, das entidades dos dirigentes da casa, como eu falei lá no inicio, por tantos anos nós ja recebemos nossas entidades, nós, as nossas entidades de ter o discernimento pra saber quem esta pronto para tal, para tal. (...) Feito eles vão saber quem esta e quem não esta, podendo assim chamar os médiuns durante a semana para que propriamente eles desenvolvam e nos digam o nome das entidades, e tudo mais, assim como pode ser no horário de trabalho. Quimbanda. Porque que a Linha de Exu é mais demorada que as outras? Porque ela é Quimbanda então tem que bem o Sol cair, como eu falei lá no inicio. Os nossos rituais eles começam as 20:30. Nove e pouquinho lá a gente ta começando a chamar os Exus, aquecer a corrente, porque a quimbanda mesmo, ela começa a ser tocada mesmo a partir das 22:00 da noite, né? Que é realmente a Linha do Povo Cruzado. Então a quimbanda ela se fortalece muito a partir das 22hrs ta? (...) Assim todos eles já estão (...) como médium na realidade, quem já recebe, pode ver que parece que seu Exu, sua Pomba-gira, quando chega, parece que chega mais de canto, mais quieto, mais isso, mais aquilo (...). Parece que mais preso para puxar um ponto, mais preso até mesmo pra fazer uma dança a frente do atabaque, que é onde

ele esta. Essa dança em frente ao atabaque, ele esta afirmando seu trabalho em terra, ele esta querendo dizer que ele ta ali pronto pra retirar qualquer demanda, pra retirar as quizilas⁴², pra varrer as energias negativas e assim firmando seu ponto com o aparelho pra que seja feito todas as coisas boas que aquele aparelho é merecedor de receber e assim a casa da qual ele esta sendo muito bem tratado.

E: (...) Qual seria a ultima ação para acontecer um ritual de Exu?

A: Os rituais. (...) A última ação. (...) O povo de Exu deu passe, ele chegou, dançou, enfim... como eu ja disse, né?! toda essa função até chegar as 22:00 do qual a gente, o povo de Exu, nos deixa mais leve, mais solto, por ser Quimbanda, o último feito dele é dar o passe, fez tudo que ele tem que fazer. Novamente ele vem para dançar, dançar dentro do terreiro, em frente do tambor, pra tirar toda a energia que foi colocada e foi depositada dentro daquela casa, porque dar passe e receber várias pessoas com várias demandas. Muitas vezes, pessoas que vem largar coisas, largas coisas negativas para largar dentro do nosso terrero. Muitas vezes nós estamos aqui pra “fazer o bem, sem olhar a quem”, mas existe infelizmente muita coisa da concorrência, né? De um se achar melhor que o outro. Isso é falta de humildade, porque o Sol nasceu pra todos. Então se tu é bom naquilo que tu faz, tu não precisa, na realidade, demandar ninguém. Tu não precisa ir dentro de outro terreiro, pra largar azougue⁴³, né? Como trabalhado, sai varias pessoas, zigura⁴⁴. São infinitas coisas que as pessoas largam, pois enfim,. Isso quando a gente vê, que na realidade o povo de Exu, ele parece mais trincado. Sorri muito depois dele dar o passe, depois dele abrir as portas para fazer a caridade. O povo de Exu ele ri, ele fuma seu cigarro, ele vai beber a sua bebida e ele vai propriamente dançar muito Depois do passe, muito. porque ele, ele, ele, como já falei lá no início. Omolú, né? A Hierarquia. Terra. Ele vem para limpar todas as imperfeições, da terra então ele precisa. O ritual terminando dançar muito, dançar e limpar, deixar o terreiro próspero, limpo, para que assim a partir do domingo e descanso total de todos com exceção do Exu que ele não para nem no domingo. O Exu vai está sempre ele terra. O resto então vem para limpar e para deixar a energia muito boa e muito forte

⁴² Quizila: Tabu, implicância, interdição, indisposição em relação a algo ou alguém, conjunto de proibições. (TERREIRO DO PAI MANECO)

⁴³ Azougue: feitiçaria ruim

⁴⁴ Zigura: feitiçaria ruim

dentro do aparelho. Assim também, tirando as angústias, dando a certeza, das quais eu falei lá no início, dando a certeza, né? Do quê? Para quê a mulher vem? O que a mulher tem que trabalhar e a mulher tem que estudar? Que a mulher ela é igual. Enfim, assim como o homem, enfim. Vêm fazer todo o trabalho, as últimas questões do povo de Exu é: então os dirigentes, os donos da Linha, a hierarquia: Senhor Omolú, Senhor Caveira, geralmente em tempo de almas, em Linha de alma. Se não, Senhor Tiriri e Pomba-gira Cigana Rainha das Sete Encruzilhadas. Ele veem que seus trabalhos foram feitos, já estão prontos, enfim. Assim dando “Boa noite!” e “Está terminado os trabalhos.” Quando eles veem que todos os aparelhos, que cada Exu e que cada Pomba-gira, na realidade, (...) concretizou o seu trabalho naquela noite e que já deixaram pronto para nós prosseguirmos durante a semana. Tanto trabalhando dentro do terreiro, quanto assim prósperos para cumprir com proteção toda nossa semana.

E: Diante do que você me falou, existe algum ritual que não pode faltar dentro da Linha de Exu ou alguma ação dentro da Linha de Exu?

A: O que não pode faltar na Linha de Exu é a segurança quando começa. A segurança. É a segurança dos portões da casa de entrada, as seguranças das portas do terreiro, né? Que os portões são do muro, do começo, da entrada, (...) As portas do terreiro que abre (a primeira porta grande), as portas de todas as peças, enfim que tem. A segurança dentro do assentamento, ta? Que é feito ekós⁴⁵. Enfim. (...) Assim as velas. Chamados os chefes que trabalham na realidade, (...) pra cada coisa, né? Enfim (...) a gente coloca cada entidade, cada Exu, cada Pomba-gira, que as pessoas não sabem, na realidade, para cuidar todo esse ritual, toda essa função de ajudar os dirigentes, né? Para que possam passar de certa forma espiritualmente, o que é que está acontecendo dentro daquela linha. Se houve trabalhos, se houve demandas, se tem algum problema propriamente dito. Então o que não pode faltar segurança. A segurança do início de trabalho e a limpeza na realidade tocada como eu falei, que é realmente os dirigentes vê que cada aparelho ficou muito bem. Por ser, na realidade que se sente realmente uma energia muito forte. Quem trabalha na Umbanda, não tão forte o povo de Exu. Quem trabalha na

⁴⁵ Ekó: É um preparado que tem a função de concentrar as energias negativas como uma segurança do ambiente.

Quimbanda sente completamente diferente eu posso dizer que trabalhei nas duas Linhas, entendeu?

E: E agora pensando para os Pretos-velhos. Agora se você fosse explicar o que seria a Linha de Preto-velho para quem não entendi?

A: Bom, a Linha de Preto-velho, ta? (...) Nanã. Nanã é a Preta-velha, na realidade, mais antiga, né? Nanã Buruquê, a Preta-velha mais antiga. Se começou, na realidade, por ela (...) grandes mestres, né? (...) Junto com Jesus Cristo (Oxalá), os maiores psicólogos, já vistos na terra. Um povo de grande entendimento, um povo que, na realidade, de alguma sabedoria de acolhimento extremo. Falar com os Pretos-velhos é lembrar do colo: do colo da mãe, do colo da vó, da energia de nós falarmos com alguém muito mais evoluído, muito mais discernimento, muito mais crescimento, muito mais. Os avós, os vós, eles foram negros. São negros, não foram, né? Agô⁴⁶, ao povo! Na realidade, negros que foram escravos, que passaram por muita, muita, muita judiação, né? Aí é onde a gente já começa. Eles são início de tudo, eles são início de toda a função religião afro-brasileira. (...) A iniciação de tudo começou como eles, dos quais os sinhozinhos, na realidade, tinha em cada tronqueira, os Pretos-velhos. Chamavam assim de tronqueira⁴⁷. O sinhozinho chamava era a gruta que. Vamo se dizer: tem a gruta de Oxóssi, de Santo Expedito, que é Oxóssi, ta? (...) Tinha a gruta de Oxóssi. Só Pretos-velhos, na realidade, eles já adoravam os deuses, eles já chamavam a todos os Orixás. Cada Orixá (...) tem a sua morada (depois posso dizer cada morada de cada um). Cada Orixá tem a sua morada, nisso eles invocavam a lei da natureza, a invocação dos donos das pedreiras, dos donos da cachoeira, dos donos do mar, da lua. Então, infinitamente eles chamavam esses deuses, quem são os Orixás, e eles embaixo dessas grutas, eles faziam oferendas. Aquilo que, por exemplo, era dado pra eles em um dia de festa dos sinhozinhos, enfim, davam algo melhor para que eles pudessem se alimentar. Então alguns deles ao invés deles comerem, eles colocavam primeiro embaixo da (...) gruta, né? Propriamente dito de um santo da igreja católica. Também uma outra coisa que nós não podemos esquecer. Perdão assim por nós voltarmos! É que tem uma coisa que agora me veio, que nós não podemos

⁴⁶ Agô: Licença (PAI MANECO). Substitui muitas vezes a expressão de pedir desculpas.

⁴⁷ Tronqueira: Lugar onde ficam os guardiões em algum formato específico como imagens representativas.

esquecer: O por quê que imagem de Exus e Pomba-giras eram pintados de vermelhos e com guampas? Porque a igreja católica os pintou assim, tá? Então não tem nada disso, eles não são vermelhos, eles não têm chifres, eles não têm nada disso. Então a igreja católica, assim (...) Como era um órgão dos mais ricos, por ter toda aquela hierarquia de rei e rainha. E assim como começou a religião, pintaram de vermelho, assim como queimavam as bruxas, as pessoas que tinham clarividência, que sabiam mais, entendeu?

Então os pretos velhos é isso que me aconteceu agora, né? De nós termos falado um tempão aqui sobre Exu e eles ainda me colocaram alguma coisa ainda sobre Exu. De não esquecer dessa função de por que que eles são pintados de vermelho, ou muitas vezes assim e tal. O que nossas imagens já não são mais. Então o Preto-velho é extremamente a sabedoria, a evolução, o início de todas as coisas, sem Preto-velho, dentro de uma casa de religião não há fundamento, né? Sem querer desfazer de outras casas, enfim. Existe muita função de nação, somente Orixás. Ai a gente pode dizer que é somente pessoas que querem buscar riqueza para o seu aparelho, os donos, né? Porque como que tu vai tocar uma religião, como que tu começa uma Umbanda. É a religião em todos os, se quem invocou todos os Orixás foram os negros, foram os Pretos-velhos, então, não existe fundamentos sobre o que eles fazem. Mas ok, cada um dentro da sua religião, né? Cada um acredita (...) a gente respeita as crenças de todas as pessoas, mas a religião, ela começa pelos Pretos-velhos, então ele é o início de todas as coisas.

E: E aqui dentro da casa, como é que acontece o ritual de uma maneira geral? Como os filhos se comportam, se acontece movimentações? Como acontece essas movimentações? Qual o início da Linha de Preto-velho e o final da Linha de Preto-velho?

A: (...) Bom, o inícios da Linha de Preto-velho, muita prece, a prece, a minha chamada pra eles. O discernimento para que cada um deles possa fazer seu trabalho, já que na realidade, cada um deles possa ser vistos em grande sabedoria e tem grande sabedoria. Um dos maiores psicólogos, enfim (...) com grande inteligência. Assim eles podendo passar toda essa, toda essa questão de acalmar a seus aparelhos, porque muitas vezes o aparelho esta com problemas, as vezes é um problemas de saúde, as vezes é um problemas de amor, enfim. São humanos

eles tem problemas, então eu peço para que comece tudo isso. Tem a defumação, que se faz, também mais ou menos, como a Linha de Exu. Porque tem muitos pretos velhos que são Cruzados com o Exu, que eles na realidade enviados de Exu, então tem toda a função do cumprimento. Aqueles que são somente enviados de Orixá, enfim. Eles cumprimentam o conga, cumprimentam o atabaque, que atabaque é de Xângo. Assim, propriamente dito, respeitando o atabaque dele, porque Xângo foi músico, enfim. E assim encantava. Encanta, né? (...) Todas as pessoas com suas músicas com as suas benfeitorias, enfim. Então se o Preto-velho ele vem, cumprimenta o conga, cumprimenta o atabaque pra dar cantoria. Por isso que se gosta. Os Pretos-velhos gostam do atabaque mais baixo, mais calmo, que ecoe mais a voz deles do que propriamente o ritual do tambor. O ritual do tambor ele tem que ser mais baixo, porque se não os Pretos-velhos são idosos (...) e como todo idoso ele não gosta de muito baralho, de muito (...) entendeu? De muita agitação, eles são mais calmos. Então a gente já começa na realidade, a receber os vôs. Como dirigentes vem o Vô Jacinto, depois a Vó Rita e automaticamente todas as vizinhas e os vizinhos. Eles já vêm se saudando respeitosamente, já fazendo as cruzadas deles. Quando eles são enviados de Exu eles vão até o assentamento, cumprimentam o assentamento também. Assim pegam suas bengalas, os seus rituais, seus fetiches, que na realidade não são suas guias. Eles gostam de trabalhar com suas guias, eles gostam de trabalhar com o lenço na cabeça, as Pretas-velhas. Os vôs com os seus chapéus, assim como eles fizeram sempre em terra. Então eles gostam de manter de certa forma o seu lenço na cabeça, o seu chapéu, enfim, né? Pelos vôs trabalhar muito pelo Sol, enfim eles gostam dos seus rituais. A guia, na realidade, ela representa a cruzada (...) dos chicotes, porque muitos foram chicoteados, muitos foram pisoteados, machucados, enfim. É como uma retirada (...) de chicotes de energias de mal do homem. Então é cruzar, na realidade, para que o corpo daquele filho ou daquela filha não seja arrebatado pelo chicote do homem, pela a maldade do homem. Então (...) os rituais começam assim, pegando seus apetrechos, eles vem então, assim se cumprimentam respeitosamente. Saudosamente se agachando, geralmente em sinal da cruz, eles fazem a batida deles, é “Saravando!” como eles chamam. Nome “Saravá” é: “Eu te saúdo, meu irmão!”. Enfim, então tem grande (...) tudo tem na realidade um porque deles, né?

Eles vão ser sempre aquela Linha e vão dizer o que é certo e o que é errado de fazer. Eles são sempre aquele vizinhos paciosos. O Exu e as outras Linhas, até mesmo Caboclo, por exemplo, ele não tem muita paciência para te dizer aquilo que é correto ou não. O Exu... Agô! O Caboclo ele não gosta de falar sobre o amor, ele gosta de falar sobre a saúde (...) sobre os problemas, enfim, né? (...) Das coisas que estão acontecendo. Amor já não gostam muito. O Preto-velho já como Exu, ele já fala de amor, ele já fala, enfim, de todas as outras coisas carnis, né? Das pessoas, então eles são mais lentos e eles (...) alguns são mais (...) novos e não tem tanta paciência de esperar, mas eles são, por exemplo, muito lentos em seu discernimento. Se eles gostam de fazer um trabalho que possam falar muito, que possa é dar o porquê de cada coisa. Dar o fundamento, de por que o espelho a frente, o porquê o espelho atrás, enfim. O povo de Preto-velho é fundamento, é a lei de tudo, é tudo onde começa, a onde começou tudo. Então na realidade os nossos trabalhos eles começam assim, também. Como depois de todos, eles vêm fazer os patuazinhos deles, chamados Patuás. Porque eles pegam. Eles podem pegar pitanga que é de lãnsa, né? Pra tirar os eguns e as negatividades. Como a nossa Mãe lãnsã ela trabalha (...) evoluindo (...) eguns, enfim. Não só para isso, mas grandiosa em todas as coisas, assim como todos os Orixás. Mas pitanga, né? Porque como eles são Cruzados também, alguns deles também, mesmo que não sejam Cruzados, podem trabalhar com as folhas, né? Com os galhos da pitanga. Porque a pitanga é de lãnsã, a arruda é mais usada por eles, né? Pra fazer os seus patuás, como por exemplo a comida, quando os Pretos-velhos faziam naquele tempo não existe sal, açúcar. Então eles colhiam as plantas, eles colhiam pimentas, eles colhiam, (...) guiné, eles colhiam o alecrim. Então várias coisas que são formosos, até hoje (...) se tu for fazer uma pesquisa na realidade, tu vai ver a grande sabedoria dos Pretos-velhos, né? Eles sabiam dar gosto e tempero a todas as coisas que eles faziam usando somente as ervas, então eles são mestres em fazer patuás, em fazer comidas, enfim, eles são mestres em tudo o que eles fazem.

E: E qual o ritual que finaliza?

A: Finaliza na realidade, quando também, assim como o povo de Exu, tem grande visibilidade daquilo que está correto ou não, eles ainda sentem a energia. Tipo se ficou algo pairando, eles não gostam muito de (...) demandas, assim. Como

eles tem muita, muita evolução eles pegam, tipo um ranço (como é chamado) daquelas pessoas que não tem o discernimento, a sabedoria e vem para demandar o que eles fazem. Então eles ficam bastante agitados com isso, (...) a preocupação deles é deixar todos descarregados, deixar todos bem. Mas muitas vezes eles vão embora deixando alegria, aquele conselho de vô. Também como eles podem ir embora dando a chamada: “a chamada de apito.” Como a gente chama na terra, a chamada de apito nos seus filhos da casa é dizendo que eles não aceitaram mais, tais coisas, sendo feitas erradas enfim. Então como eles são, na realidade, o início, eles tem esse poder de ditar ordens e leis, né? Claro que como todos, mas eles são mais de bater a bengala (batida na mesa), de que finaliza aquilo que eles fazem ou abençoando e mesmo que eles de a chamada (...) “puxada de orelha”. Eles não estão deixando de abençoar, muito pelo contrário. Eles abençoam e muito porque muito nessas finalizações de puxar de orelha a gente vai pra casa, fica sabendo o que aconteceu e a gente faz muitas pessoas. Sempre acham que, por exemplo, que o Preto-velho diz: “Aquele puxar de orelha, não pode ser para mim. Ah! Vai ser para o meu irmão, isso né?” Ou vai ser pra esse ou vai ser praquela, muitas vezes vai ser pro dirigente, pros dirigentes da casa. Então se eles tiverem que puxar a orelha, eles vão puxar a orelha dos dirigentes da casa na frente de todo mundo, sem fazer nenhum tipo de (...) guardar para fazer isso. Eles vão dizer que ta errado e ta errado e pronto. É assim que funciona e tem que funcionar bem pra que todas as coisas estejam bem, como o início de tudo, então eles são o pensamento de dizer o que ta certo e o que ta errado, o Preto-velho literalmente vem na terra pra isso. Se nos chamarmos na terra para isso, pra fazer algum trabalho, na Linha deles, no dia 13 de maio que assim é comemorado o dia deles enfim. A abolição ali, eles falam sobre tudo isso né? Nesse dia né? Geralmente a gente faz, se não cai no dia deles o sábado, a gente faz um trabalho fechado pra que eles possam vir e contar as histórias deles: Como eles vão vir na terra, o que eles fizeram na terra, como que era, como que funcionava. Então todas essas coisas das quais eu posso te dizer, (...) não foram colidas, na realidade, por (...) internet, entendeu? Que fique bem esclarecido pra nós também aqui. Tudo isso que to falando para nós aqui, eu não colhi nada da internet. Nunca. Estou na frente de Xângo e Xângo é o rei da justiça, o rei da verdade. Eu nunca colhi nada da internet, eu colhi na realidade todo o meu

tempo de prestar atenção quando pequena, por ser boa Cambona, por ter na realidade, porque quando Cambono a gente serve as entidades. Pra gente, enfim, possa estar ali disposta no terreiro para que o passe seja conduzido enfim. Eh.. todas as coisas que eu peguei não foram realmente de internet, foram todas elas vivenciadas e todas elas sentidas, é? Então o povo de Preto-velho ele é isso, ele vem para nos dar fundamento.

E: e existe um ritual específico que não pode faltar em Preto-velho?

A: (Respirada funda) O fundamento.

E: (risos)

A: O fundamento ele não pode faltar ele não pode terminar uma Linha sem um fundamento. Muitas vezes os filhos da casa estão completamente cansados, mas antes de ir embora o Preto-velho ou a Preta-velha sempre vai dar (...) uma parada mais longa, um discernimento mais longo ou mais curto dependendo da necessidade daquele trabalho. Da evolução que ele tem e que ele sente, quando aqui em terra ele chegou e ele viu que a grande necessidade ou curta necessidade do fundamento. A necessidade do fundamento.

E: Mãe, cê quer dar uma pausa? Faltam três perguntas.

A: Não, pode continuar.

E: Deixa eu colocar só a câmera, que ela para num tempo.

A: São grandes as perguntas?

E: Não. Essas são mais, mais simples. (...) Sobre o corpo na Umbanda agora, de uma maneira geral, tá? Qual o seu ponto de vista do modo que o corpo se movimenta dentro da Umbanda. Porque, por exemplo, na igreja católica todo mundo é sentado, ai sobe e desce, sobe e desce (gesto com as mãos). No seu ponto de vista, qual que é esse diferencial da Umbanda e como o corpo está em movimentação dentro desse ritual?

A: Por isso que na realidade que na Umbanda, nós pedimos já pra corrente cantar. Aprender a cantar, ouvir o ponto que é chamado e repetir o ponto. Assim que os filhos da roda já comecem aprender a cantar. “Quem canta seus males espanta”, já começa por ai. A palma (faz som com batida de palma) dependendo de cada uma delas é um chamado, ela dança. É (...) uma movimentação do corpo, é terra, é uma movimentação, ou seja, não se fica numa roda, na realidade balançando a saia pra

fazer bonito. Na realidade a gente mexe o corpo, bate palma, toca o sino ou mãos enfim... não se param pra que na realidade o que vem, a energia toda ela vem pra poder começarmos um aquecimento espiritual. Assim como qualquer aquecimento dentro de uma, de tudo por exemplo, das aulas. Vamos ter uma aula de dança, de qualquer coisa, entendeu? Até mesmo de fazer uma musculação, precisamos de um aquecimento, né? Se não a gente sai todo errado, ou seja, um aquecimento geral para o espírito, não somente pra carne, mas para o espírito. Para nós começarmos (...) a mentalizar, assim já começar o ritual, por isso nós pedimos pra que todos os filhos, ao começar dar prece, né? Quando começa a prece a saudação dos Orixás a prece, o cantar o hino da Umbanda, que se cante com o coração e com a alma, porque Umbanda é coração, é alma, é esse fundamento. No momento que tu não entregar o coração e a alma, tu não vai conseguir na realidade o que eles tem pra te dizer. Tu não vais conseguir sentir a energia de tudo que é nos dado, então é por isso, começa uma função toda desse ritual, depois... que que cê perguntou?

E: É sobre o corpo: Como é que ele se comporta?

A: (...) O corpo. Então o corpo se movimenta sim. Ai (...) na gira vem, as primeiras entidades chegam, assim cada um deles, como falei lá, alguns giram mais na lenta, alguns giram mais rápido, alguns dão duas voltas, três voltas e a entidade já esta ali, ou seja, (...) não tem que girar, girar, girar. Isso é, cada um tem o seu modo de incorporação, pode ser, incorporar até mesmo parado, já porque tu ja deu a iniciação a tudo isso. Se tu na realidade começar uma concentração muito bem feita e a tua mentalização for a Deus, Zambi (como nós chamamos). A Deus, Zambi, fazer os nossos pedidos, entregar nosso corpo aquele momento pra que nós sejamos aparelhos aqui, pra que nós possamos, pra que nosso corpo possa refletir a imagem do Grande Pai, pra fazer o bem, pra fazer a caridade. Então tu pode dar algumas giradas, não pode girar muito, porque a tua entidade está muito firme no teu corpo. Está muito contente com tudo e muitas vezes a gente esta com bico, esta cansado e a gente pode, nós carnais, nem movimentar o nosso corpo e as vezes nossas entidades giram muito. Muitas vezes os nossos aparelhos podem não (...) estar em perfeitas condições e dar meia volta e já está pronto, porque já esta conectados (gestos de estar dedos), então é completamente conexão. É completamente a entrega. Por que que, na realidade, fiel dentro da igreja, como a

gente diz: Ah! Porque o padre ele pega só o dízimo e o fiel fica sentadinho. Bom ele ficar sentadinho e levanta e ajoelha... Dependendo da conexão dele, ele tem que estar conectado com Deus, Zambi. Então ele vai receber tudo aquilo que ele está pedindo. Então o dízimo que foi entregue, não compete ao fiel, compete ao padre, reverendo, (Como eles chamam enfim) que vai fazer com isso: Ir para a igreja, se não é. A mesma coisa na lei da Umbanda, Cada coisa que te traz para cá, quem vai ter que pagar ou não pagar de certa forma o dízimo, que se... aqui não existe dízimo. Mas tipo, é porque eles pedem tanto. O fiel foi lá e depositou. Eles vão fazer uma colheita como se chama lá, aí o fiel foi lá e deu R\$ 100,00. O fiel acredita que dando R\$ 100,00 vai fazer uma grande diferença, mas Deus aceitou aquilo. Mas Deus não precisa de R\$ 100,00 fica para o padre, entendeu? Então por quê? Porque eles não têm trabalho como nós temos. Foi a tua pergunta: sobre o porquê que eles na igreja, eles sentam e ora ali. Tem isso, tipo: o fiel ele vai receber porque está conectado com Deus. Automaticamente ele ta nos: senta e ajoelha enfim e ele ta conectado com Deus. Ele vai receber conforme a conexão dele. Nós aqui vamos receber conforme a nossa conexão, né? O que o padre faz lá não interessa. Tem muitos pais de santo que inventa isso, que inventa aquilo outro, o problema é dele quem vai ter que acertar contas com Deus, com Zambi, com o Povo Espiritual, enfim. É eles, não as pessoas, que estão fazendo as suas coisas.

E: No sábado quando a gente vai iniciar, de uma maneira geral, qualquer Linha e tal. Qual é a ação inicial que começa o trabalho no sábado e qual é que finaliza o trabalho no sábado? De uma maneira geral, em todas as Linhas.

A: Em todas as Linhas? Doação, né? Ela começa com a doação toda e qualquer Linha. Doação sempre. Por que na realidade, a nossa doação ela começa no momento de muitos de vocês serem jovens, num sábado deixar de ir numa festa, deixar de ir prum aniversário, deixar de estar com família, deixar de estar com namorado/namorada, enfim... Fazendo várias coisas carnis e estão aqui por algumas horas se doando. Emprestando o corpo ao Povo Espiritual pra que se cumpra (...) um ritual, pra que se cumpra, na realidade, caridade: A doação. Nós, primeiramente, nós temos que nos doar, porque não adianta tu vir dentro da religião e não estar de coração... É melhor não vir. (...) Se tu tiver em dúvida: de tu estares ali dentro ou de estar numa festa? Vai para a festa. Automaticamente isso, se tu

estas, propriamente, fazendo aquilo de coração ou de 100%. (...) Se tu ta na dúvida de: vir pra cá ti doar, pra fazer a caridade “sem olhar a quem”, então não faz. Por que aqui tu vai gira, tu vai cansar, tu vai ter que ser palestrando por várias horas, tu vai ter (tuas entidades), enfim... Tu vai ter que te doar. Muitas vezes (...) a gente. Como aconteceu comigo dentro desse ano perdi uma sobrinha, perdi vários familiares, enfim. Tive que. Várias coisas aconteceram, vários filhos também aconteceu. Várias coisas que foi ano, enfim, de que não estava bem, acabar indo morar com Deus, né? com Zambi. E a gente aqui muitas vezes chegar e olhar: e o coração ta dilacerado da perca. (...) Muitas vezes ansiosos com problemas, porque nós vimos muito nosso irmão, nossa mãe, a nossa irmã chorar e os problemas familiares, enfim. E nós vamos ter que botar todo este problema no bolso pra bater palma, pra sacudir o corpo, pra receber os Pretos-velhos, pra receber os Ciganos que: são alegres, muito alegres, felizes. Os Baianos que vem com todo uma ginga, enfim (e todos eles têm). O Exu que é pra quem não entende, acham que é orgia. Então aconteceu. Eu posso dizer, porque aconteceu comigo, logo após a perca da minha sobrinha. Os primeiros trabalhos. O primeiro trabalho foi uma Linha de Exu, então eu tive que, na realidade, pedir discernimento, porque obviamente o Exu não gosta da pessoa chorona, da pessoa frágil. Não que ele não goste, ele quer que evolua, entendeu? Então ele (...) pede, na realidade, um discernimento de saber que, todo o povo, de saber que... Veja bem: que nós temos que ter o entendimento e a humildade de saber de quem manda na terra é Deus. Quem manda em tudo é Deus. Quem faz, quem nos da permissão de nós termos um conga, uma casa, fazer esse trabalho: é Deus. Ele nos da o discernimento, nos da a liberdade, nos da a abertura, ou nos fecha as portas, é Deus. Deus. Zambi quem manda em tudo, enfim. Então (...) se ele nos da essa liberdade, ele sabe a hora de nos deixar na terra ou de nos recolher desta terra. Então nós temos que ter o discernimento e a humildade de engolir o nosso choro, a nossa dor, de engolir o horror que nossos olhos viram, botar o nosso problema no bolso e nos doarmos. Nos doarmos a caridade, nos doarmos ao “fazer o bem sem olhar a quem”.

E: E pra finalizarmos o ritual que não (...) Qual é o marco de finalização dos rituais nos sábados?

A: O marco de finalização. Que tudo tenha corrido muito bem, que os... toda a corrente tenha ficado conectada com todo o povo que chegou ou que todos os médiuns tenham se entregue com essa doação, né? Que tudo tenha ocorrido pelas leis da religião, pelas leis de Deus. (...) Porque existem muitas pessoas que entram desrespeitando, muitas vezes, a Linha de Caboclo, a Linha, enfim. Eles desrespeitam e eles têm a ousadia de, assim mesmo, entrar dentro dum terreiro e pedir o mal. Querer dar o nome de alguém para fazer mal para essa pessoa. (...) Aqui o sagrado para nós é, na realidade, primeiramente, passado a todos os médiuns: É a lei de Xângô. Justiça sempre. Se tu deu um tapa e tu recebeu outro e vice-versa, tu tem que saber o porque que tu fez tal coisa e se tu é merecedor de pedir justiça ou não. Porque muitas vezes tu levou um tapa porque tu desrespeitou, não com as mãos, mas verbalmente. (...) No teu posicionamento, tu ofendeu gravemente aquela pessoa. Se tu pedir justiça a Xangô ele vai ter repartido esse feito, por ti, entendeu? Pra os dois. Então quando o médium, na realidade, esta (...) com sua incorporação é esse pedido e ele tá ali contanto aquela grande trajetória enfim. (...) O “grande Q”: todas as entidades. Dizer se vós acha que, na realidade, esta sendo tão injustiçado peça justiça a Xangô. Então, a lei da Umbanda, justiça também, acima de todas as coisas, se tu fez por merecer ou não. Então, se Xângô achar que tu fez algo de negativo, ele vai, enfim, fazer a lei da justiça é como tudo na terra. O trabalho é encerrado: existe a lei do retorno. Não existe ninguém que faça o mal e que não receba o mal. Não existe ninguém que faça o bem e não receba o bem. Não existe céu e inferno. O céu e inferno são aqui mesmo: “Aqui se faz, aqui se paga”, “Aqui se colhe, aqui se planta”. Então o ritual, todo o nosso trabalho, é propriamente dito: “Colherás aquilo que tu plantares.”

E: Da minha parte é só isso, mas algumas coisas para dizer? (risos)

A: Não. Então na realidade...